



UNIVATES

UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI - UNIVATES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO -
MESTRADO

**E SE EU NÃO FOR UM HOMEM COM “H”? AS NARRATIVAS DE SI DAS
TRANSMASCULINIDADES DO VALE DO TAQUARI/RS**

Tainã de Souza

Lajeado/RS, dezembro de 2025.



Tainã de Souza

**E SE EU NÃO FOR UM HOMEM COM “H”? AS NARRATIVAS DE SI DAS
TRANSMASCULINIDADES DO VALE DO TAQUARI/RS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ambiente e Desenvolvimento, da Universidade do Vale do Taquari - Univates, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof^a. Dra. Fernanda Storck Pinheiro

Coorientador: Prof. Dr. Cândido Norberto Bronzoni de Mattos

Lajeado/RS, dezembro de 2025

Tainã de Souza

**E SE EU NÃO FOR UM HOMEM COM “H”? AS NARRATIVAS DE SI DAS
TRANSMASCULINIDADES DO VALE DO TAQUARI/RS**

A Banca examinadora abaixo aprova a Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento, da Universidade do Vale do Taquari - Univates, como parte da exigência para a obtenção do título de Mestre em Ambiente e Desenvolvimento, na área de concentração Espaço, Ambiente e Sociedade:

Prof^ª. Dra. Fernanda Storck Pinheiro
Universidade do Vale do Taquari - Univates

Prof. Dr. Cândido Norberto Bronzoni de
Mattos
Universidade do Vale do Taquari - Univates

Prof^ª. Dra. Luciana Turatti
Universidade do Vale do Taquari - Univates

Prof^ª. Dra. Angélica Vier Munhoz
Universidade do Vale do Taquari - Univates

Prof. Dr. Murillo Medeiros Carvalho
Universidade Federal da Bahia

Lajeado/RS, dezembro de 2025.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos não falam apenas sobre a alegria em desenvolver esta pesquisa. São fruto de anos de lutas intermináveis e cruéis, para me afirmar enquanto pessoa digna de humanidade e de vida. Por isso, o desenvolvimento deste trabalho é por mim,

Por Paulo Vaz

Por Demétrio Campos

Por João Nery

Por Thiago

Por Henrique

Por Jullyane

Por aqueles tantos que não estão mais aqui...

Mas também

Por Matteo

Por Welli

Por Thomaz

Por Cléo

Por Leonna

Por Noah

Por Dandara

Por Matthew

Por Naitan

Por Júlia

Por Caio

Por Lucas

Por Arthur

Por Luísa

Por Gabi

Por Giseli

Por Rafael

E por todos aqueles que estão aqui e que lutam ao meu lado por um futuro onde nós, pessoas trans, possamos sonhar. É difícil encontrar belezas ao longo do caminho quando ele é cercado por obstáculos, mas se olhar bem e se tiver a sorte de cruzar com as pessoas certas, a vida fica mais fácil e até boa de ser vivida. Esta pesquisa é minha maneira de agradecer, de reverenciar, de reconhecer e de lutar. Lutar por minha existência, pela vida daqueles que ainda a possuem e pelo reconhecimento da história daqueles que já não estão mais aqui.

Agradeço ao universo por cada oportunidade que tive e sigo tendo. Agradeço à minha mãe, minha irmã e meu padrasto que, com todo amor, sempre me acolheram e me amaram incondicionalmente, me mostrando o que o respeito e o afeto significam. Agradeço aos meus familiares e aqui não aqueles de sangue, mas aos que fiz ao longo do caminho.

Agradeço, ainda, à minha orientadora Fernanda Storck Pinheiro e meu coorientador Cândido Bronzoni de Mattos que, com muita generosidade e paciência, me deram suporte em todo o trajeto de pesquisa. E a Rafael Ferreira por todas as trocas e todo suporte que tem me dado ao longo do caminho. Agradeço à Capes pela bolsa que possibilitou a realização desta pesquisa.

Agradeço, ainda, pela oportunidade de estar vivo e poder mostrar ao sistema¹ (sim, com c!) que um corpo transgressor, como o meu, pode ocupar o espaço que quiser.

¹ O termo cis-tema, (cis)tema ou até cistema é um jogo de palavras que aparece em diversos textos acadêmicos que versam sobre a transgeneridade, inspirados em Viviane Vergueiro (2015), que, em sua dissertação de mestrado, correlaciona as palavras sistema e cisgeneridade para demarcar a dominação da cisgeneridade e seu caráter sistemático e compulsório nos corpos e nas vivências humanas.

[dura] re-vivência do que grita kika sena

“tacaram pedra na minha cabeça

tacaram pedra na minha cara

tacaram pedra na minha boca

tacaram pedra no meu sorriso

[...]

tacaram fogo no meu cabelo

tacaram fogo na minha pele

tacaram fogo nos meus olhos

tacaram fogo na minha respiração

tacaram fogo na minha voz

logo, não puderam me deter”

[...]

eu fui apedrejado

nos olhos, na boca, nos braços, na carne

eu fui queimado

no dorso, no osso, rente ao que pulsa como uma mão cheia de

sangue

eu fui calado, açoitado, diminuído

eu fui humilhado

me puseram num tanque

com tubarões há dias sem comer nada

me puseram num tanque

[...]

e trancaram por fora

e, com o pouco do ar

eu gritei

[...]

até que o vidro estilhaçou

logo, não puderam me deter

*invadi seu terreno hostil com minha pele que reluz
e ecoei o canto dos desvairados
em cada porta eu gritei
que eu vivo
eu vivo
eu estou vivo
eu não morro com a pedra
eu não morro com o fogo
eu não morro com a água
eu não morro
porque mais de mim existe
e todos aprendemos a gritar
a fortalecer o corpo para resistir a você
já que você não resiste
você
não
resiste
a nos massacrar*

*minha saliva escorreu pela sua televisão
meu corpo foi pintado em 3D na avenida
meus olhos te encaram e é você quem desvia
porque você teme*

quem eu sou

*quando eu desvio do que você conhece
você teme
quando eu reconheço que também sou
você teme
quando eu grito que esse peito suas facas não cortam
você atravessa a rua
e finge
só finge*

*que não existo
que não existimos
que não tomamos sua rua
seu bairro
sua cidade
seu país
seu mundo
e fizemos dele nosso também*

*porque eu caibo nesse universo
a minha voz ecoa
no seu rádio de pilha
e os tubarões agora
moram em mim.*

(Rodrigues, Esteban, 2021,p.41)²

² Nascido no subúrbio ferroviário de Salvador, Esteban Rodrigues era personagem que ganhou(ei) vida. Há 14 anos me reconheço poeta, há 24 anos me transformo poesia. Professor, porque nem só de estrofes viverá o homem. Pesquisador, porque toda prática se torna teoria. Homem trans, homem negro e quase um lutador de UFC contra o sistema que insiste em tentar me derrubar todos os dias.(Esteban Rodrigues, 2021, p.57)

RESUMO

Desde 2008 o Brasil é considerado o país que mais mata pessoas trans no mundo de acordo com levantamento realizado pela Organização Não Governamental *Transgender Europe* (TEGEU, 2025), entre os efeitos da transfobia estrutural, que cerceia nossa comunidade no país, estão a marginalização, o apagamento das nossas existências e de nossos corpos, o baixo acesso à educação, à saúde e à cidadania. Este trabalho tem como objetivo compreender e registrar as linhas da vida de um grupo de pessoas transmasculinas no Vale do Taquari, uma região localizada na parte central do Rio Grande do Sul, escrevo esta dissertação, enquanto pessoa integrante da comunidade trans que habita este recorte territorial e busco assim estratégias que possibilitem que as vozes de minha comunidade sejam reconhecidas e validadas. Para construir a pesquisa fiz três movimentos metodológicos, primeiramente, realizei um mapeamento das pesquisas relacionadas à temática na região, através do qual pude perceber que as vidas transmasculinas são invisibilizadas ao ponto de não serem reconhecidas enquanto uma possibilidade nem dentro da própria comunidade LGBTQIAPN+. O segundo movimento foi o de construir um referencial teórico baseado nos estudos *queer* acerca do conceito de gênero, através do qual é possível apresentar ao leitor as amarras ciscoloniais que cercam os corpos cis e trans, através da construção de discursos, normas e padrões rígidos que hierarquizam os corpos e as existências. Para finalizar, entrevistei quatro pessoas transmasculinas com o objetivo de registrar e analisar suas linhas da vida à luz dos estudos *queer*. Através deste estudo, foi possível compreender que as experiências trans são diversas e que o binarismo de gênero, pensado a partir de uma perspectiva ciscolonial, não passa de uma utopia utilizada em no jogo de poderes responsável por colonizar corpos.

Palavras-chave: Transmasculinidades; Vale do Taquari; *Queer*; Linhas da vida; LGBTQIAPN+.

ABSTRACT

Since 2008 Brazil has been considered the country that kills the most transgender people in the world, according to a survey conducted by the non-governmental organization Transgender Europe (TEGEU, 2025). Among the effects of structural transphobia, which restricts our community in the country, are marginalization, the erasure of our existence and our bodies, and limited access to education, healthcare, and citizenship. This work aims to understand and record the life stories of a group of transmasculine people in the Vale do Taquari, a region located in the central part of Rio Grande do Sul. I write this dissertation as a member of the trans community that inhabits this territorial area and thus seek strategies that enable the voices of my community to be recognized and validated. To construct the research, I took three methodological steps. First, I mapped the research related to the theme in the region, through which I realized that transmasculine lives are invisible to the point of not being recognized as a possibility even within the LGBTQIAPN+ community itself. The second step was to construct a theoretical framework based on queer studies about the concept of gender, through which it is possible to present to the reader the ciscolonial bonds that surround cis and trans bodies, through the construction of discourses, norms, and rigid standards that hierarchize bodies and existences. Finally, I interviewed four transmasculine individuals with the aim of recording and analyzing their lifelines based on queer studies. Through this study, it was possible to understand that trans experiences are diverse and that gender binarism, conceived from a ciscolonial perspective, is nothing more than a utopia used in the power game responsible for colonizing bodies.

Keywords: Transmasculinities; Vale do Taquari; Queer; Lifelines; LGBTQIAPN+.

ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

CAPES - Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior

IBGE - Fundação Instituto Brasileiro de Geografia Estatísticas

LGBTQIAPN+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans, Travestis, *Queer*, Assexuais, Pansexuais, Não Binárias, ...

OAH - Observatório Andreson Herzer

ONG- Organização Não Governamental

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TGEU - *Transgender Europe*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FOTOS

Foto 1 - Primeiro PiqueTrans	6
Foto 2 - Meu corpo é meu.....	35

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Monitoramento de Assassinato de Pessoas Trans.....	16
Figura 2 - Captura de tela do Google ao pesquisar “Brinquedos de menina”.....	32
Figura 3 -Captura de tela do Google ao pesquisar “Brinquedos de menino”	32

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	4
RESUMO.....	9
ABSTRACT.....	10
ABREVIATURAS E SIGLAS.....	11
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	12
SUMÁRIO.....	13
1. INTRODUÇÃO.....	1
2. NUNCA FOMOS INVISÍVEIS, SOMOS INVISIBILIZADOS: CARTOGRAFAR AS LINHAS DA VIDA.....	3
2.1 Vale do Taquari: o território, e a produção da invisibilidade.....	3
2.2 A cartografia e a potência do caminhar.....	5
2.3 Trajeto da pesquisa.....	11
3. BASTA OLHAR PARA VER: SEMPRE ESTIVEMOS AQUI.....	14
3.1 Raízes invisíveis? transmasculinidades, território e (r)existência....	14
3.1.1 Entre a margem e o espelho: a (in)visibilidade de pessoas trans no Vale do Taquari.....	20
4. CORPOS TRANSGRESSORES: O GÊNERO ENTRE O MONSTRUOSO E O PERFORMÁTICO.....	26
4.1 O controle dos corpos e das sexualidades: Foucault e a História da Sexualidade I.....	26
4.2 O gênero como categoria de análise: além do estudo das mulheres.....	30
4.3 E depois do gênero, vem o quê?.....	34
5. HÁ VIDA ALÉM DO MEDO: A REINVENÇÃO DAS (TRANS)MASCULINIDADES DO VALE DO TAQUARI.....	39
5.1 Eu estou aqui: o início da linha.....	40
5.1.1 Meu outro nome não está morto, ele vive em mim.....	44
5.1.2 E pra que servem os banheiros?.....	46
5.2 Vestir a si mesmo: quem é Otávio?.....	48
5.3 A descoberta do que sou: quem é Ícaro?.....	58
5.4 Eu sou muitas coisas: quem é Cristian?.....	66
5.5 Nós fomos os primeiros: quem é José?.....	75
6. INFÂNCIAS, GÊNERO E O NÓS: O QUE NOS APROXIMA?.....	83
6.1 Infâncias: o início.....	84
6.1.1 Devir: um horizonte trans.....	91
6.2 O gênero: eu no mundo.....	93
6.3 O nós: e se eu não for um homem com H?.....	99
7. A VIDA SEGUE: O RESSOAR DA PESQUISA.....	101

Referências.....	103
APÊNDICES.....	111

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa versa sobre as vivências de um grupo de pessoas transmasculinas³ do Vale do Taquari⁴, Rio Grande do Sul, região sul do Brasil, o país que mais mata pessoas trans desde 2008, de acordo com pesquisa realizada pela Organização Não Governamental *Transgender Europe* (TGEU, 2025). O problema central desta pesquisa, pergunta que segue ecoando mesmo após a conclusão desta etapa, é: quais são as linhas da vida de um grupo de pessoas transmasculinas no Vale do Taquari?

Desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento da Universidade do Vale do Taquari - Univates, na linha de pesquisa de Espaço e Problemas Socioambientais, este trabalho tem como objetivo compreender e registrar as linhas da vida de um grupo de pessoas transmasculinas no Vale do Taquari, uma parcela da população que está constantemente em processo de marginalização e apagamento.

Como resultado da invisibilização das pautas relacionadas à população trans, poucos são os trabalhos acadêmicos que abordam a temática no Vale do Taquari. Sendo assim, com o objetivo de mapear as produções acadêmicas relacionadas à população LGBTQIAPN+ na região, em um primeiro momento realizei uma busca bibliográfica com os descritores “LGBTQIAPN+ Vale do Taquari” em quatro buscadores online. Na data em que realizei a pesquisa, no primeiro semestre de 2024, apenas onze trabalhos foram encontrados na base de dados da Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações, do OasisBr, do Portal de Periódicos Capes e do site de trabalhos acadêmicos da Univates, dos quais somente quatro se encaixavam nos critérios de inclusão.

Outro ponto que merece destaque é a não existência de um mapeamento oficial da população trans em nível nacional até o momento⁵. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2019, incluiu, pela primeira vez, o levantamento sobre a orientação sexual, o qual revelou que 1,8% da população se

³ Termo guarda-chuva para identificar pessoas trans que se identificam com algumas características socialmente compreendidas e construídas como masculinas.

⁴ A microrregião econômica chamada de Vale do Taquari, no estado do Rio Grande do Sul, possui 36 municípios e cerca de 361 mil habitantes (IBGE, 2022).

⁵ Em 2023, o IBGE anunciou que a Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde iria levar em consideração, também a identidade de gênero dos respondentes, porém até o momento da escrita deste trabalho nenhum resultado referente a tal levantamento foi publicado.

identifica enquanto Lésbica, Gay ou Bissexual. Mesmo com o avanço da pesquisa em termos de diversidade, os dados sobre a população trans foram deixados de fora, o que dificulta um reconhecimento dos números reais e a elaboração de políticas públicas voltadas a este recorte social.

A dificuldade de acesso aos números sobre a população trans e a escassez de trabalhos sobre a temática revelam a prematuridade das discussões na região e a relevância do presente trabalho para contribuir para o reconhecimento de um recorte da população transmasculina do Vale do Taquari. Levando em consideração a importância do debate e o objetivo do presente estudo, após o mapeamento das pesquisas sobre a população LGBT do Vale do Taquari nos periódicos anteriormente referenciados, realizei uma revisão bibliográfica com o intuito de compreender o conceito de gênero em uma perspectiva *Queer*.

Após a revisão bibliográfica, utilizei o método da cartografia, para dialogar com quatro integrantes do Coletivo TransFormar⁶, registrei suas linhas da vida em diário de bordo e em áudio e analisei suas narrativas de si, levando em consideração o conceito de gênero à luz do que foi apresentado no referencial teórico, para compreender como ele se manifesta nas linhas da vida dos sujeitos, através de três perspectivas principais: as infâncias, o gênero e o nós.

Além disso, com o intuito de apresentar, também, outras faces da comunidade trans e LGBTQIAPN+ brasileiras, em alguns trechos do texto foram adicionados *links* como [este](#) (já pode clicar) que, ao serem selecionados, direcionam o leitor para vídeos de músicas, literatura, depoimentos e experimentações de artistas e autores trans brasileiros e latino americanos. Acredito na potência da arte e nos movimentos disruptivos impulsionados por artistas trans e, por isso, desejo que a leitura de minha pesquisa seja também um movimento que possibilite o experimentar. Que após a leitura e a experimentação de meu trabalho, o leitor possa compreender e reconhecer um recorte da população trans, e além disso possa fazer uma reflexão sobre as amarras de gênero que moldam, também, a sua própria subjetividade. Boa leitura.

⁶ Primeiro coletivo de pessoas trans do Vale do Taquari.

2. NUNCA FOMOS INVISÍVEIS, SOMOS INVISIBILIZADOS: CARTOGRAFAR AS LINHAS DA VIDA

2.1 Vale do Taquari: o território, e a produção da invisibilidade

De acordo com o Laboratório de Arqueologia do Museu de Ciências da Univates(2025)⁷, o território atualmente conhecido como Vale do Taquari é uma região localizada no centro-oeste do Rio Grande do Sul, formada por 36 municípios e que possui aproximadamente 360 mil habitantes. É nesta região que nasci, cresci e à qual atualmente dedico minha pesquisa. Acredito que para que o leitor possa compreender melhor a realidade vivida por pessoas Trans neste território, é imprescindível compreender os diversos processos de povoamento que aconteceram na região ao longo de sua história, e que influenciam diretamente a maneira com que habitamos este espaço atualmente.

O Vale do Taquari tem como principal bacia hidrográfica o Rio Taquari, que historicamente desempenhou um papel fundamental para o acesso e o povoamento do território, antes da colonização o Vale era povoado por diversos grupos indígenas caçadores-coletores e posteriormente os Jês Meridionais e Guarani. Estes grupos utilizavam o rio como fonte de recursos naturais que sustentavam sua subsistência e organização social. Por volta do século XVII aconteceram diversas incursões dos colonizadores na região, que utilizaram o Rio Taquari como meio de locomoção. Os primeiros registros apontam passagens de jesuítas espanhóis a aldeias Guaranis localizadas no território(Kreutz, Machado, 2017).

Após as incursões dos jesuítas espanhóis, o Vale do Taquari passa a ser gradativamente ocupado por famílias portuguesas como estratégia da coroa na disputa das terras das américas com a Espanha. Estes movimentos de ocupação, tanto espanhola quanto de Portugal culminaram em diversas disputas territoriais com os indígenas que aqui estavam, resultando em massacres em especial dos povos guaranis, que tiveram suas terras ocupadas por colonos, resultando em processos de marginalização de diferentes comunidades originárias (Laboratório de Arqueologia, 2025).

⁷ Site organizado por pesquisadores do Laboratório de Arqueologia da Univates. Para conhecer com mais detalhes a historiografia produzida sobre a região sugiro ler as publicações realizadas no link: <https://ahistoriadovaledotaquari.com.br/vale-do-taquari/>

Com as famílias portuguesas que ocuparam o Vale do Taquari, a circulação de pessoas escravizadas no território passou a ser frequente. Da Silva (2025) afirma que

A sociedade brasileira foi forjada através de corpos escravizados, que plantavam, cuidavam, colhiam, entregavam, preparavam e lavavam os pratos. Construíram as casas, as estradas, eram responsáveis pela manutenção das fazendas, pelo cuidado das crianças e muitas vezes por satisfazer os desejos lascivos de seus donos, e, por isso, engendrando uma sociedade miscigenada (Da Silva, 2025, p.20).

Na região do Vale não foi diferente, com a entrada dos colonizadores, os corpos de pessoas negras escravizadas passaram a circular como mercadoria, a influência da mão de obra do povo preto na construção da comunidade da região foi e é fundamental, porém o passado é constantemente negado, e as “raízes europeias” da região reconhecidas, de maneira recorrente, como as únicas responsáveis pelo que chamam de “progresso”, a sociedade da região nega a participação e a influência histórica do povo preto em sua formação, mesmo que os registros históricos provem o contrário (Koch, 2019).

Apesar dos colonos portugueses serem os primeiros a se estabelecerem no Vale, a influência germânica e italiana na colonização, a partir da metade do século XIX é hipervalorizada. O período possui monumentos⁸ e parques temáticos⁹ em sua homenagem, demonstrando, na construção do imaginário social que o território do Vale do Taquari se aproxima culturalmente do europeu em comparação a um distanciamento da história e da cultura negra e indígena da região.

É possível relacionarmos o discurso e a construção do imaginário social que permeia a identidade étnica do Rio Grande do Sul e do Vale do Taquari, como um resultado das políticas de branqueamento da população brasileira adotadas no período colonial, que tinha como objetivo evitar revoltas da população negra pós-abolição (Kreutz, Machado, 2017). As políticas em questão estão relacionadas à colonialidade do poder, ideia que institui a raça como um organizador social e de divisão do trabalho. Para Quijano (2005) as relações de dominação da branquitude

⁸ Um dos monumentos que homenageiam a migração europeia está localizado na cidade de Lajeado e é conhecido como “Monumento ao Imigrante” confira no link mais informações: <https://www.lajeado.rs.gov.br/noticia/13281/892?titulo=Monumento+ao+Imigrante+restaurado+%C3%A9+transferido+ao+Parque+do+Imigrante+em+Lajeado>

⁹ Na cidade de Lajeado o Parque do Imigrante remonta a organização de uma vila germânica do período da colonização. Confira no link: <https://www.richtergruppe.com.br/artigo/deutsche-kolonie-park-%E2%80%93-parque-historico-de-lajeado-em-miniaturas>

sobre os corpos negros e indígenas tem como base a ideia de raça, na qual o “não branco” seria inferior por natureza e por isso passível de dominação e exploração.

Por isso, a invisibilização e o apagamento sistêmico das comunidades negras e indígenas no Vale do Taquari não pode ser entendido como um movimento espontâneo, mas sim como resultado de um projeto colonial eurocentrado de construção de uma identidade branca nacional. Sendo assim, a colonização do Vale do Taquari não resultou somente no controle dos corpos e da mão de obra, mas também no do imaginário local no qual a existência de comunidades outras como a de negros e indígenas não existe.

Da mesma maneira, a comunidade LGBTQIAPN+ da região foi e é sistematicamente apagada dos dados oficiais, das narrativas e do imaginário da região pela cisheterocolonialidade. Esse é um dos motivos que levaram a construção desta pesquisa, e demonstram sua relevância no cenário atual deste território. Ela surge do vazio, da falta, da busca por encontrar neste não lugar ao qual nossa comunidade é constantemente empurrada, as narrativas que ainda não foram registradas e seguem invisibilizadas. Da mesma maneira que a população negra e indígena fez e faz parte da construção do Vale do Taquari, a população LGBTQIAPN+ tem sua contribuição diária para a manutenção das narrativas e da história local, mesmo que sem o reconhecimento e a visibilidade que são seus por direito.

2.2 A cartografia e a potência do caminhar

Agora que já conhecemos um pouco do território no qual a pesquisa nasce, vamos começar do início: sou um cartógrafo! Desde a escrita de meu Trabalho de Conclusão de Curso em 2022 tenho me apropriado dos processos de construção e desenhos dos trajetos de pesquisa, me alimento das trocas, dos afetos, dos debates que me cercam na academia e na vida. A partir de 2023 o coletivo TransFormar passa a alimentar os movimentos que compõem minha vida/pesquisa. Rolnik (2011) diz que

Tudo o que der língua para os movimentos do desejo, tudo o que servir para cunhar matéria de expressão e criar sentido, para ele [o cartógrafo] é bem-vindo. Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas. Por isso o cartógrafo serve-se de fontes das mais variadas,

incluindo fontes não só escritas e nem só teóricas. Seus operadores conceituais podem surgir tanto de um filme quanto de uma conversa ou de um tratado de filosofia. **O cartógrafo é um verdadeiro antropófago: vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar, transvalorado.** Está sempre buscando elementos/alimentos para compor suas cartografias (Rolnik, 2011, p. 65, grifos meus).

É possível localizar onde começa o cartografar? É possível identificar onde começam os ensaios, os devoramentos, os movimentos “antropofágicos” do cartógrafo? Em meu caso, certamente não começaram com os encontros que realizei com meus pares, eles começam antes, nos primeiros contatos com os sujeitos, que se tornam agentes dessa pesquisa após meu eu cartógrafo ter iniciado seu processo de devoramento dos trans-afetos no início de 2023.

Para Rolnik (2011), o “entender” para o cartógrafo não tem relação com explicar ou revelar os fenômenos, uma vez que não existem hierarquias nas relações, “para ele não há nada em cima - céus da transcendência -, nem embaixo - brumas da essência. O que há em cima, embaixo e por todos os lados são intensidades buscando expressão”.(Rolnik, 2011, p. 66) As intensidades dos encontros com meus pares, a busca por extrapolar o mundo físico e social para habitar também o mundo da ciência, apresentar para a academia as intensidades que vibram e afetam as transmasculinidades em suas individualidades e também no coletivo, me levaram à pesquisa. Através da pesquisa desenho o mapa dos afetos e das vidas possíveis até então invisibilizadas. É através do processo cartográfico iniciado em 2023 que construo meu trabalho.

Assim como na pesquisa de Maria Clara Araújo dos Passos, “[...] o histórico de violência que relatei em algumas passagens não está, de modo nenhum, longe do que vivo e vivi. Inclusive por isso, não pretendo aqui manter a ilusão que a academia sustenta, do distanciamento entre o autor e sua escrita”. (Passos, 2022, p. 25) A minha pesquisa é feita de/por mim na mesma intensidade que sou feito de/por minha pesquisa. Muito além de um problema científico, querer compreender e registrar as linhas da vida de um grupo de transmasculinidades do Vale é um objetivo intrínseco do meu eu, que, assim como os sujeitos de pesquisa, transgride as normas binárias do masculino e feminino, possibilitando e vislumbrando a construção de vivências que extrapolam as amarras sociais sobre os corpos. Da mesma maneira que Benjamin de Almeida Neves(2023), acredito que

A experiência de quem vive a transgeneridade e reflete sobre ela enquanto também um cientista não é a mesma de quem a avalia ou lê sobre ela. Sou

afetado por meus interlocutores e me misturo a eles e a tantos outros homens trans com narrativas distintas. Não sou e não posso ser neutro nesse processo (p.30).

Por isso, além das histórias de vida dos sujeitos da pesquisa, este trabalho é uma autonarrativa, um movimento autobiográfico meu enquanto pesquisador.

A cartografia me foi apresentada como uma das possibilidades de pesquisa em 2023, quando construí meu Trabalho de Conclusão de Curso. Após algumas leituras, decidi que seria a partir dela que minha caminhada enquanto pesquisador aconteceria: me fiz cartógrafo. O método cartográfico, diferente dos processos metodológicos mais tradicionais, possibilita uma relação mais íntima com o objeto de pesquisa, de acordo com Passos e Barros(2009) a cartografia se traça por vestígios, sinais que desenham o caminho da pesquisa, enquanto o ato de investigar transforma o objeto, atravessa o pesquisador e reverbera nos próprios achados, em um fluxo vivo de sentidos.

Sendo assim, ao adotar o método cartográfico como percurso, busco experimentar o trajeto percorrido, ao longo da pesquisa, em conjunto com os meus pares, aqui vistos como sujeitos da pesquisa. Compreendo que, para além do teor científico que este trabalho irá adotar, a humanização e a intimidade com o tema pesquisado, serão diferenciais na busca pelos objetivos estabelecidos.

Outro ponto que me fez pensar na cartografia como um processo potente para compreender e expressar a realidade dos sujeitos da pesquisa é a quebra das barreiras hierárquicas entre pesquisador e sujeito ou objeto da pesquisa. De acordo com Alvarez e Passos (2009) o método cartográfico possibilita e pressupõe trajetos de pesquisa que dissolvam as posições tradicionais e hierárquicas, do detentor do conhecimento/ativo e daquele que é conhecido/passivo. Sendo assim, a cartografia permite e pressupõe trocas que ultrapassam a lógica do pesquisar **sobre** algo ou alguém, já que, no texto cartográfico, o pesquisador pesquisa **com**.

Além disso, o método cartográfico valoriza o trajeto da pesquisa, nem sempre buscando uma resposta para o problema inicial, mas sim o acompanhamento de processos, não buscando a representação dos objetos ou sujeitos pesquisados (Barros; Kastrup, 2009). Sendo assim, não pretendo traçar linhas que endureçam e limitem as características dos sujeitos participantes da pesquisa. A subjetividade que envolve as existências humanas, assim como a pesquisa cartográfica, é um processo inacabado e em constante construção, que tem por desafio criar práticas

que acompanhem os processos de invenção e as formas pelas quais as subjetividades vão sendo produzidas ao longo do caminho (Barros; Kastrup, 2009).

Por ser um processo que se caracteriza como inacabado e em constante produção, a cartografia não pressupõe um método enquadrado e rígido de pesquisa, muito pelo contrário, a possibilidade de construção de processos é uma de suas características que mais me agrada. Na cartografia, “não se busca estabelecer um caminho linear para atingir um fim” (Kastrup, 2009, p. 32), mas sim pistas que possibilitem a visualização do problema de pesquisa ao longo do caminho. E qual caminho é este que percorremos?

Ao trabalhar com a cartografia, pressupõem-se que um processo seja acompanhado de perto pelo cartógrafo, o qual realiza interferências ou não com os sujeitos pesquisados, afetando-se e afetando aqueles com quem pesquisa. A presente proposta faz o registro das linhas da vida de quatro pessoas transmasculinas a partir de uma única conversa com cada uma delas. Ao se deparar com essa informação é possível que o teor cartográfico deste trabalho seja questionado. Qual foi o processo acompanhado por mim, enquanto cartógrafo? Porém, é preciso compreender que o trajeto de construção da presente pesquisa não tem como movimento de pesquisar apenas este único encontro, bem como a minha relação com meus pares de pesquisa não se inicia neste momento. Ela é anterior.

No final de 2023, depois de muito tempo tentando me encaixar em grupos sociais e coletivos, resolvi criar, com um grupo de amigos transmasculinos, o primeiro coletivo trans da região do Vale do Taquari. Em dezembro do referido ano, surgiu o Coletivo TransFormar, através do qual pude me conectar com outras pessoas trans, criando um laço afetivo e de acolhimento. É através do Coletivo que nutro os meus dias e a esperança, por saber que nossa comunidade está viva, forte e lutando por seus direitos, aqui no Vale do Taquari e no Brasil.

Foto 1 - Primeiro PiqueTrans¹⁰

Fonte: Arquivo Coletivo TransFormar 2024

Certamente o coletivo, as pessoas que fazem parte dele, e quem eu sou após a convivência com esses sujeitos foram decisivos para meu processo de escolhas metodológicas e referenciais durante a escrita de minha dissertação. Hoje, o coletivo conta com vinte e dois membros dos quais selecionei quatro para que possam contar suas histórias de vida. Me parece inapropriado negar as relações e os laços que construí com os sujeitos da pesquisa antes mesmo dela nascer. Faço parte ativa desta comunidade, sou um dos fundadores do coletivo e negar a profundidade de minhas relações com os sujeitos seria como negar o elo que solidifica os processos acompanhados enquanto cartógrafo.

Para Baptista e Bernardo (2020) é através das “aproximações investigativas, [que] o pesquisador vai desenvolvendo algumas atividades iniciais, que possibilitam aproximar-se do campo da pesquisa, sentir e participar de momentos que o conectem com o objetivo do estudo (Baptista, Bernardo, 2020)”. Os primeiros movimentos de encontro com meus pares aconteceram através dos primeiros

¹⁰ PiqueTrans é um evento em estilo piquenique que nós, enquanto coletivo, organizamos para reunirmos, debatermos e celebrarmos nossas vivências. É um evento aberto ao público geral e, neste dia, contou com a participação de um grande número de pessoas trans e cis aliadas.

eventos organizados pelo coletivo, como rodas de conversa, piqueniques, reuniões e churrascos. Neles, o encontro possibilitou a criação de uma rede de suporte, através da qual a solidariedade, as vivências semelhantes e a articulação política acarretaram uma série de resultados, o mais relevante deles foi a criação do primeiro ambulatório de atendimento específico para pessoas trans no Vale do Taquari: o ambulatório Identidade¹¹, que atualmente atende moradores do município de Lajeado.

A cartografia não é um movimento fixo e linear de pesquisa, ela pode sofrer alterações e seu desenho é feito ao mesmo tempo que acompanha os movimentos de mudanças das paisagens às quais se debruça a pesquisar (Baptista e Bernardo, 2020). A construção do trajeto de pesquisa não começa no início do curso de mestrado, começa nos primeiros meses do ano de 2023 quando, em parceria com alguns conhecidos decido fundar o coletivo TransFormar, é a partir desse momento que o desejo por compreender melhor a comunidade transmasculina começa a fazer parte do meu dia a dia, nutrindo pesquisas, interesses, afetos, inspirações e a maneira com que passei a observar o mundo, sempre em busca de sinais de nossa existência nos espaços.

Os quatro sujeitos que participaram da pesquisa adotam identidades transmasculinas, tem mais de 18 anos, residem em algum município do Vale do Taquari e fazem parte do Coletivo TransFormar. É importante compreender que, ao abrir mão de um papel de pesquisador distante e observador, pela proximidade com os sujeitos da pesquisa, adoto uma subjetividade implicada, o que não é o mesmo que adotar uma postura passiva e que aceita, sem análises, as realidades, mas que se interessa e respeita efetivamente os relatos dos sujeitos da pesquisa (Kilomba, 2019).

Minha pesquisa busca compreender e registrar as linhas da vida de um recorte populacional (do qual faço parte) invisibilizado socialmente. É no movimento cartográfico, sem esperar um caminho reto e previsível, que os sujeitos da pesquisa narram e constroem suas existências. E eu, enquanto pesquisador, busco pistas que levem à compreensão de meu problema gerador: Quais são as linhas da vida de um grupo de pessoas transmasculinas do Vale do Taquari?

¹¹ Acesse a matéria completa sobre o Ambulatório Identidade em: <https://www.lajeado.rs.gov.br/noticia/13695/892?titulo=Prefeitura+de+Lajeado+cria+Ambulat%C3%B3rio+Identidade+para+atendimento+de+pessoas+transg%C3%AAnero>

De acordo com Kastrup (2009) o pesquisador, ao suspender sua atenção se volta para dentro, acessando sua própria subjetividade e fazendo relações com saberes prévios, os quais deve descartar e se entregar inteiramente ao problema de pesquisa. Por ser um homem trans, residente no Vale do Taquari, possivelmente muito de meus interesses prévios e saberes acumulados, enquanto sujeito, cruzarão com os saberes e interesses dos sujeitos da pesquisa, e é aí que entra meu papel de pesquisador. De acordo com Kilomba (2019) produzir ciência como sujeito pertencente ao mesmo grupo, etnia e, neste caso, identidade de gênero, dos sujeitos da pesquisa, proporciona uma base rica em que os sujeitos são, de fato, centrais no processo. Respaldo pelas diferentes fontes bibliográficas que compõem minha pesquisa, inteiramente entregue, em minha subjetividade implicada, aos sujeitos da pesquisa, me pergunto, intimamente: será que ao longo do percurso de pesquisa irei compreender como construí a mim mesmo? (Mas isso é papo pra outra pesquisa).

2.3 Trajeto da pesquisa

O subcapítulo a seguir tem por finalidade apresentar ao leitor os passos metodológicos de minha pesquisa, como a produção e análise de dados, a pergunta através da qual iniciei os encontros com os sujeitos da pesquisa, bem como os critérios de inclusão do trabalho e a maneira com que analisei as linhas da vida e as intersecções entre elas. Para construir os registros cartográficos das linhas da vida dos sujeitos da pesquisa inicialmente, o projeto foi encaminhado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Univates¹².

Em um segundo momento, selecionei quatro participantes com base nos critérios de inclusão estabelecidos: ser maior de 18 anos, ser uma pessoa transmasculina, residir no Vale do Taquari e participar do Coletivo Transformar, constituindo uma amostragem por conveniência. Todos os sujeitos da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE, Anexo 1). Em seguida, agendei encontros individuais com cada um deles, através dos quais

¹² Número do protocolo de aprovação da pesquisa (CAAE): 89242625.6.0000.5310

registre suas narrativas sobre suas vidas por meio de anotações no diário de bordo e gravações de áudio, os registros estão identificados ao longo do texto em itálico.

As conversas foram agendadas para locais de segurança dos sujeitos, na casa dos mesmos ou em outros espaços, desde que não causasse ônus de deslocamento para os participantes e não contasse com a intervenção de terceiros. A escolha do espaço foi um elemento central para assegurar que os participantes se sentissem acolhidos e em segurança, criando as condições necessárias para que compartilhassem suas narrativas e abordassem possíveis aspectos sensíveis de suas trajetórias.

Os encontros foram marcados por afetos, trocas e acima de tudo pela confiança, uma vez que todos os quatro realizaram movimentos de entrega à pesquisa, ao construir suas narrativas sobre seus processos de descoberta, de enfrentamento de violências e de conquistas. Como nos revelam Baptista e Bernardo (2020), estes movimentos possibilitam um (re)conhecimento de suas histórias, além da possibilidade de ressignificação e retomada dos sentidos de suas narrativas.

A pergunta central: “Quem é (nome do sujeito da pesquisa)?” guiou os diálogos com o intuito de abrir espaço para que os sujeitos da pesquisa pudessem se revelar não como objetos a serem descritos ou categorizados, mas como sujeitos em constante construção. A partir desse momento, as conversas criaram seus próprios rumos, abrindo espaços para os sujeitos da pesquisa compartilharem suas histórias e vivências, construindo as narrativas de si enquanto constroem a si próprios. Ao longo do texto utilizei pseudônimos inspirados em nomes de pessoas importantes para os sujeitos para identificá-los, as escolhas foram feitas pelos próprios participantes.

Galeano (2015) diz que recordar é voltar a passar pelo coração e durante os momentos de conversa, as linhas da vida dos sujeitos se deslocam, a memória “é e precisa ser imprecisa e inventiva, pois muito da plasticidade da existência cabe a ela” (Nogueira, et al, 2017, p. 476), ou seja, as narrativas apresentadas pelos sujeitos fazem o passado reviver através das lentes do presente, passando novamente a pulsar, agora ressignificadas pelos atravessamentos vividos por cada um.

O que importa ao sujeito é a forma como a coisa foi vivida, ou seja, como determinada vivência progressa compõe com os fatos e elementos afetivos

atuais [...] Lembrar não é *viver de novo*, é construir - sempre de outro jeito - o vivido, que se torna novo, nosso (Nogueira, et al, 2017, p. 476)

A memória reinventa o passado a partir do presente: ela sempre parte do presente. Da maneira com que os sujeitos são afetados por ela no presente. É a partir das memórias que são construídas as narrativas dos sujeitos transmasculinos participantes de minha pesquisa. Suas linhas da vida retratam as diferentes interpretações dos acontecimentos, e esse remontar, essa reinterpretação, por vezes se dá de forma consciente, como verão adiante. Por vezes os sujeitos afirmam interpretar suas vivências infantis ou adolescentes de maneira diferente agora, em função de seu entendimento maior sobre as questões de gênero. Sendo assim, as memórias que antes eram apenas infantis passam a ter um significado outro, agora de reconhecimento de traços de suas identidades já na infância ou adolescência.

Após o registro das linhas de vida de cada um dos participantes me debrucei sobre as anotações e transcrições que resultaram dos encontros. Li estes documentos como quem lê um livro, com atenção, destacando os trechos que me pareceram importantes na narrativa de cada um dos sujeitos e me emocionando com relatos tão parecidos com o que vivo. Após uma leitura deleitosa de cada uma das linhas de vida, passei para o olhar atento, crítico e minucioso que o fazer cartográfico demanda.

Reli cada uma das 57 páginas de transcrições com o problema de pesquisa como um companheiro de jornada, foi ele que guiou e possibilitou a construção de outros questionamentos e a confirmação de algumas hipóteses que surgiram ao longo do caminho. A análise das linhas de vida levou em consideração, também, o conceito de gênero de acordo com os autores estudados, bem como as intersecções entre as infâncias, o gênero e o nós, categorias presentes em todos os relatos. Foi através deste trajeto que tentei responder quais são as linhas da vida de um grupo de pessoas transmasculinas do Vale do Taquari. Porém, acredito que uma resposta fixa e enrijecida não existe para esta pergunta. Os sujeitos se constroem e se reinventam diariamente suas linhas da vida formam rizomas impossíveis de serem totalmente registrados.

Para finalizar, se esta pesquisa é feita de/por mim, que seja composta também por outras pessoas trans brasileiras que admiro. Com o intuito de que o

percurso de leitura seja experimentado de diferentes formas, busco na arte suporte para expressar, problematizar, questionar e pensar o texto acadêmico, mesclado com a realidade da população LGBTQIAPN+ no Brasil para que talvez o indizível faça sentido para quem experimenta o texto. Além de sobreviver, como as estatísticas indicam, a nossa comunidade resiste e vive, canta, dança, escreve e constrói um nicho cultural rico, do qual extraí um pequeno recorte com o qual presenteio o leitor. Que esta experiência **transgressora** possa ser agradável aos sentidos além da leitura.

Para isso, e pensando que este documento será disponibilizado no formato virtual, estão disponíveis em alguns [subtítulos e trechos do texto](#), links de acesso à músicas, experimentações e outras expressões artísticas que auxiliam no processo de visualização das realidades aqui apresentadas. A grande maioria das obras pertencem a artistas trans, sobre a temática trans, para que eu, enquanto pesquisador, não seja o único responsável pela apresentação da nossa comunidade durante o texto. Ao final do trabalho disponibilizei um link com uma playlist no Youtube através da qual o leitor poderá acessar à todos os materiais apresentados ao longo do texto.

3. BASTA OLHAR PARA VER: SEMPRE ESTIVEMOS AQUI

3.1 Raízes invisíveis? transmasculinidades, território e (r)existência

*[...] será que rebeldes somos nós,
transgêneros ou a manutenção de uma
ordem social que busca aniquilar nossas
existências?
(Tedesco, 2022, p.16)*

Mas, afinal, o que são as [transmasculinidades](#)? Eu sei, eu sei, para aqueles que não conhecem a comunidade LGBTQIAPN+, e para aqueles que não estão acostumados com os termos que compõem sua sigla, às vezes, fica difícil de entender, mas vou dar uma revisada com vocês sobre o que significa a letra “T” do LGBTQIAPN+, pois acredito, e espero, que este trabalho “fure a bolha” e que pessoas cis-hétero possam entender, conhecer e respeitar mais a comunidade Trans

através de sua leitura (mas nós, trans, nem sempre vamos servir como Google pra responder tudo, ok? Então não se acostumem).

A letra “T” inclui todas as identidades dissidentes de gênero, ou seja, pessoas trans, transmasculinas, travestis, mulheres e homens trans, entre outras identidades. De acordo com Bento (2008) a transexualidade é caracterizada por expressões de identidades que divergem com as normas de gênero, uma vez que extrapolam as idealizações heterocisnormativas. Nesta pesquisa, meu foco principal são as identidades transmasculinas que, de acordo com Pfeil (2024) fazem referência às pessoas designadas mulheres no nascimento, como os homens trans, as pessoas transmasculinas, boycetas, não-binárias, entre outras.

As vivências das pessoas transmasculinas são sistematicamente invisibilizadas e apagadas pelo sistema no Brasil, pela falta de notícias e de dados, que refletem a negligência do Estado em que o machismo, a transfobia, o cissexismo, o racismo e o capacitismo imperam. Existe uma omissão sistemática e histórica dos transmasculinícios e das violências contra pessoas transmasculinas, contribuindo com a violência estrutural e institucional. (Pfeil, 2024) Sendo assim, alguns dados que irei apresentar a seguir não compreendem a realidade de toda população trans brasileira, mas sim recortes pontuais, uma vez que não existem pesquisas oficiais para mapeamento de nossa comunidade.

Ao perceber a falta de números oficiais e de pesquisas sobre as transmasculinidades, um grupo de transmasculinos, no ano de 2022, fundou o Observatório Anderson Herzer (OAH), o primeiro observatório da América Latina que busca monitorar os casos de violações contra pessoas transmasculinas no Brasil. A proposta recebeu apoio financeiro de uma ONG estrangeira em sua primeira edição, em 2022, mas, por questões estruturais da Organização, não recebeu auxílio para realizar a pesquisa no ano de 2023, sendo este um dos fatores que dificultou a sua realização. Mesmo assim, os pesquisadores voluntários tiveram um alcance de 510 respondentes, sendo sua maioria do sudeste do país (Pfeil, 2024), e é esta a edição que irei apresentar aqui. Pfeil (2024, p.22) afirma que:

[r]econhecemos que o resultado final dessa pesquisa não busca “representar” as transmasculinidades brasileiras, visto que nossas demandas e identidades de gênero são singulares, jamais podendo ser inscritas em um paradigma representacional. [...] No entanto, os dados aqui obtidos podem ser usados como parte de um panorama geral das vivências transmasculinas, na medida em que, invariavelmente, alcançamos uma parcela significativa da população transmasculina brasileira que possui demandas diferentes e, ainda assim, similares.

Por isso, a pesquisa do OAH representa um passo importante no estudo e reconhecimento das demandas transmasculinas no Brasil. Questões como o acesso à educação, à saúde, relações familiares, renda, etnia, entre outras, deram direção para o traçado de um perfil socioeconômico dos respondentes. A maioria branco e com um nível elevado de escolarização com aproximadamente 72,4% dos respondentes apresentando algum nível de formação no ensino superior (Pfeil, 2024), este número contrasta com o divulgado pela ANTRA(2020), que afirma que apenas 0,02% da população trans tem acesso à graduação.

Um ponto destacado pelo Observatório são as relações interseccionais entre raça e gênero. A maior parte dos respondentes que possuíam uma escolaridade menor eram pessoas pretas, pardas, indígenas ou quilombolas, índices que destacam as desigualdades socioeconômicas e estruturais que podem ter relação direta com a maior dificuldade em relação ao ingresso e à permanência em instituições de ensino superior de pessoas transmasculinas atravessadas por outros marcadores sociais (Pfeil, 2024).

O OAH também questionou se os participantes estiveram em situação de rua no ano de 2023, e sete pessoas responderam que sim, sendo elas majoritariamente pretas ou pardas (Pfeil, 2023). Em diversos pontos da pesquisa, os marcadores “gênero” e “raça” se entrecruzam, demonstrando a importância de nos atentarmos aos traços interseccionais quando pesquisamos questões de gênero, uma vez que, em sua maioria, a população trans preta é a que se encontra em maior vulnerabilidade social, de acordo com a pesquisa do OAH.

Ao levar em consideração que a intersecção entre gênero e raça agrava o nível de vulnerabilidade social dos sujeitos, penso ser incoerente falar de vidas trans no Brasil sem abordar o tema da interseccionalidade, que, apresentado em 1989 por Kimberlé Crenshaw, na corrente do feminismo negro norte americano, pode ser utilizada para analisarmos a intersecção de diferentes características e marcadores sociais e seus efeitos na vida cotidiana e social dos sujeitos.

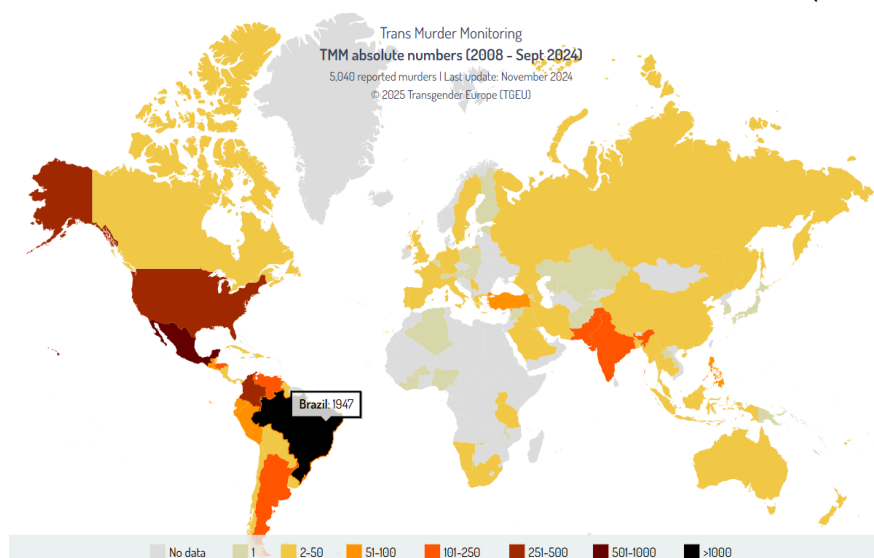
Podemos compreender a partir da interseccionalidade que a [discriminação](#) de gênero atinge mulheres brancas e negras de formas distintas, da mesma maneira que o racismo tem diferentes proporções na vida de homens negros e mulheres negras em função do cruzamento dos marcadores de raça e gênero. Sendo assim, a interseccionalidade expõe a diferença dentro da diferença, entendendo os

marcadores sociais como camadas da construção das subjetividades de cada indivíduo (Crenshaw, 2002).

A interseccionalidade sugere que quanto maior o número de marcadores sociais que o indivíduo carrega (ou melhor, é forçado a carregar), como etnia, gênero, deficiência, pobreza, entre outros, maior o nível de vulnerabilidade social a que ele será exposto. A pesquisa do OAH escancara isso, apresentando uma realidade difícil para pessoas trans no geral, mas que se agrava quando somamos a questão racial. A seguir, irei apresentar outras pesquisas relacionadas ao tema gênero que também levam em consideração os traços interseccionais.

De acordo com a Organização Não Governamental *Transgender Europe* (TGEU, 2025)¹³, no ano de 2024, foram registrados 350 assassinatos de pessoas trans nos 120 países que participaram da pesquisa anual realizada pela ONG. Destes, 94% dos relatos foram de pessoas com identidades transfemininas e 73% ocorreram na América Latina e Caribenha, o Brasil é o líder de assassinatos com 30% dos registros. De acordo com a TGEU, desde o início do monitoramento, em 2008, até o ano de 2024, o país acumula 1947 assassinatos de pessoas trans e travestis reportados, liderando o *ranking* mundial como o país que mais mata pessoas trans entre os países participantes do levantamento, como podemos ver no mapa abaixo.

Figura 1 - Monitoramento de Assassinatos de Pessoas Trans (2008 a 2024)



¹³ A ONG *Transgender Europe* trabalha em parceria com outras ONGs e ativistas construindo um panorama sobre os direitos e o bem estar da população trans internacionalmente. No Brasil, as organizações que trabalham em conjunto com a TGEU são: ASTRA Rio, Grupo Gay da Bahia e Rede Trans Brasil.

Fonte: *Transgender Europe (TGEU) 2025*

A ONG afirma que 93% das pessoas trans assassinadas em 2024 eram negras, com um aumento de 14% em relação à pesquisa anterior. Podemos perceber que a interseccionalidade é um marcador presente nas pesquisas sobre gênero, uma vez que é determinante nas relações e na maneira com que os sujeitos irão passar pelos sistemas de opressão da sociedade. As mulheres trans negras são as mais afetadas pela violência que, além de transfóbica, é racista.

No que tange ao acesso à educação, de acordo com a Associação Nacional de Trans e Travestis (ANTRA, 2020), estima-se que cerca de 70% das pessoas trans no Brasil são evadidas do ensino médio, em razão da violência vivida no espaço escolar. Das que concluem a educação básica, apenas 0,02% acessam a universidade, aumentando a vulnerabilidade social enfrentada por essa parte da população. Em decorrência da falta de oportunidades, a maior parte das mulheres trans e travestis trabalham com a prostituição, sendo este grupo o mais vulnerável quando analisamos os dados do monitoramento de assassinatos divulgado pelo TGEU em 2024, que afirma que 94% das vítimas eram pessoas transfemininas e 46% trabalhavam com a prostituição.

No ano de 2020, o Anuário Brasileiro de Segurança Pública passou a contabilizar os casos de injúria LGBTQIAPN+ e, em seu último levantamento, de 2025, foram publicados os números referentes ao ano de 2024. Dos 27 estados brasileiros, Acre, Amazonas e Rio de Janeiro não informaram dados para a pesquisa. Dos três estados da região sul, Santa Catarina¹⁴ reportou apenas um caso tanto em 2023, quanto em 2024 não sofrendo alteração expressiva. O Paraná apresentou um aumento de 18,4% nos casos reportados e o Rio Grande do Sul teve um aumento de 29%, passando de 292 casos reportados em 2023 para 377 no ano seguinte (Fórum Brasileiro De Segurança Pública, 2025).

Os dados e registros sobre a população LGBTQIAPN+ de maneira geral são escassos e de difícil contabilização, uma vez que não existem órgãos oficiais responsáveis por coletar e mapear informações sobre essa população, tanto em

¹⁴ O baixo número de casos reportados não tem relação com a inexistência de violências LGBTQfóbicas no estado, mas possivelmente indica subnotificação.

relação à segurança pública quanto em questões socioeconômicas. De acordo com Goulart (2021, p. 57):

Como não se trata de interesse do Estado em combater a LGBTfobia, o levantamento desses dados é obliterado; há um grande déficit de captação e publicização desses dados por parte do setor de Segurança Pública .

Sendo assim, boa parte dos dados que utilizo ao longo de minha pesquisa são obtidos através de outras pesquisas acadêmicas e de Organizações Não Governamentais, que buscam compreender melhor as condições socioeconômicas e de violência da população trans no Brasil. As informações se repetem e nem sempre apresentam um número expressivo de participantes nas pesquisas, o que dificulta uma visão mais ampla da situação da comunidade trans do país.

A violação de direitos humanos da população trans no Brasil apresentada nas pesquisas, é resultado da expressão do preconceito e da violência enraizada em nossa sociedade, que acaba por marginalizar aqueles que fogem da cisnormatividade, bem como afeta diretamente a saúde mental desse grupo. Além da violência cometida por terceiros, de acordo com Benevides (2023), o suicídio esta amplamente ligado à causa de mortes de pessoas trans no país. Uma pesquisa do Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania e do departamento de antropologia e arqueologia (2015), ambos da Universidade Federal de Minas Gerais, com um grupo focal de homens trans e transmasculinos, afirma que, ao serem questionados sobre intenção suicida, 87,5% deles responderam já ter pensado em suicídio ao menos uma vez. De acordo com Goulart (2021), os casos de suicídio de homens trans e pessoas transmasculinas são subnotificados pelo Estado e, em grande parte, as identidades das pessoas são desrespeitadas após a morte, seja por familiares ou pela mídia.¹⁵

Por compreender a invisibilidade da nossa comunidade no Brasil de maneira geral, me questiono constantemente sobre a realidade das transmasculinidades do Vale do Taquari. Onde elas estão? Qual é a realidade vivida por elas? A subnotificação e a invisibilidade nos atingem e são escancaradas quando buscamos registros e pesquisas sobre a temática na região. A seguir irei discorrer sobre um

¹⁵ Em 2019 repercutiu nacionalmente o caso de Lourival, um homem trans de 78 anos que após o óbito teve sua identidade de gênero questionada. Na ocasião o programa Fantástico, apresentou Lourival como “mulher que se identificava como homem” invalidando nacionalmente e em horário nobre a história de vida deste sujeito.

mapeamento que realizei no início de 2024 sobre as pesquisas acadêmicas da região que abordam a temática.

3.1.1 Entre a margem e o espelho: a (in)visibilidade de pessoas trans no Vale do Taquari

A região que atualmente chamamos de Vale do Taquari fica às margens do Rio Taquari, na região central do Rio Grande do Sul. Na construção deste recorte territorial, as influências das culturas indígena, africana, alemã, açoriana e italiana (Kreutz, Machado, 2017) se fazem presente. Porém, assim como afirma Koch (2018, p.45) no Vale do Taquari “[é] notória a desconsideração dos indígenas, que mantêm aldeias em Estrela e Lajeado, bem como é desconsiderada a participação negra naquilo lido como ‘progresso’, conceito fortemente vinculado às questões econômicas”. Assim, a região cultiva um apreço incontestável com o que chamam de “cultura alemã”, com poucos registros sobre as comunidades indígenas, negras e quilombolas que aqui estão e historicamente tiveram um papel fundamental na construção da região.

A supressão de dados das populações negras, indígenas e quilombolas na história do Vale do Taquari, se estende, também, para a população LGBTQIAPN+. A fim de compreender o que tem sido produzido sobre o tema na região, neste subcapítulo realizo um mapeamento sobre a temática através do descritor “LGBTQIAPN+ Vale do Taquari” no primeiro semestre de 2024.

Utilizei como fontes os sites Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), os Periódicos da Capes, o site OasisBr e o site de trabalhos acadêmicos da Universidade do Vale do Taquari - Univates, sem delimitar ano de publicação. Na BDTD e nos Periódicos da Capes, não encontrei resultados. No OasisBr, encontrei um trabalho de conclusão de curso e, no site da Univates de trabalhos acadêmicos, encontrei onze trabalhos, incluindo o que constava no banco de dados do OasisBr. Todas as pesquisas encontradas eram trabalhos de conclusão de cursos da Universidade do Vale do Taquari e, a seguir, irei discorrer um pouco sobre as questões apontadas em algumas das pesquisas no que diz respeito à questão de pessoas trans com enfoque nas transmasculinidades.

O critério de seleção dos textos encontrados a partir do descritor “LGBTQIAPN+ Vale do Taquari” foi a menção, ao longo dos trabalhos, de, pelo menos, um dos termos que se referem às pessoas trans¹⁶. Além disso, os trabalhos incluídos na análise deveriam fazer referência direta à comunidade trans do sul do Brasil, com ênfase no Vale do Taquari. Sendo assim, quatro trabalhos foram selecionados para análise.

A monografia publicada no OasisBr é um trabalho de conclusão do curso de engenharia da computação da Univates, e está publicado também no site de trabalhos acadêmicos da instituição, é com este trabalho que inicio as análises. A pesquisa de Junior (2020) propõe a criação de um aplicativo de mapeamento de denúncias de crimes violentos contra qualquer cidadão, o *Safe Space*¹⁷, e inclui a LGBTfobia como um dos crimes passíveis de denúncia através de sua plataforma. De acordo com o autor, “[...] será desenvolvido um aplicativo móvel o qual primariamente oferece a legislação e um mapa geoprocessado com pontos que indicam o número de acontecimentos na região” (Junior, 2020). Além do mapeamento dos crimes, a criação do aplicativo ofereceria suporte jurídico para as vítimas. No que diz respeito às identidades trans, o autor não realiza um desmembramento da sigla, ou seja, ao falar sobre a comunidade LGBTQIAPN+, não se atenta às particularidades de cada grupo que a compõe, não discorrendo sobre a população trans em específico, o termo trans aparece apenas quando Júnior descreve o significado de cada uma das letras da sigla.

A segunda monografia analisada é um trabalho de conclusão do curso de Arquitetura e Urbanismo da Univates, de 2020. O texto propõe a criação de um centro de acolhimento para pessoas em situação de vulnerabilidade social na cidade de Lajeado, com ênfase na proteção de mulheres vítimas de violência. Segundo Gerhardt (2020),

O espaço busca criar uma rede de apoio e proteção a mulheres da região, incentivando o empreendedorismo em busca da independência financeira, além de ser um espaço de propagação e valorização da sua história e cultura.

No que diz respeito à população trans, a proposta de Gerhardt vê a comunidade LGBTQIAPN+ como um movimento convergente das vertentes feministas e, a partir disso, o centro de acolhimento buscaria acolher, também, essa

¹⁶ Como: trans, transgênero, transexuais, homens trans, mulheres trans, pessoas não binárias e travestis.

¹⁷ O aplicativo não está disponível para *download*.

parcela da população. Na escrita da monografia, a autora faz um levantamento de organizações da região que buscam atender às mulheres em vulnerabilidade social, mas não é apresentada nenhuma organização responsável pelo atendimento da população LGBTQIAPN+, nem é realizada uma abordagem mais profunda sobre as particularidades da comunidade.

Indo ao encontro do trabalho de Gerhardt, Petter (2020), em seu trabalho de conclusão do curso de Arquitetura e Urbanismo da Univates, propõe a criação de um centro de acolhimento para pessoas em situação de vulnerabilidade social, como o caso de pessoas em situação de rua, imigrantes e refugiados, “visando a promoção de necessidades básicas do ser humano e a reintegração social, com potencial de pertencimento e convívio a sociedade” (Petter, 2020). A aparição do termo transexual no trabalho de Petter acontece em um de seus apêndices, no qual transcreve a entrevista com a coordenadora de uma associação que abriga pessoas em situação de rua no município de Lajeado. De acordo com a autora, “[a] coordenadora salienta que, desde 2017, o número de vagas solicitadas por mulheres tem aumentado, bem como a demanda crescente da população transexual” (Petter, 2020, p. 148). Sem descrever a população transexual que vêm buscando abrigo na instituição, a dúvida sobre **quem são esses sujeitos** fica sem resposta.

Com o objetivo de “compreender a percepção da população LGBTQIAPN+ do Vale do Taquari/RS sobre a sua representação nas publicidades brasileiras”, a pesquisa de Schwarzer (2021) é a primeira, e única¹⁸, encontrada nos sites de busca que faz uma menção direta e detalhada da população trans da região. O autor aborda as representações da população LGBTQIAPN+ na mídia do Brasil e dá atenção especial aos habitantes deste território. Os dados que foram analisados por Schwarzer são resultado de seis entrevistas com pessoas LGBTQIAPN+ moradoras do Vale do Taquari, dentre elas um homem e uma mulher trans. Levando em consideração que o trabalho de Schwarzer é o único encontrado que apresenta, com maiores detalhes, a experiência de pessoas trans aqui no Vale do Taquari, optei por analisá-lo com maior atenção.

¹⁸ Reitero o recorte temporal das informações aqui dispostas, a pesquisa que realizei foi feita no segundo semestre de 2024, e até o momento Schwarzer era o único a apresentar esta perspectiva em seu trabalho.

Pela extensão do trabalho de Schwarzer e pelo foco de minha pesquisa nas transmasculinidades, irei apresentar apenas a análise do relato do homem trans descrito na monografia, bem como excertos retirados do Apêndice E, o qual contém a transcrição da entrevista completa com o entrevistado. O entrevistado “E”, como é nomeado o participante da pesquisa de Schwarzer, tinha 31 anos no ano da entrevista, afirma ter dois filhos biológicos, frutos de um relacionamento passado com um homem cis. Em um dos trechos da transcrição de sua entrevista¹⁹, ao descrever sua relação com seu pai, que é médico e não aceita sua identidade de gênero, o entrevistado afirma que

[...] o pessoal não entende como eu me relacionei com homem e fui ter dois filhos e depois me assumi trans, mas eu já sabia o que eu era desde os 6 anos de idade, só que queria me enganar, eu queria me colocar na mesma caixinha que todo mundo, me enganar, pensei "não, eu vou ter filho e isso vai mudar minha cabeça", quando meu filho nasceu eu tive mais certeza ainda (Schwarzer, 2021, p. 116);

Ao analisar a fala do entrevistado e as ações que adotou para tentar “se enganar”, percebemos o que chamamos de cisnormatividade compulsória, que “exige que sejamos aquilo que nosso sexo (lido a partir da materialidade dos corpos) dita, quer que encarnemos o gênero associado a nosso sexo” (Ferreira, 2020, p. 118). A partir dessa perspectiva, o entrevistado molda sua identidade em um primeiro momento, tentando se adequar aos padrões impostos pela sociedade e por sua consciência, construída para entender a transexualidade como algo a ser evitado e temido.

Em outro trecho da entrevista, ele afirma que “[o] que eu já escutei foi que eu tenho problema mental, mas é isso, que preciso fazer trabalho, tratamentos psiquiátricos para me curar” (Schwarzer, 2021, p. 115). Essa fala reitera a ideia da cisnormatividade compulsória e do cissexismo, na qual a transexualidade é algo não natural e todos aqueles que fogem da norma, do ponto de vista da biologia binária, seriam doentes, pervertidos e desviantes (Ferreira, 2020). É também interessante analisar as respostas dadas pelo entrevistado “E” sobre as representações da população LGBTQIAPN+ na mídia. De acordo com Schwarzer (2021), ele afirma que se sente representado pela narrativa da mídia sobre o que é ser um homem trans. De acordo com o autor, “[e]le acredita que as aparições na mídia estejam acontecendo só agora pela aceitação e preconceito que as pessoas transexuais

¹⁹ Apêndice “E” na monografia. Disponível em:

<https://www.univates.br/bduserver/api/core/bitstreams/b7991894-efe4-4d9f-bd6f-bfd9ed6f9f2f/content>

passam durante a vida” (Schwarzer, 2021, p. 55). Sendo assim, o entrevistado percebe os movimentos de representatividade como crescentes e adequados para representar a identidade transmasculina que ele performa.

Após as entrevistas e as ponderações necessárias no que diz respeito ao referencial teórico, Schwarzer (2021, p.73) conclui sua monografia afirmando que:

Foram identificadas diferenças de frequência e qualidade na representação de certas parcelas da população LGBTQIA+, onde alguns subgrupos do movimento têm suas cores pintadas de forma mais forte pela mídia, do que outros que surgem de forma mais tímida. É a mídia que define então quais cores ela vai pintar em suas peças e campanhas.

A partir de sua conclusão, quando olhamos para a população transmasculina, historicamente, percebemos que existe um apagamento de sua participação nos movimentos sociais e de representação, que se estrutura na negação do poder e da autonomia dos corpos com vagina (Banke; Tenório, 2021). Bento (2008, p.44) afirma que “As formas idealizadas dos gêneros geram hierarquias e exclusão. [...] condenando a uma morte em vida, exilando em si mesmos os sujeitos que não se ajustam às idealizações”. Esse apagamento histórico, a morte em vida também acontece com a comunidade trans no que diz respeito à mídia, com um aparecimento tímido nos últimos anos, de alguns casos que, por vezes, são boicotados ou sofrem tentativas de boicote.

O entrevistado “E” relembra de um caso que o marcou: “ano passado [2020] foi feito pela Natura eu acho, que o Thammy²⁰ fez propaganda e tentaram boicotar” (Schwarzer, 2021, p. 117). Ele ainda relembra que a Natura, marca responsável pela campanha em questão, não cedeu aos ataques preconceituosos e seguiu com Thammy em sua propaganda de dia dos pais. Ao afirmar que “[é] a mídia que define quais cores ela vai pintar em suas peças e campanhas” (Schwarzer, 2021, p. 73), o autor da monografia deixa claro que o poder não está em quem é representado, mas sim nos veículos de comunicação, que moldam e escolhem quais identidades serão vistas e de que maneira elas serão apresentadas para o público, matando em vida e deixando viver aqueles que se ajustam ao previamente idealizado pela sociedade.

Por fim, o trabalho de Schwarzer é o único encontrado nos buscadores utilizados, que apresenta ao leitor uma parte da história de vida e da narrativa de si de um homem trans, morador do Vale do Taquari. Podemos dizer que o entrevistado

²⁰ Vereador na cidade de São Paulo pelo Partido Social Democrático, ator e repórter, Thammy é um homem trans famoso, também, por ser filho da atriz e cantora Gretchen.

“E” é a primeira pessoa transmasculina do Vale do Taquari a ser apresentada aos leitores dos sites consultados, mas certamente, não é o único sujeito transmasculino que reside na região.

Além das fontes supracitadas, outros dois materiais interessantes para a consulta são de autoria de Jandiro Adriano Koch (2017, 2018). O primeiro deles é o livro *Um baile misturado (sobre)vivências LGBT e negras no Vale do Taquari*, que versa sobre duas populações minoritárias no Vale do Taquari. Nele, o autor transcreve entrevistas realizadas com três pessoas LGBTQIAPN+ que residiam no Vale. Dentre elas, dois homens cis gays e uma mulher trans, que relatam as diversas ocupações do espaço, desde festas até os movimentos de militância. As transmasculinidades não aparecem na referida obra de Koch, nem nas histórias narradas pelos sujeitos da pesquisa.

A segunda obra de Koch é seu trabalho de conclusão do curso de História licenciatura da Universidade do Vale do Taquari - Univates (2018)²¹ no qual o autor propõe um mapeamento dos registros escritos sobre as possibilidades de existência LGBTQIAPN+ entre os anos de 1925 e 1999. O texto traz registros da população LGBTQIAPN+ no Vale do Taquari do século XX extraídos de jornais e meios de comunicação da época. Neste trabalho Koch afirma que

[o]s capítulos são nomeados como referência à escuridão, breu, iluminação e, quando os discursos sobre as populações LGBTQI se tornam aparentes, “à luz”. Parece, no entanto, que essas luzes que os enfocam são daquelas que causam câncer de pele, que tornam os corpos doentes, abjetos, que os conformam à morte em vida, ao medo. São luzes para as quais não havia filtro a não ser a barreira da porta do armário. Depois de 1999, em função da consolidação de posicionamento em diversas áreas científicas, da força dos movimentos sociais, da penetração da internet, talvez seja possível ver que a população LGBTQI passa, pouco a pouco, a gerir a iluminação, a escolher o tipo de luminária, a dizer quanto tempo quer ficar exposta e em que horários. Inclusive a reclamar o controle sobre a (in)visibilidade (Koch, 2018, p.227)

Seguindo o que afirma Schwarzer, a conclusão do trabalho de Koch reforça a invisibilização da comunidade LGBTQIAPN+ na região do Vale do Taquari, que é, de acordo com os dois trabalhos, constantemente colocada de lado e esquecida nos armários construídos para que suas cores não possam ser manifestadas.

Da mesma forma que a mídia tem o poder de decidir quais [cores](#) da bandeira LGBTQIAPN+ serão pintadas (Schwarzer, 2021), a ciência, enquanto detentora de

²¹ O referido trabalho não está disponível no repositório da Univates, uma vez que não foi publicado, foi entregue pelo autor por Whatsapp.

poder e construtora de narrativas, até o momento, não têm possibilitado que as cores da bandeira trans sejam pintadas de maneira justa no repertório teórico que apresenta o Vale do Taquari aos leitores. Quem são as pessoas transmasculinas que residem no Vale? Quais suas linhas da vida? De que maneira se enxergam na sociedade da região? Onde estão? Têm acesso à saúde e aos seus direitos básicos? Estas são questões que permeiam o trajeto de pesquisa aqui iniciado.

4. CORPOS TRANSGRESSORES: O GÊNERO ENTRE O MONSTRUOSO E O PERFORMÁTICO

4.1 O controle dos corpos e das sexualidades: Foucault e a *História da Sexualidade I*

Eu sou o monstro que vos fala. O monstro que foi construído pelos seus discursos e práticas clínicas. Eu sou o monstro que se levanta do divã e toma a palavra, não tanto como paciente, mas como cidadão, como igual monstruoso (Preciado, 2022, p. 14).

A transgressão do modelo binário, que categoriza as pessoas em seu nome, é fator decisivo para a inclusão dos sujeitos em minha pesquisa, e o estudo do gênero é o que pretendo apresentar neste capítulo. Para começarmos, acredito que seja necessária uma breve familiarização com o termo, como foi construído e quais são as vertentes possíveis de análise que surgiram com seu advento. Para compreendermos o gênero como conceito, precisamos compreender historicamente a construção da ideia do corpo enquanto categorizador social e das estruturas de poder que o dominam. Para isso, apresento agora uma revisão do que Foucault apresenta em seu livro *História da Sexualidade I: A vontade de saber*, no qual descreve os dispositivos que regulam e norteiam as práticas do sexo²² nas sociedades ocidentais.

²² Levando em consideração que o autor não aborda o conceito de gênero, mas as discussões da temática se iniciam a partir dos movimentos de estudo das sexualidades.

Em sua análise, Foucault afirma que, a partir do século XVII, o controle sobre tais atos passa a se intensificar, fazendo parte da ordem da Burguesia (Foucault, 1988).

No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este *status* e deverá pagar as sanções (Foucault, 1988, p. 9).

Sendo assim, o sexo, através dos dispositivos de controle, é reprimido²³ em suas formas que extrapolam o núcleo familiar reprodutivo, já que o sexo por prazer é visto como uma prática que atrapalharia a produtividade da mão de obra. Os discursos sobre sexo passam a ser velados. Na medida em que a burguesia avança,

[...] o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada. Quem emprega essa linguagem coloca-se, até certo ponto, fora do alcance do poder; desordena a lei; antecipa, por menos que seja, a liberdade futura. Daí essa solenidade com que se fala, hoje em dia, do sexo (Foucault, 1988, p. 12).

Para evocá-lo em conversas, o tom deveria ser velado. Falar dele seria sinal de transgressão e significaria ir contra os poderes que o regulam, sendo que os discursos dos dispositivos de poder são os responsáveis pela produção de seres sujeitados, uma vez que instalam verdades fixas, criam modos de existência dóceis e subservientes, em uma lógica binária entre o bem e o mal, o certo e o errado, o normal e o anormal (Boff, 2009).

Os três principais reguladores das sexualidades até o século XVII, de acordo Foucault (1988), foram o direito canônico, a pastoral cristã e a lei civil, que regulavam o que era considerado permitido ou proibido, dentro da lógica matrimonial heterossexual, regulando as possibilidades, os deveres e os direitos conjugais. O foco de seus dispositivos de poder eram as relações entre mulher e homem, que deveriam confessar suas práticas em detalhes, conforme encontramos em Foucault (1988, p. 38):

Na lista dos pecados graves, separados somente por sua importância, figuravam o estupro (relações fora do casamento), o adultério, o rapto, o incesto espiritual ou carnal, e também a sodomia ou a "carícia" recíproca.

²³ Para Foucault (1988), além de ser reprimido, o sexo é produzido discursivamente, ou seja, não existe apenas um movimento de silenciamento do e sobre o sexo, mas sim a produção de discursos sobre ele.

Quanto aos tribunais, podiam condenar tanto a homossexualidade quanto a infidelidade, o casamento sem consentimento dos pais ou a bestialidade.

Porém, a partir das mudanças de discurso nos séculos XVIII e XIX, o protagonismo das relações monogâmicas heterossexuais se enfraquece, dando espaço ao controle e à atenção em relação aos desvios da heteronorma, ou seja, a estrutura matrimonial heterossexual passa a ser vista como a norma e assume um papel de maior discricção. Enquanto as sexualidades desviantes são o novo alvo das interrogações, as crianças, os loucos e os criminosos, aqueles que fogem da heterossexualidade, passam a ser alguns dos atores dessa nova fase dos movimentos de repressão do sexo (Foucault, 1988).

Com esse novo protagonismo, surgem as sexualidades periféricas, que são marcadas pelo discurso da “‘loucura moral’, da ‘neurose genital’, da ‘aberração do sentido genésico’, da ‘degenerescência’ ou do ‘desequilíbrio psíquico’” (Foucault, 1988, p. 41). É nesse momento que a medicina passa a ter um papel de reguladora das práticas sexuais, descrevendo e patologizando os desvios da matriz heterossexual. Assim, acontece uma mudança da visão em relação às sexualidades ditas periféricas e as identidades antes resumidas à sodomia passam a ser entendidas como homossexuais.

O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas, já que ela é o princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas; inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo já que é um segredo que se trai sempre (Foucault, 1988, p. 43).

Com o surgimento da homossexualidade como categoria, o anteriormente praticante de sodomia passa a ser visto não mais como um reincidente, mas sim como uma nova espécie sexual, um “hermafrodita”²⁴ de alma. As estruturas do poder perseguem essa nova categoria com o intuito de suprimi-la, tornando-a uma ferramenta de análise visível e permanente, atribuindo aos corpos uma identidade que não pode ser desvinculada desse desvio sexual (Foucault, 1988). E ao criar a categoria homossexual, o que fazer com aqueles que a compoem? Foucault provoca: “Exclusão dessas milhares de sexualidades aberrantes? Não,

²⁴ O termo “hermafrodita”, quando nos referimos às pessoas com diferentes organizações e estruturas genitais e/ou cromossômicas, não é mais aceito pela comunidade. Atualmente a maneira correta de nos referirmos a essa parcela da população é utilizando o termo interssexual.

especificação, distribuição regional de cada uma delas. Trata-se, através de sua disseminação, de semeá-las no real e de incorporá-las ao indivíduo” (Foucault, 1988, p. 44). O indivíduo patologizado é sujeitado à sua condição de homossexual.

O poder em uso da medicalização e da patologização das sexualidades outras resulta em duas possibilidades distintas de prazer e poder:

Prazer em exercer um poder que questiona, fiscaliza, espreita, espia, investiga, apalpa, revela; e, por outro lado, prazer que se abrasa por ter que escapar a esse poder, fugir-lhe, enganá-lo ou travestí-lo. Poder que se deixa invadir pelo prazer que persegue e, diante dele, poder que se afirma no prazer de mostrar-se, de escandalizar ou de resistir [...]. Tais apelos, esquivas, incitações circulares não organizaram, em torno dos sexos e dos corpos, fronteiras a não serem ultrapassadas, e sim, as perpétuas espirais de poder e prazer (Foucault, 1988, p. 45).

Através das espirais de poder, todas as sexualidades plurais se mantêm, em uma manutenção constante das estruturas que a produzem. A ascensão das perversões sexuais é um resultado direto das interferências de poder sobre os corpos e os prazeres (Foucault, 1988).

Para Foucault (1988), as perversões são produções dos dispositivos de poder das sociedades Ocidentais dos séculos XIX e XX, que produzem, medicalizam e patologizam as sexualidades outras com o intuito de garantir a sustentabilidade da economia, como exemplo dos “[...] inumeráveis lucros econômicos que, por intermédio da medicina, da psiquiatria, da prostituição e da pornografia, vincularam-se ao mesmo tempo a essa concentração analítica do prazer e a essa majoração do poder que o controla” (Foucault, 1988, p. 48). Ou seja, as categorias de classificação das sexualidades periféricas não são entendidas por Foucault como uma característica *a priori* da concepção dos indivíduos, mas sim como construções de poder que sujeitam os indivíduos a determinadas relações de poder e de prazer. Essas relações de poder produzem, também, os movimentos de resistência, que são pontos de recusa à dominação. As resistências não são regulares, surgem de maneiras distintas, em diferentes tempos e espaços, e são elas que possibilitam a formação de movimentos (como o LGBTQIAPN+) e a organização social coletiva e individual, desencadeando transformações nos corpos, nos modos de vida e nos comportamentos de seus agentes (Foucault, 1999).

4.2 O gênero como categoria de análise: além do estudo das mulheres

Quando pensamos nas relações de poder em gênero e sexualidade, um dos movimentos de resistência organizado é o feminista que, a partir do início do século XX, passa a reivindicar o espaço das mulheres na sociedade, buscando romper com os papéis de subordinação aos quais eram submetidas, afirmando que foram construídos sociohistoricamente. Com a disseminação do discurso feminista, novos arranjos se fizeram necessários e, para isso, a categoria *mulheres* é construída com o intuito de apresentar as diferentes possibilidades de ser mulher, levando em consideração as condições sociais distintas entre mulheres negras e mulheres brancas (Mazzariello; Ferreira, 2015).

Posteriormente, Gayle Rubin (1975) propõe o conceito de sistema sexo/gênero, que “[c]onsiste em uma série de arranjos por meio dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, nos quais essas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas” (Rubin, 1975, p. 11). A autora, a partir do sistema sexo/gênero, tenta explicar a série de regulações sociais que constroem as estruturas de gênero a partir do sexo biológico, sendo o primeiro condicionado ao segundo.

O estudo do gênero como um conceito, de acordo com a historiadora Joan Scott (1989), parte do movimento feminista que utiliza a distinção entre sexo e gênero como uma forma de superar o determinismo [biológico](#) e compreender as estruturas de poder que formam as relações e a organização social entre os sexos. Porém, por vezes, as autoras utilizavam o conceito apenas como um substituto da palavra mulheres, como maneira de validação científica (Scott, 1989). Sendo assim, a autora propõe que as categorias

homem’ e ‘mulher’ são, ao mesmo tempo, categorias vazias e transbordantes. Vazias, porque não têm nenhum significado último, transcendente. Transbordantes, porque mesmo quando parecem estar fixadas, ainda contêm dentro delas definições alternativas, negadas ou suprimidas (Scott, 1989, p. 93).

Ou seja, são categorias em constante reorganização e reformulação social, através das quais um sistema de poder e de significados é estruturado e reestruturado.

Para Scott (1989), as definições de gênero partem de duas proposições iniciais que estão interligadas e que levam a outras possibilidades de análise. A primeira é a de que o gênero é construído socialmente a partir das diferenças do sexo e a segunda de que o gênero seria uma forma de significar as relações de poder. Com essa proposição, a autora afirma que

[a] exploração dessas questões fará emergir uma história que oferecerá novas perspectivas sobre velhas questões (como, por exemplo, é imposto o poder político, qual é o impacto da guerra sobre a sociedade), redefinirá velhas questões em novos termos (introduzindo, por exemplo, considerações sobre a família e a sexualidade no estudo da economia e da guerra), tornará as mulheres visíveis como participantes ativas e criará uma distância analítica entre a linguagem aparentemente fixa do passado e nossa própria terminologia (Scott, 1989, p.93).

É a partir desses tensionamentos das categorias de sexo, poder e construção social que alguns autores passam a pensar sobre o conceito de gênero como uma categoria fluida e que não pode ser compreendida como algo fixo. Surgem, então, correntes teóricas como a *Queer* e os Estudos Trans, que rompem com a lógica binária homem e mulher e propõem possibilidades diversas de ser e estar no mundo. Essas correntes teóricas possibilitam também a análise das desigualdades e das subjetividades a partir do gênero como um marcador social. A partir das construções realizadas pelas teóricas feministas, que inscrevem o gênero agora como uma categoria de análise construída socialmente, levando em consideração as estruturas de saber e poder que agem sobre os corpos e pensando nos estudos LGBTQIAPN+ que surgem na década de 1990, surge a Teoria *Queer*. Os tensionamentos sobre o conceito de gênero possibilitaram o surgimento de novas perspectivas sociais e epistemológicas, como previu Scott (1989).

De acordo com Hatje (2018), na teoria, “[...] o gênero se configura como uma categoria analítica de problematização das concepções de masculinidade e feminilidade que permeiam a sociedade e possibilita uma ruptura do sistema binário dos sexos” (Hatje, 2018, p. 101). É a partir da teoria *queer* que as vivências outras passam a ser discutidas, fugindo dos enquadramentos biopatologizantes e morais. Com os estudos da teoria *queer*, as verdades sobre o gênero e a heteronormatividade passam a ser questionadas e, como consequência positiva, as existências trans passam a ser analisadas e reconhecidas (Hatje, 2018).

Judith Butler, uma das principais referências da teoria *queer*, parte de uma análise de diferentes autores como Foucault e Freud²⁵ e, através dos questionamentos gerados por suas teorias, tece sua própria análise sobre gênero e a constituição dos sujeitos. Para ela,

[...] o gênero não é de modo algum uma identidade estável nem lócus de agência do qual procederiam diferentes atos; ele é, pelo contrário, uma identidade constituída de forma tênue no tempo - uma identidade instituída por meio de uma repetição estilizada de atos (Butler, 2018, p. 3).

Ou seja, o gênero está em constante movimento de transformação e de (re)produção, os atos performativos são responsáveis por construir e reforçar as identidades cotidianamente. O gênero, por ser uma construção cotidiana, se molda e obedece às estruturas sociohistóricas da cultura da qual faz parte.

Além disso, o gênero, ao ser instituído pela estilização do corpo, deve ser entendido como a maneira cotidiana por meio da qual gestos corporais, movimentos e encenações de todos os tipos constituem a ilusão de um “eu” generificado permanente. Essa formulação desloca o conceito de gênero para além do domínio de um modelo substancial de identidade para um modelo que exige uma concepção de temporalidade social constituída (Butler, 2018, p. 3).

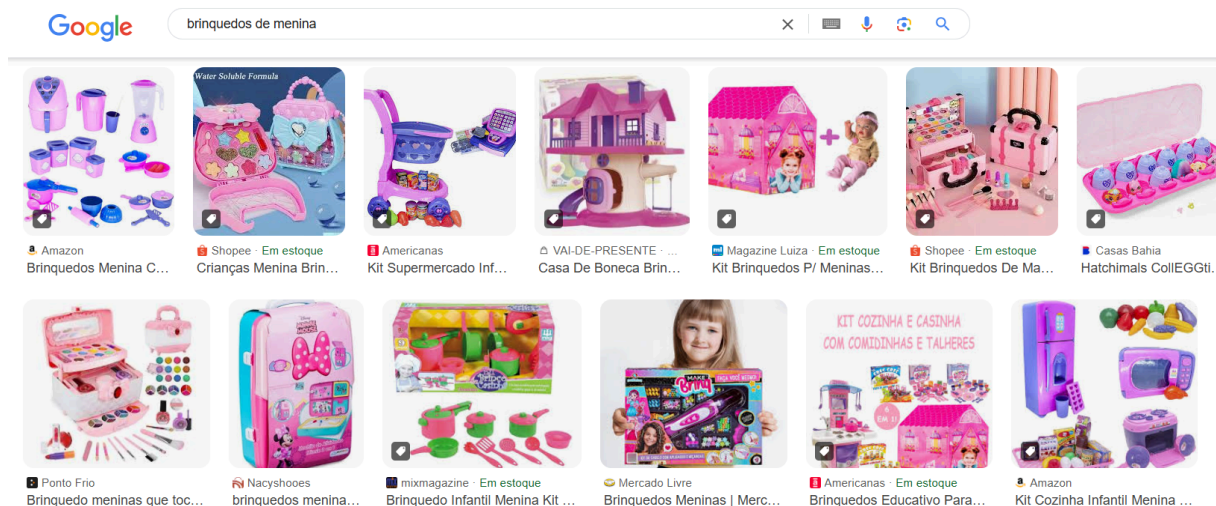
Por serem performados, os atos devem ser convincentes, tanto para a “plateia” que aguarda a performance quanto para o próprio ator, tornando os atos performativos de gênero crenças nas quais os sujeitos passam a acreditar (Butler, 2018). Da mesma maneira que em uma peça teatral, a performance de gênero precisa ser repetida, porque “[e]ssa repetição é ao mesmo tempo uma reatuação e uma reexperimentação de um conjunto de significados socialmente estabelecidos; é a forma cotidiana e ritualizada de sua legitimação” (Butler, 2018, p. 11).

Através dessa repetição da performance de gênero, em que as estruturas vão se moldando e sendo fixadas, Butler (2018) também afirma que há uma influência e participação tanto individual quanto coletiva para que a legitimação das performances de gênero seja contínua e que as instituições homem e mulher sejam as norteadoras. Para Butler, “[c]ompreendida em termos pedagógicos, a performance torna explícitas as leis sociais (Butler, 2018, p. 11)”, ou seja, o teatro do gênero é composto pelos atores, mas possui grande influência do público que também é atuante. Exemplos desse teatro do gênero são os chás revelação e a ideia de que meninos vestem azul e meninas vestem rosa. Basta uma simples

²⁵ Alguns dos exemplos sobre esse tipo de análise feita por Butler estão nos textos “Freud e a melancolia do gênero” e “Foucault, Herculine e a política da descontinuidade sexual”. Ambos podem ser encontrados em Butler (2016) “Problemas de Gênero: feminismo e subversão de identidade” posteriormente referenciado.

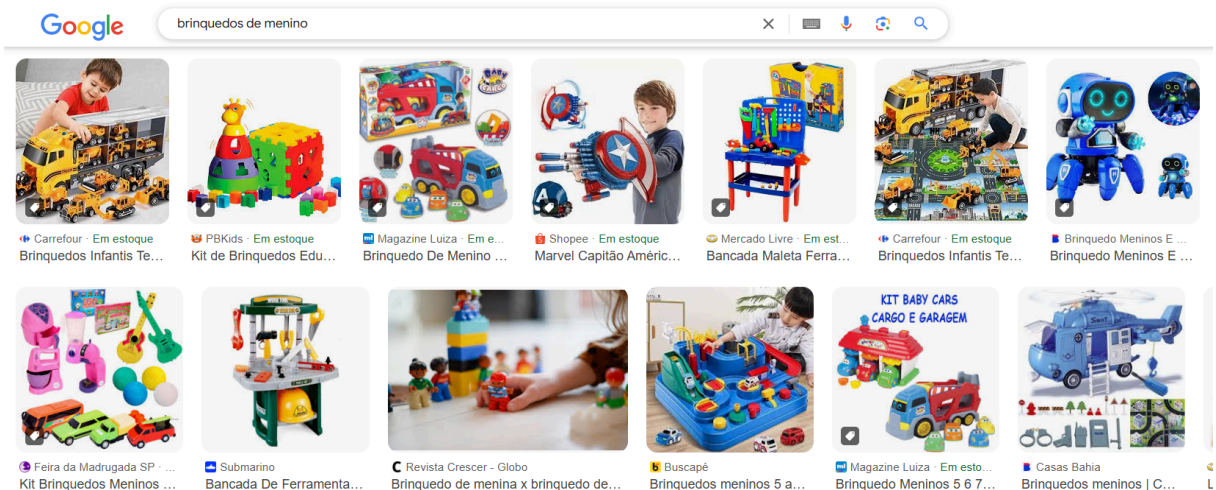
pesquisa no Google para perceber que as estruturas performativas são postas cotidianamente desde a infância, como vemos a seguir:

Figura 2 - Captura de tela do Google ao pesquisar “Brinquedos de menina”



Fonte: Google Imagens (2025).

Figura 3 -Captura de tela do Google ao pesquisar “Brinquedos de menino”



Fonte: Google Imagens (2025).

As figuras acima caracterizam o que é esperado socialmente de meninos e meninas nesse recorte histórico, levando em consideração as características biológicas dos sujeitos. Como nos lembra Butler, “[...] em outras palavras, o corpo é uma situação histórica, como defendeu Beauvoir, e é uma maneira de fazer,

dramatizar e reproduzir uma situação histórica” (Butler, 1989, p. 5). Historicamente, também, o gênero tem sido considerado como determinante da humanidade dos sujeitos, e aqueles que não se adequam às distinções de gênero socialmente esperadas são reprimidos (Butler, 1989). Nesses termos, levando em consideração a distinção sexo/gênero, a ideia de que o sexo seria algo “natural” e fixo é refutada por Butler (2016) quando a filósofa afirma que

[o] gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície neutra *sobre a qual* age a cultura. [...] Na conjuntura atual, já está claro que colocar a dualidade do sexo num domínio pré-discursivo é uma das maneiras pelas quais a estabilidade interna e a estrutura binária do sexo são eficazmente asseguradas (Butler, 2016, p. 27).

Sendo assim, nada existe *a priori*, tanto o gênero quanto o sexo são produzidos discursiva e culturalmente, de maneiras distintas historicamente. Preciado (2022, p. 37) afirma que “[a] natureza humana é um efeito da tecnologia social que reproduz nos corpos, nos espaços e nos discursos a equação natureza=heterossexualidade”. Ou seja, o sistema heterossexual produz e tipifica entre naturais e não naturais os usos do corpo e o próprio corpo.

4.3 E depois do gênero, vem o quê?

Hoje não quero saber dos humanos, pouco me importa esses seres regados à biologia sacramentada e todo o seu humanismo racista. Não me interessam os cromossomos, que se danem o “xx”, “xy” e toda essa álgebra cisgênera. Tenho amor aos biônicos! (Brito, 2021, p. 13)

Todos os autores do subcapítulo anterior têm algo em comum: eles concordam (e eu também) que o gênero não é algo natural, que ele é criado social e culturalmente, além de concordar que somos fadados a conviver com suas expectativas na sociedade ocidental: não podemos fugir de suas categorizações sem ver nossos direitos cerceados! Ele está posto e é constantemente revisto, reproduzido, performado, imitado, alterado, ele é vivo, assim como a linguagem,

porque é uma das características que nos humaniza. Sem o gênero²⁶, é retirado, perante a sociedade ocidental, o nosso caráter social e somos levados à animalização, como no processo de colonização lembrado por Lugones (2014). Nesse processo, a categoria em que nos encontramos não interessa. Se somos cis, trans, não binários, todos temos referências gendradas da vida em sociedade e das maneiras com que nos construímos enquanto sujeitos. A questão central de toda a discussão do gênero, ao meu ver, é a mesma acerca da sexualidade, da religião e da política: se somos diversos, de que maneira (re)construir as estruturas sociais para que todos possamos ter condições dignas de existência?

Mas uma reformulação das estruturas sociais leva tempo, requer paciência, resistência e sobretudo estudo! Por isso, proponho que agora nos debrucemos sobre as marcas que carregam os corpos trans. Que fique evidente: quando utilizo o termo “marcas”, não é por descuido, somos marcados como gado, nossa pele é violada pelo calor do ferro quente da ciscolonialidade. Carregamos o símbolo da transgressão de gênero enquanto existirmos e nossa existência, por vezes, é resumida à ele. Como ato de retomada do meu corpo, marquei eu mesmo o símbolo em minha pele, assim como muitas pessoas trans fazem, para subverter e me apropriar dessa marca que não carrega nada além de orgulho, afeto e resistência. Com um movimento infrapolítico (Lugones, 2014), busco a libertação de meu corpo das amarras cisheterocoloniais.

²⁶ Utilizo aqui o termo “gênero” por ser o conceito que possibilita a discussão dentro deste recorte. No entanto, é fundamental compreender que a perspectiva adotada é contemporânea e ocidental, não devendo ser aplicada a outros contextos pelo risco de incorrer em juízos de valor.

Foto 2 - Meu corpo é meu²⁷

Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2025.

As marcas de gênero que espalham seus tentáculos sobre os corpos trans são as mesmas que restringem os corpos cis. Elas são formadas pela colonialidade de gênero que se constitui a partir da dominação dos territórios, das cosmologias, das organizações sociais, das línguas e dos corpos dos colonizados (Lugones, 2014). A análise do gênero, em territórios que foram submetidos aos processos de colonização, deve levar em consideração os processos territoriais e culturais de dominação política e social. Proponho, à luz da ideia de colonialidade de gênero proposta por Lugones (2014), pensarmos o gênero como uma ferramenta ciscolonial de dominação e controle dos corpos através da qual são produzidas matrizes binárias utópicas que empurram os sujeitos às performances forçadas de gênero e sexualidade. Essa ferramenta não pode ser considerada neutra. Ela é uma construção, é um projeto colonial moderno que tem como objetivo organizar os sujeitos a partir das diferenças sexuais, categorizando aqueles que serão mercedores de reconhecimento social e aqueles que irão seguir à margem.

Butler afirma que

Gênero não é exatamente o que se “é” nem é precisamente o que se “tem”. Gênero é o dispositivo pelo qual a produção e a normalização do masculino e do feminino ocorrem junto às formas intersticiais hormonais, cromossômicas, psíquicas e performativas que o gênero assume [...]. Gênero é o mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são

²⁷ Tatuagem com o símbolo que representa a comunidade trans, no centro do símbolo, um peito masculinizado com cicatrizes de mastectomia e o dedo de Deus em alusão à obra “A criação de Adão”, de Michelangelo.

produzidas e naturalizadas, mas o gênero pode muito bem ser o dispositivo pelos quais tais termos são desconstruídos e desnaturalizados (Butler, 2022, p. 76-77).

Ou seja, é a partir das características físicas, performáticas e discursivas que o gênero é construído. Em uma perspectiva ciscolonial, ele adota como referências utópicas os padrões binários de masculinidade e da feminilidade, a partir dos quais os discursos e as marcações corporais são produzidos, construindo fronteiras entre o que é esperado e o que extrapola os limites do aceitável.

Quando se considera que a leitura sobre os corpos seja capaz de, objetivamente, determinar gêneros, ela também é atravessada pela ideia de que estes corpos, se 'normais', terão estes gêneros definidos a partir de duas, e somente duas, alternativas: macho/homem e fêmea/mulher (Vergueiro, 2015, p. 64).

Nós, pessoas trans, não binárias e travestis, somos levadas a habitar essa fronteira construída pela cisgeneridade e fazemos dela morada. É nesse entre-espaço que construímos nossas identidades, nossa comunidade, nossos afetos, é na fronteira que construímos novas possibilidades de habitar o mundo, possibilidades que ultrapassam as noções binárias de organização social.

É possível afirmar que binariedade existe? Ou ela é apenas uma construção utópica que faz com que os discursos de poder tenham força contra os corpos, construindo as fronteiras e hierarquias? Além disso, é possível existir um certo nível de neutralidade de gênero? Minhas hipóteses me levam a afirmar que não, não existe neutralidade de gênero, assim como me parece utópica a ideia estante de que as únicas possibilidades gendradas sejam guiadas através de uma matriz binária.

Os atos performativos não dependem de questões biológicas, pois o gênero é construído socialmente de diferentes formas em diferentes períodos históricos, através de “[u]m processo de materialização que se estabiliza ao longo do tempo para produzir o efeito de fronteira, de fixidez e de superfície - daquilo que nós chamamos de matéria” (Butler, 1993, p. 208). Ou seja, os processos de produção do gênero são condicionados a serem construídos adotando como matriz a noção de binariedade, porém todo e qualquer “deslize” performativo acarreta no tensionamento dos limites binários rígidos, condicionando a ideia de binariedade ao fracasso. Não podemos, ainda, esquecer o que o gênero significa no cotidiano: maneiras de ser e estar no mundo, de interagir intimamente com o seu corpo, com seus afetos e com a sociedade.

Se não podemos fugir das referências gendradas na construção de nossas identidades, se as amarras sociais e os tentáculos da ciscolonialidade nos atravessam cotidianamente e somos forçados a performar gênero e sexualidade de acordo com uma matriz binária, é fundamental que seja reconhecido o papel dessas estruturas, também, sobre os corpos cis. Não são apenas pessoas trans que performam gênero, não são apenas os corpos das pessoas trans que são modificados esteticamente para que a aparência seja outra. Por isso, Tedesco (2022) questiona

[...] não estamos todos dentro do mesmo sistema amplo de gênero? Por que as práticas de produção de si em relação a gênero de pessoas trans são consideradas artificiais e as de pessoas cisgêneras naturais? O silicone de uma mulher cisgênera é menos artificial que o de uma mulher trans? Injetar testosterona para aumentar massa muscular é natural sendo cisgênero, mas aplicar esse mesmo hormônio, sendo trans (independente do efeito desejado), é artificial? Não estão tanto as pessoas cis quanto as pessoas trans produzindo a si mesmas? (Tedesco, 2022, p. 27).

A ciscolonialidade tem influência em todos os sujeitos, inclusive nos corpos fálicos dos homens cis, que são, desde crianças, ensinados que a sua masculinidade deve seguir padrões de virilidade, violência e negação do feminino²⁸. Sendo assim, a matriz binária construída pela ciscolonialidade, que marca os corpos trans como menos humanos, como vidas não vivíveis (Butler, 2022; Lugones, 2014), é a mesma estrutura que condiciona os corpos cis a determinadas performances forçadas de gênero, controlando e punindo os seus desvios. O que diferencia a experiência social desses dois recortes são os reflexos que o poder do discurso e das regulações das áreas psíquicas, religiosas e políticas têm sobre os corpos. Enquanto os sujeitos cishétero adequam seus corpos, suas performances e seus afetos sem serem sujeitados às suas escolhas, a população LGBTQIAPN+, em específico e de maneira mais intensa e violenta a população trans, tem sua liberdade de ser e estar no mundo cerceadas pelo produto desses constructos: o preconceito.

²⁸ Recomendo o texto *A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia*, de Daniel Welzer-Lang (2001), para compreender os processos através dos quais são produzidas as masculinidades cis.

5. HÁ VIDA ALÉM DO MEDO: A REINVENÇÃO DAS (TRANS)MASCULINIDADES DO VALE DO TAQUARI

Sempre me pareceu mais fácil abordar assuntos que me eram externos, olhar para os outros em uma posição de telespectador e narrar o que via de uma perspectiva que não me atravessasse de maneira intensa, ser um pesquisador/observador. Por mais que a cartografia utilizada como metodologia em meu trabalho de conclusão de curso tenha me aproximado dos sujeitos de pesquisa, nada havia me preparado para os atravessamentos que aconteceram durante estes dois anos de estudo sobre minha própria comunidade. Tudo mudou no processo de escrita deste trabalho. Eu me vi enquanto sujeito da pesquisa também. A minha subjetividade esteve presente e pulsante, esteve nas leituras, nas conversas com meus pares, durante as aulas, em todo o trajeto que percorri, na lacuna demonstrada pelo mapeamento que realizei na primeira etapa da proposta. O vazio de respostas demonstrou o que eu já suspeitava sobre nossa comunidade aqui no Vale do Taquari: não somos vistos como uma possibilidade de existência por boa parte da população.

Por isso, tomo a liberdade de iniciar esta etapa com uma breve apresentação de minhas linhas da vida, por mais que, do meu ponto de vista, este trabalho inteiro possa ser considerado como tal, uma vez que é fruto de um esforço acadêmico, mas também pessoal e íntimo. Cada vírgula que compõem este texto é uma parte de mim que compartilhei com o leitor, tornando-a uma espécie de autobiografia da maneira com que habito o território do Vale.

Através da apresentação de minhas próprias linhas da vida buscoempoderar a mim mesmo e a outras pessoas transmasculinas que, como pudemos perceber, não estão presentes nas produções acadêmicas da região. Viviane Vergueiro questiona qual é o papel dos sujeitos trans nas pesquisas acadêmicas:

Afinal, o texto acadêmico se dirige às pessoas trans, às travestis, às mulheres e homens trans e transexuais, ou se restringe a falar sobre elas, supondo (e produzindo) nossa inexistência na academia? E, se fala sobre elas, fala sobre elas para quem, e para quê? (Vergueiro, 2015, p. 22).

Por vezes, somos vistos apenas como objeto de estudo, como o outro, não ocupando espaços de autonomia no imaginário e na produção acadêmica. Somos submetidos à análise, mas raramente analisamos; somos os dados produzidos, mas

raramente produzimos os dados. Sendo assim, pensar sobre as transmasculinidades passa por meu corpo transmasculino. Revisito meu processo de pesquisa neste subcapítulo, bem como os atravessamentos que dele surgiram.

Sem dúvidas, a dissertação, enquanto documento, é apenas uma tentativa de síntese do que foi vivido, aprendido e experienciado nestes dois anos de curso de mestrado. Por isso, no subcapítulo intitulado “Estou aqui: o início da linha”, realizo um movimento de análise dos processos de construção desta pesquisa a partir de minha vivência enquanto pessoa transmasculina. Dessa forma, apresento ao leitor a minha experiência enquanto um corpo trans na academia. Os registros depositados aqui são a perspectiva pessoal de meu processo de pesquisa e de construção de minha masculinidade enquanto sujeito-pesquisador-trans ou trans-sujeito-pesquisador.

5.1 Eu estou aqui: o início da linha

Eu, como homem trans, escritor e pertencente ao ambiente acadêmico, mostro que as minhas pesquisas, estudos e problematizações não estão apenas destinadas em prol do academicismo, mas sim em torno da minha vida, da minha vivência.
(Rodriguez, 2021 p. 103)

Desde 2018, frequento o bar e espaço cultural Volúpia, único espaço LGBTQIAPN+ do Vale do Taquari. Considero os amigos que fiz lá a parte da minha família que construí ao longo dos anos. No dia 30 de abril de 2024, no meu terceiro mês do curso de mestrado, recebi, pelo Whatsapp, uma mensagem de uma das donas do espaço, solicitando que, quem estivesse disponível, fosse até o local para auxiliar. Havia previsão de uma enchente parecida com a de 2023 e, novamente, iríamos auxiliar na produção de sanduíches e na limpeza das casas dos atingidos. Estava disponível, queria ajudar, fui.

Nos dias que se seguiram, vivi, com minha família do Volúpia, algo que me engasga e me faz ter vontade de chorar só de lembrar: o rio subiu, mas não como da última vez. Essa foi a maior enchente da história do Rio Grande do Sul. A força das águas levou embora bairros inteiros, nos deixou presos em Lajeado, sem luz,

sem água, sem rede de telefonia. Não éramos mais sujeitos vivendo nossas vidas. Naquele momento, o tempo ficou suspenso. Nós, do Volúpia, ajudamos com o que era possível. Chegavam doações, pessoas voluntárias, pessoas solicitando auxílio. O bar pulsava nos dias em que ter esperança parecia impossível. Não sei o que teria sido se eu estivesse sozinho naquela época. Não fui atingido fisicamente, mas emocionalmente enfrentei um processo de recuperação para poder ressignificar o barulho da chuva, de helicópteros, a minha relação com o Volúpia e com as pessoas que estiveram lá. Demorei seis meses para conseguir retornar para o espaço sem ser espetado por uma fisgada de angústia pela memória dos dias que passamos.

Em maio, descobrimos que minha mãe estava com um câncer. Em agosto, o diagnóstico veio para meu avô. Um câncer de mais de nove centímetros havia comprometido seu rim. Ambos passaram por cirurgias para retirada. Esses meses foram desafiadores. Escrever meu projeto de pesquisa me parecia impossível diante da perspectiva de morte que estava experimentando em minha família, mas segui e, em fevereiro de 2025, qualifiquei o projeto que daria origem a este trabalho.

Ser uma pessoa trans é apenas uma das minhas atribuições enquanto sujeito. Sou irmão, filho, amigo, colega... Mas ultimamente tem sido o aspecto da minha vida sobre o qual eu tenho me debruçado intensamente. Eu nunca havia parado para pensar sobre minha transgressão de gênero da maneira como fiz nesses dois anos. Pesquisar sobre as transmasculinidades fez com que eu expusesse uma ferida social, enquanto, pessoalmente, me possibilitou diferentes processos de cura. Compreender as amarras de gênero e as estruturas de poder que constituem nossa sociedade possibilita um vislumbre do que eu sempre senti na pele. João W. Nery (2014) diz que não nascemos pessoas trans, nós nascemos nus, o gênero, o sexo e todas as significações a partir de nossos corpos são construções sociohistóricas nas quais somos inseridos e submetidos desde a fecundação do óvulo que nos deu origem. Compreender que a subversão dessas amarras é possível me nutre com a esperança de que, em um futuro, nossos corpos não estarão mais nos noticiários, enfrentando violências.

Quando iniciei a pesquisa, sentia que era uma ilha. Tudo era muito novo, esse era meu primeiro contato com os estudos de gênero e da comunidade trans. Aos poucos, fui construindo uma rede de contatos, experimentando o que é ser um pesquisador trans ou um trans pesquisador. Hoje percebo que nós, pessoas trans que estudamos as dissidências de gênero e o próprio conceito, formamos um

arquipélago de ilhas, um mar de fogueirinhas, como diria Eduardo Galeano(2015). E observando o arquipélago das transidentidades pesquisadoras, fui tentando compreender de que maneira estava e estou construindo minha própria transmasculinidade. Como me identifico? Sou um homem trans? Um trans-homem? Uma pessoa transmasculina?O que é ser homem no meu território? O que é ser um trans-homem no Vale do Taquari? Entendo que

O gênero é performativo, pois não é simplesmente construído, a sua existência produz efeitos no mundo. As masculinidades não são dadas, é preciso que sejam performadas a todo instante. O gênero não é simplesmente construído, o gênero é performativo, pois somos o que somos através das nossas práticas e interações no social. Ser homem não é a questão, mas sim as interpretações constantes de ser homem(Domingues; Rodriguez, 2021, p. 52).

Preciado afirma que nós, pessoas trans, utilizamos tecnologias de gênero para modificar nosso corpo e nossas performance de gênero de acordo com nossas identidades (Preciado, 2023). Junto ao meu processo de pesquisa, no início de 2024, iniciei minha terapia hormonal. Doses trimestrais de testosterona fizeram com que, aos poucos, meu corpo performasse mais masculinidade do que meus movimentos. Acredito, assim como Preciado, que a performance de gênero esteja nesses recursos químicos que utilizamos em nossos corpos para que esteticamente nossa aparência seja mais fiel a como nos sentimos. Os primeiros pêlos no rosto, o tom da voz se alterando, o lugar que meu corpo habitava há 23 anos estava aos poucos ruindo e, de seus escombros, atordoado, tenho me empenhado em reconstruir-me. “Fiz de mim refúgio; e refugiado em mim mesmo construí-me” (Magdinier, 2021, p. 135). Nunca havia experimentado disforia.

Meu corpo sempre me abrigou de uma maneira gentil, porém a sensação de que eu poderia mais, de que meu corpo poderia mais, estava sempre presente. Com as modificações, experimentei o que hoje entendo como euforia de gênero. É impossível que eu passe por um espelho sem me olhar, sem admirar o poder que um simples hormônio pode ter sobre um corpo, encantamento que beira o narcisismo e que nunca havia sentido e só tem aumentado a cada mudança nova que percebo em mim.

Mas esse corpo modificado é como um bebê dando seus primeiros passos, aprendendo a caminhar novamente. Não sou homem, não me vejo homem, mas sou lido como um. A passabilidade me trouxe outra leitura social: a de um homem branco! O que fazer com esse novo rótulo indigesto que me foi atribuído? A

passabilidade é uma faca de dois gumes: me protege em determinadas situações e me golpeia em outras. Não tenho mais medo do assédio ao andar na rua durante a noite. Os medos que me assombram hoje são outros. A violência transfóbica é o maior deles. Para me proteger, em alguns momentos, sinto a necessidade de performar uma masculinidade que não me cabe: caminhar como um homem cis, gesticular menos, não parecer afeminado, tentar ao máximo esconder meus seios, não abraçar ao cumprimentar, não pintar as unhas...

De acordo com Bruno Pfeil e Cello Pfeil (2021), a ideia de passabilidade supõe que exista uma aparência “correta” para as pessoas trans, além de supor que “passamos” como pessoas cis, como se a construção de nossa imagem e de nossa identidade fosse um disfarce. O autor questiona: o que é ser trans? Já que a passabilidade leva em consideração um referencial cisgênero para sua construção, sendo utilizada como uma ferramenta de regulação dos corpos. Porém, é fundamental compreendermos que “[q]uaisquer corpos que destoem dos marcadores da norma perceberão que a ‘transição’ de gênero se aproxima de uma ‘transição’ de violências, considerando que a todo corpo trans a transfobia se direciona” (Pfeil; Pfeil, 2021, p. 164).

A ideia de passabilidade, na realidade, é mais uma forma de controle e de violência contra nossos corpos trans, uma vez que pressupõe que, para sermos aceitos, devemos nos aproximar ao máximo de figuras cisgênero, performando o gênero e adequando nossos corpos com os ideais cisnormativos. Com o tempo, tenho percebido que minha libertação não aconteceu apenas quando me assumi enquanto pessoa transmasculina, mas sim em minha constante negação das estruturas cisheteronormativas que são esperadas de meu corpo, assim como relata Arthur Caldeira (2021):

Nesse processo todo foi acontecendo uma construção do meu “eu”. O ensinamento mais poderoso que eu tive durante o meu entendimento e transição é relacionado a isso: só quando eu pude existir de verdade, na minha verdadeira forma (que está sendo concebida aos poucos), é que eu pude sentir pertencimento e então todas as realizações da minha vida se tornam de fato minhas e todo o esforço e movimento que faço no sentido das minhas conquistas passaram a importar, me devolvendo a força de vontade, o brilho no olhar e a verdade nos meus atos (Caldeira, 2021, p. 73).

Assumir o controle de meu próprio corpo é também assumir o controle de minhas conquistas e compreender que sim, ser trans é apenas uma parte de minha

construção enquanto sujeito, mas sou o que sou porque sou trans e que bom que é assim.

5.1.1 Meu outro nome não está morto, ele vive em mim

As experiências de pessoas trans no Brasil são diversas e a transgeneridade pode ser expressa e vivenciada de diferentes maneiras. Em relação ao nome, algumas pessoas têm o desejo de alteração e outras optam por utilizar o nome designado ao nascer. No país, atualmente, o direito de alteração de nome é garantido por dois instrumentos legais. Um deles é a carteira de Nome Social, conforme previsto no Decreto nº 49.122, de 17 de maio de 2012. O documento é válido para o tratamento nominal em órgãos do poder executivo, mas não substitui o Registro Geral (Rio Grande do Sul, 2012).

A outra possibilidade é a alteração de prenome e sexo no registro civil. Desde o ano de 2018, de acordo com o Provimento nº 73, de 28 de junho de 2018, pessoas trans que desejarem podem realizar a alteração em seus registros sem a necessidade de laudos psicológicos ou cirurgias para a realização do processo. Ou seja, a partir de 2018, qualquer pessoa trans maior de 18 anos que desejar realizar o processo de retificação pode fazê-lo, basta ir ao cartório de registro civil de sua cidade com alguns documentos em mãos.

Na comunidade trans, é comum a utilização da expressão “nome morto” para fazer referência ao primeiro nome de registro das pessoas, com o qual elas não se identificam mais. Há um requinte de violência ao atribuir a morte ao meu eu do passado. De acordo com Felipe Gali (2021), pessoas LGBTQIAPN+ não estão livres de recair nas amarras da ciscolonialidade, já que o próprio conceito de “nome morto”, como aquele que não deve ser lembrado, mencionado, como aquele que deve ser esquecido e enterrado, traz consigo a ideia colonial em que o morto, ou aquele que matamos, é irrelevante e descartável.

O conceito ainda me remete às vidas não-vivíveis de Butler (2022). A força da violência cisheterocolonial sobre nossos corpos é tamanha que faz com que assassinar nosso passado seja a única saída para assumirmos nossa real identidade. Gali (2021) afirma que

[o] sigilo do nome de registro. É esse tipo de sigilo que nos humaniza ao passo que legitima nossa identidade como aquela que dizemos que é. É a partir deste silêncio que conseguimos transitar um pouco mais segures ou menos vulneráveis nos espaços estruturalmente cisgênero. [...] Se o morto nos acompanha vivo e o “nome morto” não pode ser lembrado, a ponte da transancestralidade precisa ser consolidada. Penso a transancestralidade não só como fazer viveres ancestrais trans, mas principalmente acolher a pessoa trans que éramos antes da transição. [...] Faça morrer, no sentido ocidental, seu eu antes da transição que hoje você não estará vive (Gali, 2021, p. 153).

Não tenho a intenção de matar quem fui. Creio que este seja um dos atos de rebeldia contra o sistema que nós, pessoas trans, podemos realizar. Não tenho um “nome morto”, pois meu nome antigo segue vivo. De vez em quando trombo com ele por aí. No início de 2025, ao contratar um serviço de saúde, me deparei com ele. Mesmo tendo apresentado todos meus documentos já retificados, a empresa realizou meu cadastro com meu nome antigo. Pergunto-me como conseguiram ter acesso a ele? Não que ele me cause algum incômodo, mas a cisgeneridade é abalada quando se depara com alguém com dois nomes de registro. E do alto de seu pedestal hegemônico, ela opta por ignorar todos os documentos apresentados, para utilizar sabe-se lá qual comprovante que apresentava meu antigo nome. São violências às quais somos submetidos cotidianamente. Não é meu eu antigo que me assombra, é a maneira com que a cisgeneridade lida com meu corpo e com minha história. Não é a disforia que faz com que eu busque esconder meus seios, é o medo de que a cisgeneridade perceba e que eu sofra transfobia por isso. Não é a disforia que faz com que eu não pinte minhas unhas, é o medo da cisgeneridade me achar “feminino demais” e que eu sofra transfobia por isso.

É fundamental, porém, compreender que a maneira com que descrevo minha relação com a disforia é pessoal, ela é experimentada de diferentes maneiras e intensidades por outras pessoas trans. As experiências de gênero são tão diversas quanto os sujeitos que as vivem. Porém não posso deixar de questionar: em um mundo²⁹ no qual homens de seios e vulva, mulheres de barba e pênis não fossem empurrados para uma minoria marginalizada, no qual procedimentos estéticos e terapêuticos para pessoas trans fossem naturalizados, será que, mesmo assim, sofreríamos com a disforia?³⁰ Ou ela está relacionada diretamente aos processos de

²⁹ Utópico se levamos em consideração o nível dos processos coloniais nos quais estamos inseridos quando o assunto é gênero, mas, como diria Galeano (2005), é ela, a utopia, que nos faz caminhar.

³⁰ Para um estudo mais aprofundado do conceito de disforia, é interessante visitar a obra *Dysphoria mundi: o som do mundo desmoronando*, de Paul B. Preciado.

marginalização de nossos corpos, de proibição, de exclusão e de sofrimento aos quais somos constantemente submetidos pela ciscolonialidade? Preciado (2022, p. 35) nos sinaliza:

As lembranças da minha vida passada como mulher não apenas não foram apagadas como restam vivas em meu espírito, de modo que, ao contrário do que acreditam e preconizam a medicina e a psiquiatria, não cessei completamente de ser Beatriz para me tornar Paul.

Por isso [afirmo](#) que não tenho medo de quem eu sou, não tenho raiva ou qualquer sentimento negativo em relação ao que fui no passado, mas a ciscolonialidade faz com que, por vezes inconscientemente, me esconda atrás da passabilidade, me encolha na caixa da masculinidade e declare morte ao que fui. Por isso “[...] reclamo que meu corpo é meu, pois nem todos os corpos podem ter o privilégio de serem como são ou se construírem como querem” (Rodriguez, 2021, p. 105). E por ser meu, declaro que o amo incondicionalmente. Este corpo modificado, este corpo transgressor, ele é meu e vou tratá-lo com o carinho e a dignidade que me são negados pela ciscolonialidade.

5.1.2 E pra que servem os banheiros?

Sempre achei que os banheiros cumpriam uma função muito simples no dia a dia das pessoas: aliviar algumas de suas necessidades fisiológicas básicas. Após a transição hormonal, contudo, percebi que existem diversas camadas de utilização dos banheiros que não me eram familiares. Antes da transição hormonal, eu não utilizava o banheiro masculino por medo de sofrer violências, porém, com o passar do tempo, as modificações corporais me colocaram em uma posição em que utilizar o banheiro feminino passou a não ser mais uma opção segura.³¹ Sendo assim, ir ao banheiro em lugares públicos se tornou um desafio pra mim. Em primeiro lugar, pela insalubridade dos banheiros masculinos. Acredito que uma das performances de gênero ocultas para ser “homem de verdade” seja utilizar o banheiro como um cachorro não treinado, deixando vestígios de urina, fezes e todo o tipo de sujeira que você possa imaginar no caminho do próximo usuário do vaso. Em segundo lugar, pela própria falta de vasos sanitários. Em alguns espaços, há apenas

³¹ E que fique claro aqui que a utilização do banheiro masculino não é mais segura que a do banheiro feminino. Meu corpo “passável”, porém, não chama tanta atenção nesse lugar.

mictórios nos banheiros destinados aos “homens”, o que dificulta a vida de pessoas que, como eu, não utilizam *packers*³² cotidianamente.

Em terceiro lugar está o imaginário. Temos visto uma onda de conservadorismo e violência avançando no cenário nacional e internacional. Fiz uma rápida pesquisa por notícias de agressões e de violações dos direitos humanos, quando o assunto é o acesso de pessoas trans a banheiros públicos, e encontrei, sem esforço, as seguintes reportagens:

- Em janeiro de 2025, uma empresa foi condenada por negar o acesso ao banheiro masculino para um funcionário³³.
- Em Dezembro de 2023, uma mulher cis foi agredida ao sair de um banheiro, em um bar, por ser confundida com uma pessoa trans³⁴.
- Em janeiro de 2024, um homem trans foi agredido por um casal por conta do banheiro que ele utilizava no bar em que trabalhava³⁵.
- Em 2019, um deputado de São Paulo afirmou que “tiraria no tapa” se visse uma mulher trans utilizando o banheiro feminino³⁶.

Acredito que este terceiro ponto seja o mais delicado, quando o assunto é a segurança da população. Aqui não me refiro apenas à população trans, uma vez que não somos apenas nós que sofremos violências transfóbicas. A transfobia tem atingido pessoas cis que fogem dos padrões cishetero, como o caso da mulher agredida por ser confundida com uma pessoa trans. A luta contra a transfobia é uma luta de interesse de toda a população.

O que me causa mais inquietação é o seguinte: se o medo dos conservadores é de que “homens vestidos de mulher” se passem por pessoas trans e assediem mulheres e crianças nos banheiros públicos, qual é o sentido em agredir pessoas trans? O medo que sentem não é, na realidade, dos homens? Será que

³² *Packers* são próteses, geralmente de silicone, que imitam o pênis e podem ser utilizadas para urinar, para volume e para as relações sexuais.

³³ Leia a notícia completa em:

<https://ww2.trt2.jus.br/noticias/noticias/noticia/empresa-e-condenada-por-proibir-trabalhador-trans-de-usar-banheiro-masculino>

³⁴ Leia a notícia completa em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/mulher-e-agredida-ao-sair-de-banheiro-em-restaurante-cliente-pensou-que-ela-era-trans/>

³⁵ Leia a notícia completa em:

<https://www.terra.com.br/nos/garcom-trans-e-agredido-com-soco-por-casal-em-bar-de-mg.dac9f061715f2841860708633c74752baf4iyb6i.html>

³⁶ Leia a notícia completa em:

<https://www.cartacapital.com.br/politica/arranco-a-tapa-diz-deputado-do-psl-sobre-trans-em-banheiro/>

realmente fazem o que fazem para defender mulheres e crianças ou utilizam o discurso de “protetores das crianças e mulheres” como uma cortina de fumaça para agredir pessoas trans, nos transformando em tótems criminalizados socialmente?

Valéria Barcellos (2020) nos convida a um exercício simples antes de utilizar o banheiro:

Antes de mais nada, responda mentalmente: **eu vim fazer o que aqui?** Se a resposta for xixi, cocô ou lavar as mãos, tá no lugar certo; outra, tá errada. **Eu já fui impedido de entrar nesse banheiro?** Se a resposta for sim, proteste; se for não, faça xixi, cocô, lave as mãos e saia. **Uma mulher trans no banheiro feminino vai fazer o quê?** Essa eu respondo: xixi, cocô e lavar as mãos. **Mas eu não me sinto à vontade.** Procure um médico que cuide da bexiga e intestinos, se o problema for fisiológico, ou psicólogo, se o problema for outro. Banheiro é pra fazer necessidades e nós, mulheres trans, sabemos disso. Por mais incrível que pareça pra você, usamos o banheiro pra isso. Se você acha que usamos pra outras coisas, o problema é seu. Nesse caso, aliás, a ameaça é você (Barcellos, 2020, p. 151).

E eu questiono você, pessoa cis que por ventura esteja lendo este texto: pra que servem os banheiros?

A seguir irei apresentar as transcrições das entrevistas que realizei com meus pares de pesquisa. Me coloco nesta etapa do texto apenas como um comentador, sem realizar análises sobre as linhas da vida dos sujeitos. Opto por fazer este movimento de retirada do meu papel crítico enquanto pesquisador, porque quero, neste trecho, apresentar as experiências de Otávio, Ícaro, Cristian e José como eles relataram, sem realizar interferências conceituais, para que assim, certo teor de autoria seja agregado aos participantes, o texto é deles, assim como as linhas da vida. Posteriormente, no capítulo 6, realizei as devidas análises e intervenções epistemológicas necessárias.

5.2 Vestir a si mesmo: quem é Otávio?

Meu corpo é político, pois meu corpo é dissidente, sobre o qual muitas pessoas pensam que podem falar, opinar, e interferir nele, e faço necessário o ato de dizer que o meu corpo é meu e não está só (Rodriguez, 2021, p. 108).

“Te espero com café!” Foi assim que recebi o aceite de Otávio para nosso encontro, que, por escolha dele, aconteceu em sua casa, em uma terça-feira, no meio da tarde. Otávio trabalha na área da saúde, faz plantões noturnos e, quando descii do carro, fui recebido por ele com o maior sorriso e com cara de sono de quem acabou de acordar de uma noite de trabalho. Nos abraçamos, atualizamos um

ao outro dos acontecimentos de nossas vidas, que ainda não havíamos compartilhado. Otávio me mostra as paredes recém pintadas, as cores em tons pastéis que escolheu para as portas, cores que trazem uma alegria para o ambiente, combinando com a energia dele. Nos sentamos em seu sofá e começo a apresentar a proposta de minha pesquisa. Otávio é daquelas pessoas que se alegram com as conquistas dos outros e faz questão de falar o quão feliz ele fica por minha trajetória toda vez que nos encontramos. Eu o conheço desde o início de 2023, quando tive a ideia de criar o coletivo TransFormar. Ele é um dos participantes mais assíduos e, mesmo com suas tarefas como profissional da saúde, sempre que pode, comparece às reuniões e eventos programados.

Otávio, que escolheu o nome de seu avô para ser reconhecido neste trabalho, se identifica como homem trans, tinha 35 anos no dia da entrevista, e seu aniversário aconteceu alguns dias após a nossa conversa, ou seja, hoje ele tem 36 anos. É justamente sobre sua idade que ele começa a responder a pergunta que irá guiar nossa conversa: **Quem é o Otávio?** Para ele, a descoberta de sua identidade de gênero aconteceu no momento certo, quando passou a se entender melhor, a compreender sua condição de ser humano e, a partir disso, empenhou-se na busca por melhorar a si mesmo.

Porque eu sempre tentei viver a minha vida inteira tentando me encaixar. Esperando me encaixar pra não ser julgado de nenhuma forma pelas outras pessoas, entende? (Otávio, 2025)

Ele afirma que as tentativas de se encaixar socialmente estavam mais relacionadas à sua expressão de gênero, uma vez que não iria se submeter a um relacionamento com um homem, já que sentia atração apenas por mulheres. Sendo assim, em sua adolescência, assumiu-se enquanto uma “mulher lésbica” e estava feliz sexualmente. Contudo ele afirma que seguia não se sentindo bem.

Sempre um buraco, um vazio. E eu me questionava, na época eu não fazia terapia, eu era bem jovem. E eu sempre me questionava por quê que eu ainda sinto um vazio, uma sensação... (Otávio, 2025)

Apesar de estar feliz sexualmente, Otávio enfrentava um processo de autorregulação para atingir as expectativas de gênero sobre ele depositadas, ao performar feminilidade e moldar suas atitudes de acordo com o que era esperado dele, reprimindo a si mesmo inconscientemente. Porém, em sonho, vivia algo diferente: era um homem.

Sonhos, todos os sonhos que eu tinha comigo. Eu sonhava que eu era um homem. Todos os sonhos. (Otávio, 2025)

Enquanto dormia, sonhava com o que lhe era negado ao despertar. Acreditava que o inconsciente estava lhe pregando uma peça e que os sonhos faziam parte de um bloqueio. A frustração por não conseguir compreender o que estava acontecendo lhe acompanhava. Por vezes, reafirmava para si mesmo que era “uma mulher lésbica” e reprimia suas ações para que não fosse lido como homem.

Às vezes, vinha algum pensamento do tipo: Nossa, eu faria dessa forma, mas... Eu não sou um homem. [...] Só que daí eu reprimia. Eu pensava aquilo e pensava: Não, eu sou uma mulher, já sou lésbica. Parei aqui. (Otávio, 2025)

Sem compreender o que estava acontecendo consigo mesmo, sem representatividade de pessoas trans, Otávio vivia um relacionamento tóxico na época e fugia do que vivia em seus sonhos. Sonhos que foram sonhados desde a infância. Ao ser questionado sobre a primeira vez que usou roupas “masculinas”, recordou-se dos momentos infantis que viveu:

Eu me lembro que eu acho que eu tinha... Não sei se era 4 ou 5 anos. Bem criança. Era verão. E daí eu tava brincando. E eu tava só de calcinha. Só calcinha. Sem roupinha. Com os meus primos e tal, só que sujei a calcinha de barro. Porque a gente entrava na piscina, saía e ia pra não sei onde. Criança. A minha dinda me deu uma bermudinha do meu primo. E daí eu... Nossa! Era uma bermudinha, entende? E eu, quando criança, eu andava sem camisa. Eu tenho essa lembrança. Eu sempre gostei de andar sem camisa. Porque eu não tinha nada, né? Eu era criança. Eu me lembro várias vezes. Tá chovendo no verão e a gente ia pra rua brincar na chuva. E eu sempre, na época, era ou bermudinha ou aquelas calcinhas infantis. E daí eu me

lembro que sujei e colocaram a bermudinha dele. Porque eu tava na casa dele. E não tinha levado roupa nem nada. E eu... Nossa! Me senti, né? E é estranho. Porque eu lembro da sensação. E... Eu adorei, entende? [...] Foi bem infantil, assim. Nem tinha ideia de nada. Nem sexualidade, nem gênero, nem nada. Eu só me senti muito bem. E eu sempre queria... Se minha mãe deixasse, eu sempre ia na parte dos meninos, nas roupas. Eu nunca achei bonito pra mim usar nada feminino. (Otávio, 2025)

Entre as lembranças da liberdade vivida na infância, Otávio revisita o passado com o olhar. Enquanto fala, vejo acender nele a alegria que só memórias infantis são capazes de despertar em quem as viveu. Questiono sobre o que aconteceu na vida dele para que ele conseguisse se assumir. Otávio então responde que, com quase trinta anos, os pensamentos sobre ser um homem começaram a acontecer com maior frequência, e que por isso começou a seguir canais de homens trans no YouTube.

A maioria era de homens trans se assumindo e falando sobre. Eu ficava tão feliz por eles, entende? E, sem querer, eu entendia o que eles estavam sentindo, mas... Eu pensava: Nossa, tem algo estranho aqui. E daí foi que eu comecei a ter mais pensamentos todos os dias. Eu comecei a sonhar muito sobre isso, entende? Sobre ser um homem. E me sentir bem com isso. (Otávio, 2025)

Seus sonhos, agora mais velho, não são sinônimo de incômodo. Otávio passa a se sentir bem com o que seu inconsciente o reserva, é através da terapia que começa a compreender o que, intimamente, já sabia desde criança: era uma pessoa trans. Porém, o medo e a falta de representatividade fizeram com que Otávio abandonasse a terapia.

E daí eu pensei assim: Eu não quero enfrentar o preconceito que a gente sabe que é. Eu acho que é um dos maiores preconceitos atualmente na sociedade. [...] Porque, sendo lésbica, eu não passei preconceito, entendeu? Mesmo sendo uma lésbica masculina. E eu pensei: Não, não quero passar por isso. Ah, meu Deus. Toda a burocracia de mudar de nome e ter que me assumir. Porque não é que nem eu começar em um emprego e eu não preciso estar falando que eu sou lésbica, na

época, entende? Pra ser trans, eu tenho que estar sempre me afirmando, me assumindo pra todo mundo, o tempo todo. Em todo lugar. Eu vou no mercado e daqui a pouco vão pedir algum documento, algum cartão de crédito ou vão falar comigo e eu vou ter que estar corrigindo o pronome, entende? Eu pensei: Não, não dá pra mim. (Otávio, 2025)

Ao abandonar a terapia, Otávio passa a sofrer. A compreensão de sua realidade enquanto sujeito trans fez com que o que antes era natural passasse a lhe causar desconforto. As roupas que vestia passaram a ser um peso e o medo fez com que surgisse um bloqueio sobre o assunto e Otávio sofreu. Até que buscou ajuda psicológica e, com o auxílio, passou a pensar em estratégias para enfrentar seu sofrimento.

*E daí eu pensei: Não, não dá pra mim viver assim... Cara, eu já enfrentei tanta coisa na minha vida, sempre foi isso. E daí eu pensei: E o resto da minha vida vai ser isso, porque é o que eu sou. **Eu nasci uma pessoa trans.** E... quando eu decidi aceitar, daí deu aquela coisa gostosa dentro de mim. Eu não sei te explicar, mas uma sensação tão gostosa, tipo, **eu sou isso.** [...] E eu pensei: Não, a minha vida é o que eu sou, eu vou enfrentar. (Otávio, 2025)*

A coragem de assumir quem é deu a Otávio novas perspectivas. Ele voltou para a terapia e assumiu sua identidade.

*É o que eu sou. Não tem como eu evitar isso. Eu vou ser infeliz pro resto da minha vida e tentar sempre me encaixar em alguma caixinha porque a sociedade me impõe que eu fique em alguma caixa. Eu sou um homem trans que ainda to descobrindo a minha sexualidade. Porque agora eu sou hétero, mas amanhã eu não sei se vou ser bi, e tá tudo bem, entende? **Mas eu tenho certeza, cada dia que eu acordo, que eu sou trans.** (Otávio, 2025)*

Com a transição, aparecem novas preocupações. A referência de masculinidade que conhecemos é a cisgênera, e Otávio sofreu, no início, por tentar se comparar com os padrões esperados dos homens cis.

Mas hoje eu tenho certeza, graças a Deus, entendeu? Que eu sou um homem trans. Eu nunca vou ser um homem cis. E tá tudo bem. Eu me sinto super. Comparado com um homem cis, nossa, eu me acho, entendeu? Por todas as vivências que tive, e porque eu amo meu corpo. (Otávio, 2025).

Sobre sua relação com o próprio corpo, Otávio afirma que tem um único desejo: realizar a mastectomia. Não para agradar as outras pessoas, mas porque tem o desejo de se sentir bem nas suas roupas. Ele conta que, desde que começou o seu processo de transição, nada do que faz é pensando nas outras pessoas, em suprir as suas expectativas, mas sim em seu próprio bem-estar.

*E é tão boa a sensação que eu sinto pena de quem não tem essa liberdade dentro de si. De preconceito, em geral, e dos medos. Mas é tão diferente viver desde que eu me assumi. Porque é engraçado, eu aproveito até quando eu tô indo trabalhar. Eu saio de casa e o mundo parece que tem outra vibe. É muito louco. Mas eu vou... E antes eu não prestava atenção. Entende? Nos pequenos detalhes. E hoje eu presto. Eu vivo o máximo que consigo, sabe? Por todos os medos. Porque eu não sei o que pode acontecer comigo. [...] E é tão bom simplesmente ser quem a gente é. É muito bom. E eu sinto pena das pessoas que se bloqueiam. Porque eu sei que eu passei por isso e é horrível. **Parece que a gente tá morrendo aos poucos, de dentro pra fora.** (Otávio, 2025)*

Otávio afirma que a parte mais difícil de sua trajetória foi a decisão de enfrentar o mundo, mas que a recompensa por isso é indescritível e a sensação que a liberdade de ser quem se é traz só é possível compreender por quem a sente. Questiono Otávio sobre a sua relação com as pessoas ao seu redor após a transição e é por esse rumo que nossa conversa segue. Ele afirma ter sentido medo de se assumir para a família, já que diversas vezes ouviu sua mãe criticar o ator Thammy Miranda, por sua transição de gênero. Sobre sua carreira, Otávio afirma que, independentemente do local de trabalho, ele sentiria medo do preconceito, de como a adaptação aconteceria, medo de uma possível demissão em função de sua identidade de gênero.

Só que o meu sofrimento era maior do que todo o medo. O sofrimento que eu sentia era maior do que o medo, entende? (Otávio, 2025)

Ao decidir assumir sua identidade, descobriu que a sua área de atuação é acolhedora, na maior parte do tempo, com corpos como o dele. De acordo com ele, as pessoas se mostram empáticas ou não parecem se importar com a vida sexual ou a identidade de gênero dos colegas. Porém, relata ter sofrido um ou dois episódios de transfobia no trabalho.

Uma menina, secretária, que era lésbica, bem sapatão, bem caminhoneira, que errava propositalmente o meu pronome, desde que eu me assumi. [...] Não sei se ela tinha raiva de mim, porque eu era uma mulher lésbica e daí me entendi sendo um homem trans. Ela ficou com raiva, achou que eu tava menosprezando alguma coisa, porque ela me tratava super bem antes, entende? E aí, depois, ela propositalmente errava o meu pronome, errava meu nome, e a gente sabe que não era por engano. Que nem as outras pessoas, eu sabia, notei no início, quando me chamavam pelo meu nome morto, que era pelo cotidiano, a rotina, porque automaticamente me pediam desculpa e falavam meu nome certo, entende? Falavam: Desculpa, é que eu tô ainda me acostumando, sabe? Todo sem jeito e pediam desculpa. Ela nunca me pediu desculpa, e até com um sorriso no rosto falava o pronome e o nome errado (Otávio, 2025).

Quando percebeu as investidas preconceituosas de sua ex-colega, Otávio notificou sua coordenadora, que prontamente conversou com ela e resolveu a situação. Desde o ocorrido, ele afirma ter sofrido poucos casos de preconceito por parte dos colegas de trabalho e salienta que, ao se assumir, a coordenadora de seu setor o acolheu, realizando a alteração de nome no crachá e no sistema, mesmo antes de ter alterado seu registro civil.

Então eu me senti super acolhido pela minha coordenadora e grande maioria dos meus colegas. Eventualmente tem um ou outro que é preconceituoso, não entende, tipo assim: “Tu já é lésbica, por que tu quer sempre aquela coisa?”, entende? Mas sempre teve. Alguns que tinham essa fala agora, no decorrer do tempo, entenderam. Porque eles também, eu não posso obrigar e exigir que eles entendam

sobre, porque eles têm outra vida, eles têm outros ambientes, entende? E daí eles começaram, comigo eles aprenderam várias coisas, tipo sexualidade, gênero, que eles achavam que era tudo igual, entende? (Otávio, 2025)

Otávio afirma que, com o passar do tempo, outros colegas trans começaram a trabalhar no mesmo hospital, com os quais ele teve contato e pôde acompanhar os processos de transição. Após falarmos de sua vida profissional, pergunto a ele sobre sua trajetória até chegar no território que hoje ocupa. Explico que uma das propostas de minha pesquisa é compreender de que maneira as pessoas transmasculinas ocupam os espaços no Vale do Taquari.

Eu nasci em Taquari, em 1989. Com 22 ou 23 anos, me mudei para Lajeado, casado, na época, por causa do trabalho. Eu era técnico em segurança do trabalho e precisava fazer um estágio obrigatório e, em Taquari, eu não conseguia ninguém... Não tinha nem lugar pra mim fazer o estágio. Eu vim pra cá, eu fiz o estágio [...] e não gostei da profissão. Achei muito chato lidar com pessoas da construção civil. É muito chato, porque são todos homens cis, héteros, machões, e que não aceitavam as orientações dos EPI³⁷s sendo de uma mulher, entende? Daí eu odiei. Não tinha paciência para lidar. Não tenho, até hoje, pra lidar com homem cis, hétero e branco. E eu sempre quis fazer técnico de enfermagem. Daí eu fiz. Amo o que eu faço, mas... por nunca ser valorizado, nem financeiramente, nem nada, eu to querendo sair da área. Sei que vai demorar bastante, mas o bom é que eu gosto do que eu faço. Só não sou valorizado, mas não é só essa profissão que não é, né? (Otávio, 2025)

Questiono Otávio sobre a maneira com que as pessoas o tratam nas cidades aqui do Vale do Taquari após sua transição de gênero. Pergunto se o tratamento é parecido ou igual ao que recebia quando se apresentava enquanto uma mulher lésbica. Ele afirma que os olhares que tem recebido, após seu processo de transição, vêm das pessoas que o conheciam antes, mas que não têm contato frequente ou que não estão mais em sua vida. Pessoas que hoje ele encontra na fila do mercado ou pelas ruas. Não soube definir se os olhares que recebe são de

³⁷ Equipamentos de Proteção Individual.

juízo ou de dúvida em função das mudanças pelas quais seu rosto e seu corpo passaram com um ano de tratamento hormonal.

Só que, aqui, muitas pessoas me conhecem antes da transição. E é esse o olhar que eu sinto de juízo. Das pessoas que me conheciam e não tão... Não tenho contato pra elas saberem da transição. [...] Que não sabem quem eu sou. Tem essa dúvida. Eu não gosto. Mas também tô cagando. (Otávio, 2025)

Otávio conta que, nos últimos dois meses, esteve de repouso por conta de uma cirurgia e, nesse período, terminou um relacionamento. Com isso, passou a deixar seu bigode crescer, já que sua antiga namorada não gostava que deixasse o bigode. Mesmo assim, hoje, com barba no rosto, relata que, em alguns momentos e em determinados lugares, as pessoas seguem lhe chamando pelos pronomes femininos.

Que nem, em alguns lugares que eu vou, que as pessoas nem me conhecem antes. Que eu acho que me olham e observam tanto que ainda chamam no pronome feminino. E é proposital, né? Porque não tem explicação. Chamar no pronome feminino uma pessoa que tem um pouco de barba no rosto. Eu não vejo sentido nisso. Porque, tipo, vai chamar, se fosse uma mulher, no pronome masculino se tivesse um buço um pouco mais... (Otávio, 2025)

Pensando em sua vivência antes da transição, enquanto uma mulher lésbica desfem³⁸, pergunto a Otávio sobre como era o tratamento que recebia das outras pessoas em relação ao uso de seu pronome. Ele afirma que raramente erravam, mas que, quando acontecia, ele gostava. Ainda diz não compreender ao certo o porquê, já que, em brincadeiras entre amigos, percebia certa facilidade de os outros o tratarem no masculino. Essa facilidade sumiu quando decidiu reivindicar sua identidade masculina. Comento com ele sobre a maneira que as pessoas cis lidam com nossos pronomes e que penso que, por vezes, cometem erros propositalmente, para garantir seu poder hegemônico.

³⁸ Termo utilizado para fazer referência à mulheres lésbicas que não performam a feminilidade esperada socialmente.

Só que eles não têm esse poder, e eu não deixo eles acharem que têm esse poder [...]. Só que agora, eu, fazendo terapia, eu fico pensando: Será que vale a pena bater de frente com uma pessoa ignorante que provavelmente é tão infeliz que se sujeita a querer ferir outra pessoa? Nem me conhece direito e eu nunca fiz nada... Essa pessoa é muito infeliz. Eu penso assim, entende? Porque eu não sou assim, nunca fui assim... São pessoas muito tristes e infelizes. Têm muitos traumas. Elas se colocam em caixinhas e vai saber se não sentem a mesma coisa que eu sentia, só que elas têm tanto preconceito e medo... Eu acho que, tipo, as pessoas que destilam muito ódio são as pessoas que sentem uma indecisão, principalmente, sabe? Porque quem é resolvido sexualmente e com seu gênero, eu acho que não tem tanto preconceito [...]. Eu acho que as pessoas que mais destilam, tipo essa menina lésbica que não acertava meu pronome, eu acho que ela sente algo e não tem coragem. Eu fico triste por ela, mas também não tô nem aí. Faça terapia. (Otávio, 2025)

Comento com Otávio sobre a importância de ouvir o discurso dele. Afirmando que sinto que ele não se deixa ocupar o espaço estereotipado de pessoa à margem para o qual muitas vezes somos empurrados, forçados a habitar. Concluo dizendo que percebo que ele consegue se colocar o tempo inteiro enquanto uma pessoa viva e que está aí, na sociedade, e é um dever dos outros respeitar e lidar com ele, do jeito que ele é.

É que nem a gente tava falando: O problema não tá em mim, o problema está neles, nas pessoas que sentem o preconceito e esse tipo de ódio contra a gente. Elas mesmas não se entendem e elas destilam esse ódio porque elas têm ódio do que elas são, na realidade. Só que elas descontam no outro. É a percepção que eu tenho disso, entende? Porque é muito ódio de alguém que a pessoa não conhece, não sabe o que é... (Otávio, 2025)

Nossa conversa estava se encaminhando para o fim, mas eu não poderia deixar de conversar com Otávio sobre o movimento social, por isso lhe pergunto como vê a sua participação enquanto um articulador dos movimentos de que faz parte.

Tô bem mais ativo dentro da sociedade porque eu tenho que me impor muito e dentro do nosso município, da nossa região, principalmente. Eu sinto que, desde que tu me chamou pro coletivo, desde tudo, que é necessário. Eu sinto que eu não tô fazendo só por mim, eu tô fazendo por nós e pras outras pessoas que vão vir, que eu quero que esteja bem mais tranquilo aqui nessa região pros próximos, sabe? E eu me sinto assim. Não tem outra opção pra eu conseguir viver e ter meus direitos aqui. Eu tenho que tá convivendo e dentro, principalmente, da política, acompanhando e vivendo isso, cobrando. (Otávio, 2025)

Apesar de afirmar não gostar de política, ele aponta a importância das movimentações para a mudança social e conta que busca educar as pessoas à sua volta para que a próxima pessoa trans não passe pelo que passou.

Pra não correr nenhum risco, eu tô sempre educando, porque eu entendo que eles não tão no mesmo ambiente que eu. É tudo novo pra eles e eu fico feliz porque a grande maioria, pelo menos no meu convívio, está disposto a aprender, entende? Eles têm essa abertura. (Otávio, 2025)

Para encerrar nossa conversa, retomo a pergunta inicial: **quem é o Otávio?**

É um cara que só quer ser feliz, só quer ter a oportunidade de viver com os mesmos direitos dentro da sociedade, porque trabalho, pago minhas contas. Eu pago meus impostos da mesma forma que qualquer outro ser humano. Só quer viver e ser feliz, me amando, principalmente isso: me amando. Entende? Eu não quero afetar a vida de ninguém, eu não afeto a vida de ninguém. Só isso que eu quero: aproveitar a vida e o mundo, o que ele tem pra proporcionar pra gente, da mesma forma que um ser humano cis. Só isso.

E aqui encerro esse recorte da história de vida de Otávio, narrada por ele.

5.3 A descoberta do que sou: quem é Ícaro?

Ícaro afirma que é acanhado. Quando fiz o convite, me disse ter dúvidas sobre sua possibilidade de agregar algo à minha pesquisa. Mal sabe ele que é uma das pessoas que me inspira. Sempre que nos encontramos, ele me faz pensar e ter certeza de que a gente sempre tem algo novo a aprender. Conversar sobre gênero com ele é sempre uma aula. Seu ponto de vista geralmente me faz analisar as coisas que escrevo. Marcamos em um café, no centro de Lajeado. Chegamos quase juntos no lugar. Era um dia bonito, ensolarado e quente. Sentamo-nos em algumas almofadas, perto de uma mesinha, e ali conversamos por cerca de uma hora.

Lanço a pergunta inicial: **Quem é Ícaro?** Ele inicia a sua resposta contando que havia acabado de sair de um exame admissional, havia conseguido um emprego novo de auxiliar administrativo. Seu desejo era sair do *fast-food*. De acordo com ele, a carga horária faz com que ele não tenha tempo para fazer coisas simples do dia a dia e, como está estudando, conciliar tudo é difícil. Ele me conta que está planejando se mudar para Minas Gerais, que gosta da cultura, da comida e das pessoas daquele estado e tem o desejo de sair daqui. Ele afirma que tem vontade de realizar um mochilão pelo Brasil, como sua irmã tem feito, porém tem um filho de quatro patas que é idoso e diabético e que demanda cuidados especiais. Por isso, por hora, isso não é viável.

Pergunto sobre sua [identidade](#) de gênero, se ele se identifica como um homem trans, como uma pessoa transmasculina ou alguma outra classificação.

Pra mim é a mesma coisa, só muda o nome. Porque eu acho que é mais fácil as pessoas entenderem eu falar que eu sou um cara trans do que uma pessoa transmasculina. Entendeu? Só que eu acho que tu se afirmar como transmasculino consegue abranger, tipo, não botar aquela carga como se fosse cis, porque tem gente que acha que existem pessoas trans binárias... Eu não acredito nisso. Porque como é que um cara com buceta é binário? Eu não acho isso aí. Só que também, pras pessoas que não conhecem muito sobre isso, eu falo: Ah, sou transmasculino. Daí vai pensar: Ah, é não binário, né? É também, entendeu? Acho até que as pessoas cis não são binárias. Eu acho que não existe essa coisa de binário. Porque todos somos não binários. (Ícaro, 2025)

Sobre sua percepção de como aconteceu de se entender enquanto pessoa trans, Ícaro afirma que seu processo foi de experimentação, que se sente deslocado porque diferente de algumas pessoas trans. Ele não se percebeu diferente quando criança.

Pra mim, eu acho que criança é criança, sabe? Principalmente se tá passando por algumas coisas difíceis. É um pouco mais difícil de tu pensar em gênero, sabe? Ou sentir alguma coisa assim. Eu acho que, na adolescência, quando tu começa a experimentar outras coisas e tal, não só experimentar. Porque tem muita gente que experimenta e acaba destransicionando, sabe? Eu acho que, quando tu experimentar, tem que ter o estudo sobre aquilo, não só algo vazio. Porque é muito fácil de brincar com isso, sabe? (Ícaro, 2025)

Questiono se o processo de se entender uma pessoa trans aconteceu aos poucos, e Ícaro afirma que sim, que, em um primeiro momento, acreditou que fosse gênero fluido, mas que, por fim, compreendeu que se identifica como uma pessoa transmasculina. De acordo com ele, a representatividade de homens trans, pessoas transmasculinas e travestis nas redes sociais e no YouTube o auxiliou a entender o seu próprio processo e a superar a ideia de que, para ser uma pessoa transmasculina, seria preciso performar a masculinidade dos homens cis.

Tem o [...] Jonas Maria. Ele, também tem, não sei se tu conhece, a Luna Ventura [...] Porque ela fala sobre isso de não tentar se comparar com o corpo cis, porque a gente não é, entendeu? E isso aí é bom, né? A gente não é dessa forma. As pessoas são diferentes, entendeu? Daí é mais abraçar o que tu é do que tentar negar alguma coisa, sabe? Isso me ajudou bastante. (Ícaro, 2025)

Sobre as pressões de gênero que acontecem, pergunto a Ícaro se ele já sentiu algo parecido.

Pra performar uma masculinidade? Tipo eu to há um ano e nove meses em testosterona injetável. Eu tomava androgel e aí, por mais que eu tô há um tempinho já tomando testosterona, tipo, não sei se a minha aparência ainda não é masculina. Aí tem muita gente que ainda erra, sabe? E, ah, tô andando na rua, tem muita gente

que erra, tem gente que acerta, mas é meio a meio, sabe? E aí, pra mim, era mais complicado no início porque eu tentava fazer com que as pessoas não confundissem e eu me vestia o mais masculino que eu conseguia, sabe? Só que, ah, isso aí é chato, sabe? Eu quero usar, por exemplo, roupas assim (aponta pra roupa que está vestindo), roupas que não tem gênero, mas que também podem ser usadas por outras pessoas, sabe? Mais o meu estilo do que tentar vestir uma coisa que não é tanto o meu estilo, sabe? Pra tentar fazer as pessoas não se confundirem, sabe? Mas aí, que parada é essa? (Ícaro, 2025)

Ícaro conta que a relação com os outros mudou a partir do momento em que se assumiu enquanto pessoa transmasculina.

A transição é tu, diariamente, afirmar o que tu é, entendeu? Também é roupa, mas também é tu corrigindo as pessoas, por isso que eu entendo que a transição, ela não é, tipo, foi uma vez que tu transicionou. Não... É todo dia tu afirmando o que tu é, entendeu? (Ícaro, 2025)

Seus pais não entendem. Ele conta que seu pai só descobriu que ele havia mudado de nome porque estava movendo uma ação judicial. Conta que sua irmã (gêmea) nunca errou. Desde o momento em que Ícaro se assumiu, ela passou a tratá-lo nos pronomes e no nome adequados e a corrigir e alertar quem convivia com eles. O choque geracional entre os colegas de trabalho foi um ponto apontado por Ícaro.

No trabalho, a maioria era jovem, mas eu trabalhava na cozinha. Aí tinha, né, pessoas mais velhas. Daí foi meio difícil, né? E tu tentar, com pessoas mais velhas, tu tem que mostrar mais, principalmente no início, que tu é quem tu é, entendeu? Ou seja, às vezes cair numa performance, tipo, atuar, sabe? Tipo, atuar mais masculino do que tu é, sabe? Pra convencer eles que tu é assim, entendeu? (Ícaro, 2025)

Um dos assuntos que sei que Ícaro costuma falar é sobre o conceito de gênero. Por diversas vezes já conversamos sobre nossas perspectivas sobre o

tema e por isso peço para que ele me conte um pouco sobre o que entende por gênero e qual a importância do conceito para ele.

Eu acho que gênero, na verdade, é algo que não existe, mas é porque não existia, né? Antes, com os povos indígenas e tal, né? Foram os europeus que inventaram tudo isso. Mas gênero é performance [...]. É como tu se impõe pra sociedade e pras pessoas, né? Pra mim, isso aí é gênero. (Ícaro, 2025)

Sobre a importância do conceito em sua vida, Ícaro afirma que, para ele, o intuito do gênero em sua vida era, de início, fazer com que os outros o enxergassem como ele se vê.

*Agora, né, não importa, porque eu sei o que eu sou, entendeu? Por mais que tem pessoas que erram, às vezes, meus pronomes na rua e tal, ou a minha mãe erre sem querer, entendeu? Eu queria que as pessoas me enxergassem do jeito que eu me enxergo, mas eu sei que nem sempre as pessoas vão fazer isso e tá tudo bem. Entendeu? **Mas é externalizar o que eu sinto por dentro, né?** (Ícaro, 2025)*

Sobre seu processo de transição, ele afirma que sempre levou sua trajetória de maneira leve. Seu intuito é ser feliz e, para ele, não faz sentido se machucar com cobranças. Por mais que existam momentos em que enfrenta disforia e dificuldade de compreensão dos outros, a internet lhe apresentou outras maneiras de ser trans, o que o auxiliou no processo de autoaceitação. Sobre as dificuldades que encontra no caminho, Ícaro afirma que o fato de não ter barba, mesmo com o uso de testosterona e minoxidil, o incomoda.

Mas aí eu acho que, quando eu falo que eu não me incomodo com as pessoas errarem, tem aquele incômodo. Não é como antes, mas eu tenho disforia com isso, né? Tipo eu não sei e meu rosto é feminino. Eu acho que não, tipo, estamos comparando com antes, sabe? Mas isso aí me incomoda, porque não ia me incomodar se as pessoas, por exemplo, eu sei que eu sou mais feminino, né? Mas se as pessoas me confundem com um gay, entendeu? Do que com uma mulher, sabe? Pra mim, isso aí não é o que me desagrada, entendeu? Mas eu tenho disforia com isso. Eu não sei se é por causa da minha altura, sabe? Que eu sou mais

baixinho, né? Ou se eu sou feminino, porque não tenho pelo na cara, ou porque visto roupas assim, mas não é tão cisgênero, né? Ou porque também gestículo bastante [...]. Porque eu trabalho com bastante cara cis. Eu, querendo ou não, me sinto meio deslocado, porque eles falam: Ah, mulheres... Ah, rola, não sei o que... Eu não tenho. Não vou saber o que é isso. (Ícaro, 2025)

Comento com Ícaro que eu tenho observado bastante o rosto de homens cis e que boa parte deles opta por não ter a baba grande ou, de fato, não tem barba... Não é isso que vai fazer dele homem ou não.

É, mas não confundem eles, né? Pra mim, confundem direto. (Ícaro, 2025)

Seguimos a conversa sobre as dúvidas, receios e hipóteses dos motivos que fazem com que as pessoas sigam errando os nossos pronomes, e que a passabilidade não nos serve de nada. Comento com ele que, mesmo com barba comprida, já fui chamado de moça, de mana, de mulher...

Eu vi muito isso de mulheres trans, travestis, falando que, quando não tinham transicionado, quando eram gays afeminados, tratavam no masculino, mas diziam: “Vai virar mulherzinha”. Mas, assim, querendo zoar que ia virar mulherzinha, não sei o que... Aí, quando vira mulherzinha, começa a só chamar no masculino, bem macho, sendo que é uma loucura isso. É de propósito [...]. Mas eu acho que nem sempre é maldade, só que eu não sei como as pessoas conseguem enxergar que a gente é trans. Porque tem criança, entendeu, que já me chamou no feminino, e, tipo, não sei se acha que eu sou uma sapatão masculina, entendeu? Pode confundir, né? Isso é muito bizarro. (Ícaro, 2025)

Questiono Ícaro se ele conta com algum suporte psicológico. Ele afirma que não consegue conciliar a rotina de estudante e trabalhador, que pretende iniciar o acompanhamento a partir do ano que vem. Relata que foi encaminhado ao CAPs, porém o tempo de espera para a consulta era muito longo e acabou desistindo. Seguimos conversando sobre nossas características corporais e levantando hipóteses sobre as características que levam a cisgeneridade a nos confundir.

E eu tinha um cabelo maior, antes, nesse ano ainda. Só que aí o pessoal tava me confundindo demais, entendeu? [...] Fui à farmácia, né? Até que a moça que ficava no caixa me confundiu, entendeu? Daí eu: Não, não é possível, é meu cabelo, ele tá comprido demais, tá me confundindo. Daí eu cortei bem curtinho, entendeu? E aí eu odiei. Eu estava gostando do meu cabelo, entendeu? O que me incomodava era as pessoas me confundirem, mas eu gostava dele, sabe? Daí eu tive que cortar, e as pessoas não me confundiram por aquele tempo que tava bem curtinho, sabe? Mas quando começa a crescer, assim, de novo, as pessoas já vão se confundindo mais. (Ícaro, 2025)

Concordamos que a passabilidade é uma utopia. Ícaro ainda afirmou que, quando descobrem que somos trans, toda a suposta passabilidade cai por terra e nossa identidade é invalidada. Da mesma maneira que acontece quando descobrem, às vezes, nossos antigos nomes.

E tu não quer saber mais desse nome, entendeu? E é a mesma coisa do que alguém que tu desconhece, um desconhecido, um estranho, saber algo da gente não sei onde, entendeu? Tu, querendo ou não, tu não quer que as pessoas saibam sobre isso, entendeu? Tu quer falar quando tu... Se tu quiser falar sobre isso com as pessoas que tu quer, entendeu? Mas não que alguém que tu não conhece saiba sobre algo íntimo sobre você, assim. Pra mim, é íntimo, entendeu? E é chato, assim. Veio até um cartão do Banrisul, que eu tenho conta lá, no meu antigo nome. Sério, dá uma raiva, daí eu quebrei tudo. (Ícaro, 2025)

Sobre a raiva, pergunto à Ícaro como ele faz para lidar com esses sentimentos, uma vez que é senso comum a ideia de que homens trans, após a transição hormonal, passam a sentir as coisas de forma diferente.

Eu não tenho o que fazer, entendeu? Dois trabalhos, né? Ter e deixar de ter também. [...] Eu não sei, as pessoas dizem que a gente fica mais agressivo, entendeu? Eu não senti que eu fico mais agressivo, não. O que eu senti é que, por exemplo, eu sou muito chorão, entendeu? [...] Mas eu deixei de ser chorão. Eu continuo chorando bastante por videozinho triste no Instagram, entendeu? [...] E é isso, que eu choro menos. Por exemplo, é um curto período de tempo e não é

sempre que eu choro, sabe, assim. Mas eu não deixei de ter sentimento. Tem gente que fala que deixou de ter sentimento. Eu não sei se daí é algo psicológico, eu acho. Ou que agora acha que tu pode ser agressivo à vontade, entendeu? Eu não sou agressivo. Então, não sei. O pessoal acho que às vezes internaliza. Ai, que os caras cis são assim. Eu tô me tornando assim também. Não sei, não. Acho que é coisa da cabeça. (Ícaro, 2025)

Comento que, por vezes, penso que algumas pessoas transmasculinas e homens trans podem buscar performar a masculinidade de um homem cis hétero, como uma forma de tentar se encaixar. Ícaro contesta, afirma que, na sua perspectiva, a transição de gênero deveria ser um processo de autodescoberta.

*Mas eu acho que tu transicionar é tu... Pra mim, foi eu descobrir o que eu sou, sabe? Todo dia, ou pelo menos, não é todo dia, mas ao longo da minha transição, eu ficava descobrindo mais coisas sobre mim. Entendeu? Eu não tô querendo imitar alguém. **Eu não sou a versão 2.0 de cara cis. Eu sou eu.** Pra mim, não é questão de imitar ou querer ser parecido, semelhante. **Eu quero ser quem eu sou.** (Ícaro, 2025)*

Conto que algumas pessoas já me perguntaram o motivo das pessoas transmasculinas desaparecerem na sociedade e não participarem ativamente dos movimentos de militância. Afirmo que é uma mentira, que é um mito.

É porque fazem a gente desaparecer. É porque não... É muito mais fácil tu [...] deixar as pessoas invisíveis. Porque, antes da transição, tem muitos [transmasculinos](#) que lutavam ou, tipo, eram feministas, assim, antes de transicionar. Lutavam pela causa da mulher e tudo mais. E aí, depois que transicionam, tem gente que enxerga como se não fizesse mais parte, entendeu? Sendo que a gente sofre também porque a sociedade odeia corpos com buceta. (Ícaro, 2025)

Conversamos ainda um pouco sobre as diferenças nas violências sofridas por homens e mulheres trans. Os recortes sociais são vistos por Ícaro como condicionantes para o tipo de violência que os sujeitos poderão sofrer.

Tipo, eu entendo que as violências para caras trans são diferentes para corpos transmasculinos e para corpos travestis e transfemininos. Eu sinto que é muito mais agressivo, geralmente, tipo, agressão física e tal, para travestis e mulheres trans. Pra nós, é um outro tipo de violência, sabe? Tipo deslegitimar, acabar excluindo ou não conseguindo emprego. É diferente. Pra mulheres trans também acontece, mas acaba sendo mais violento. (Ícaro, 2025)

Para encerrar nossa conversa, Ícaro afirma que nasceu em Porto Alegre e conta um pouco sobre como é morar, atualmente, no Vale do Taquari.

As pessoas não entendem, como eu te falei, né? Eu geralmente não falo que sou transmasculino porque, como eu te falei, as pessoas não entendem o que é ser transmasculino. As pessoas entendem quando tu fala que tu é um cara trans e, às vezes, nem isso, porque eu já fui ali no postinho e eu falei que eu era um cara trans e começou a me tratar no feminino, achou que eu era uma mulher trans. Então é muito difícil de tu se impor como transmasculino porque, querendo ou não, gênero é complexo e eu acho que respeitam e é isso. A gente respeita, só não vamos falar sobre isso. (Ícaro, 2025)

E aqui encerro esse recorte da história de vida de Ícaro, narrada por ele.

5.4 Eu sou muitas coisas: quem é Cristian?

É interessante como o processo de pesquisa acontece. Revisitando meu caderno de anotações, que compus durante as conversas, percebi que foi no dia em que estive com Cristian que decidi que seria impossível falar sobre as vivências de outras pessoas transmasculinas sem escrever um subcapítulo sobre minhas vivências enquanto corpo transmasculino. Quando nos encontramos, em uma padaria, no centro da cidade, o dia estava nublado. Cristian chegou com seu sorriso característico e, de certa forma, a instabilidade do clima não foi algo que nos atrapalhou. Toda vez que lembro dele, em minha mente, ele está sorrindo.

Conversamos um pouco sobre as coisas da vida que estavam nos atravessando, fomos para o buffet e nos servimos de várias coisas de padaria que

nos acompanharam durante a conversa. O café, novamente, estava presente, selando o pacto de conforto que a proposta de minha pesquisa propõe. Cristian é o mais jovem dos sujeitos da pesquisa, participa do coletivo desde a primeira reunião e traz consigo o que sua juventude tem de mais bonito: a força de vontade para mudar as coisas. Solto a pergunta central: **Quem é o Cristian?**

*Eu sou uma pessoa transmasculina. Não me identifico necessariamente como um homem trans. **A palavra homem, pra mim, ela tem sentidos que, às vezes, eu acho que não se adequam à pessoa que eu sou. [...]** Eu sou um irmão mais velho e eu acho que, talvez, isso tenha sido, tipo, dentro da descoberta, uma das coisas mais complicadas e simples ao mesmo tempo. Por ser um exemplo, no caso, de ser um exemplo dentro de casa, como uma pessoa trans também é uma coisa, tipo diferente, né? Atualmente eu também sou estudante [...]. A princípio, agora que eu quero fazer design, então, eu tô correndo atrás de todo jeito para conseguir isso. [...]* **Eu também não posso dizer que eu trabalho, mas sou ogã de um terreiro. E, atualmente, isso também tá me demandando bastante porque, cara, principalmente no início da minha transição, eu me via como uma pessoa, tipo, nossa, quanto mais invisível eu conseguisse ser melhor, sabe? Quanto mais as pessoas não me perceberem, melhor. Porque a chance, tipo, de acontecer alguma coisa ruim é menor. E, atualmente, eu tenho essa, eu tenho que ter essa iniciativa de ser alguém. De realmente deixar uma marca dentro de casa. Eu tenho isso no terreiro. (Cristian, 2025).**

Cristian comenta que, em breve, irá começar a ministrar aulas de atabaque no terreiro. Afirmo ter um certo receio de como será a receptividade de um corpo trans que ensina, que, por isso, tem se esforçado para que o curso seja o mais assertivo possível. Afirmo que, apesar dos medos, tem recebido bastante apoio. Para concluir a resposta à pergunta central, afirmo ser filho, menino, namorado.

[...] Enfim, muitas coisas. (Cristian, 2025)

A pergunta que segue é sobre como aconteceu o processo de descoberta de seu gênero. Cristian responde que, desde muito novo, teve questões delicadas de saúde mental. Afirmo que não relacionava elas ao que chamou de ideologia de

gênero, mas que os problemas com sua autoimagem e com seu corpo eram constantes.

Eu não fazia terapia até meus 12 anos, só que, até os 12 anos, eu já tinha tido algumas tentativas de suicídio. Então, tipo, eu já tinha desenvolvido uma raiz forte de algum problema que eu tinha. (Cristian, 2025)

Foi na puberdade que Cristian conheceu o conceito de transgeneridade através da internet. Ele afirma que, analisando atualmente, com o letramento que possui, a maneira com que o termo lhe foi apresentado foi extremamente errada. A transgeneridade estaria em um lugar de doença, como uma dissociação entre corpo e mente. A partir de sua pesquisa inicial, começou a se aprofundar sobre o assunto e a questionar as estruturas e os marcadores sociais, como o ser homem e o ser mulher.

E daí, cara, literalmente, eu percebi que, desde que eu sou criança, a minha expressão de gênero sempre foi tentar parecer, tipo, nada, sabe? Eu não gostava, no caso, minha mãe sempre gostava que eu me vestisse com saia, com coisas, assim, que estereotipam o feminino. Meu pai não se importava muito com nada. E eu, em si, eu só gostava de vestir roupas largas. Tudo que era confortável pra mim. Só que, aí que tá... As roupas mais largas, depois elas passaram a ter outro significado: a ter o significado de, tipo, eu não quero ver o que está crescendo no meu corpo, sabe? Eu não quero ver meus seios. Eu não me sinto confortável com isso. Sabe? A princípio, isso partia dessa coisa da sexualização, né? Tipo tu tá ali, da puberdade, os meninos tão falando sobre isso, sobre peito, sobre bunda, e tipo... E eu não queria ser relacionado com nada disso. De nenhuma forma. Independentemente se isso significava ser homem ou mulher. Eu só não queria ter relação com isso. (Cristian, 2025)

A puberdade também trouxe para Cristian a descoberta de sua orientação sexual. A bissexualidade veio como um alívio porque, até então, acreditava ter interesse apenas por meninas, o que era mais difícil de lidar com sua família. A primeira vez que se relacionou com um menino foi um divisor de águas para Cristian

porque, a partir daquele momento, começou a questionar de que maneira gostaria de performar em um relacionamento.

*Gente, foi aí, a primeira vez que, tipo, eu entendi que, nossa, eu amo essa pessoa, só que eu não gosto que essa pessoa me veja e me chame da forma que ela tá fazendo. Eu não gosto disso, eu realmente não gosto disso. Eu sempre tive o apelido de Cris, né? As pessoas sempre me chamavam assim. E por quê? Porque eu falava: Ah, não sei chamar, tipo, pelo nome completo, né? Pode chamar de Cris, tá tudo certo. E essa pessoa, ela me chamava pelo nome completo, às vezes. Tipo, eu percebi, nossa, mas não é que eu não me importo. É que isso me incomoda. **Tipo, isso realmente me incomoda, não é simplesmente indiferença. Isso realmente me incomoda.** (Cristian, 2025)*

Na terapia, buscando desenvolver autoconhecimento, Cristian não teve uma recepção adequada.

Eu tive um feedback ruim com minha psicóloga. Por quê? Porque ela dizia que não, que o que eu tô sentindo, na verdade, é porque eu sou lésbica, porque eu não gosto de homens, é porque... Só que, mesmo não sabendo as terminologias, não sabendo tudo o que eu sei hoje, eu entendia que não, eu gosto dessa pessoa, eu realmente gosto dessa pessoa. Só que algumas coisas que ela faz comigo que eu não gosto. E, tipo, eu não acho que isso diz respeito sobre minha sexualidade. Eu acho que é eu, sabe? [...] Sempre foi uma guerra lá em casa, né? Porque minha mãe sempre me dizia que eu era, tipo assim, ah, não tinha jeito, sabe? Que eu não tinha jeito, que eu não me alinhava, que eu não me vestia direito, que eu... Que ela já sabia que eu não ia ter jeito, sabe? (Cristian, 2025)

Cristian afirma que sua relação com sua mãe melhorou muito nos últimos anos, mas que, no início, existia uma dificuldade na relação dos dois. Que acredita que sua mãe compreendia que existia alguma coisa diferente com ele, mas que possivelmente relacionava isso à sua sexualidade e não à sua identidade de gênero. É nesse período que Cristian decide aceitar quem é e busca explorar mais sua identidade de gênero.

*E se der errado, tá tudo bem. Porque eu pensei assim: Meu Deus, como eu vou ter certeza? Como eu vou ter certeza? Acho que todo mundo passou por essa fase, né? Bah, eu sou não binário. Não que ser não binário seja uma fase, né? Longe disso. Só que, assim, essa coisa de tipo... Ah, pra não dizer com certeza se eu sou um homem trans, eu sou não binário. Por quê? **Porque eu sei que eu não sou eu** (Cristian, 2025).*

No caminho para compreender melhor quem é, Cristian se depara com os marcadores sociais da bissexualidade e da não binariedade.

Tipo, parecia que, a cada passo que eu dava para me entender melhor, eu entrava em conflito com alguma coisa da minha vida. Entrava em conflito com o que a minha mãe acreditava ser melhor pra mim. Com o que meu pai acreditava ser melhor pra mim. Com a religião que eu seguia na época. Com o que meus amigos pensavam sobre a minha pessoa. Então, assim, eu percebi, aos poucos, que, meu Deus, eu literalmente tô só fazendo o que convém pros outros, sabe? Porque se eu fizer realmente o que eu quero, eu sei que eu não teria esses amigos, eu sei que a minha mãe não me veria dessa forma, eu sei que eu não conseguiria isso e aquilo. E daí eu pensei: o que eu vou fazer em relação a isso? Tipo, vou continuar passivo? Vou continuar desse jeito? E aí eu fui ter a conversa com minha mãe. (Cristian, 2025)

Por ter dificuldades em explicar para sua mãe a não binariedade, Cristian opta por contar, em um primeiro momento, sobre sua bissexualidade, confissão que é recebida com certa naturalidade por sua mãe, que afirma que, mesmo não desejando isso, já sabia sobre a sexualidade de seu filho. A relação dos dois foi melhorando com o tempo e com o progressivo entendimento de sua mãe sobre sua maneira de viver a vida. Foi após o término de um namoro que Cristian resolveu dar um passo importante.

*Quando a gente terminou, foi bem, tipo, chocante pra mim. Tipo, ok! Estou dando início a tudo. Então agora eu vou falar quem eu sou. Porque eu não devo mais satisfação à sogra, à família de ninguém. Eu só devo satisfação à minha família, é isso. **Aí eu fui pedir meu nome social.** (Cristian, 2025)*

Com 14 anos, Cristian resolveu pedir seu documento de nome social. Ficou apreensivo sobre a resposta que receberia de sua mãe quando contasse como se sentia para ela.

*Aí, tipo, eu disse pra minha mãe que eu ia ficar muito feliz. Tipo assim, eu ia ficar muito feliz mesmo. Você pode continuar me chamando como está chamando em casa, só que isso iria fazer toda a diferença na minha vida. E, tipo, eu lembro que, naquele dia, foi a primeira vez que a minha mãe começou a observar que, meu Deus, eu nunca te vi tão feliz desse jeito. Sabe? Com alguma coisa. Tipo, eu nunca te vi tão empolgado, tão entusiasmado com alguma coisa. **E ela aceitou. A gente foi, ela foi junto comigo.** (Cristian, 2025)*

Na volta às aulas, aconteceu o primeiro contato de Cristian, com o nome social, e seus colegas de sala. Ao ser realizada a chamada, ele recorda que a turma imaginou que o nome chamado era o de algum colega novo.

*Ah, todo mundo ficou tipo: Eita, a pessoa mudou de nome, não sei o quê. E daí começou aqueles burburinhos, aquela coisa meio assim. Ai, eu já estava tão faceiro que meu nome estava certo, pensei assim: Posso assinar meu nome onde eu quiser. Já era **Cristian**. (Cristian, 2025)*

Com a chegada de seu aniversário de 15 anos, a mãe de Cristian desejava presentear-lo com um ensaio fotográfico, mas, para ele, o momento poderia ser um gatilho para a disforia, causando-lhe desconforto.

*Ai eu falei: Olha, não sei se eu ia gostar muito. Ai ela, tipo: Nossa, mas tudo o que eu faço pra ti, nada te agrada, não sei o quê... Tu nunca tá agradado com nada. Falei: Olha, mãe, tu entende do jeito que eu me vejo. Eu não sei, sabe? Eu não me sinto à vontade para me expor assim. **Aí ela falou: Tá, e se tu tirasse fotos de terno?** Gente, eu falei, tá falando sério? Tu me daria um terno pra eu tirar fotos? Ai ela: Olha, se tu preferir, assim teu corpo fica elegante. Ai eu: Meu Deus, eu quero um terno, eu quero fotos de terno [...] Ai tipo, gente, eu lembro que, quando chegou, foi a minha mãe que escolheu pra mim. E tipo, foi o meu primeiro terno, terno cinza. Gente, quando ela me entregou, eu chorava, chorava, porque, tipo assim, eu botei o*

*terno, botei o binder³⁹ que eu tinha na época, era bem apertado. E, tipo, gente, eu chorava, e, tipo, a minha mãe: Meu Deus, se eu soubesse, tá, se eu soubesse que te dar um terno teria te dado tanta alegria, eu teria feito isso, tipo, muito, muito antes, sabe? **E foi a partir dali que tudo em casa começou a melhorar, sabe? Tipo, que ela começou a literalmente entender o quanto aquilo ali significava pra mim. E que não era uma fase, que não era qualquer outra coisa, e que era, tipo, eu. Só isso.** (Cristian, 2025)*

Cristian relata que, após sua transição e mudança de nome, a escola passou a ser um lugar de repressão e de falta de compreensão. Durante o ensino médio, relacionou-se com um outro menino que era seu colega e constantemente sentia que o tratamento que recebiam era diferente dos outros casais da escola, que eram heterossexuais.

Nesse meu relacionamento, eu já me via, tipo assim, ó, bato o pé e digo: sou homem trans. E é isso, entendeu? E tipo, eu não vou permitir que ninguém diga o contrário. Não interessa se eu tô com binder, se eu não tô, tipo assim, não interessa. (Cristian, 2025)

O relacionamento que viveu durante o ensino médio foi conturbado. Os pais de seu namorado descobriram sobre a relação dos dois e entraram em contato com a escola, para que eles fossem mantidos longe um do outro. Foram proibidos de manter contato por Whatsapp, entre outras situações. Cristian afirma que, com o tempo, o então namorado começou a explorar outras possibilidades de gênero.

Na verdade, ele tava se descobrindo como pessoa trans. E daí o que acontece? Era muito louco, assim, porque, no último ano do ensino médio, eu trazia roupas femininas pra ele. E tipo, a gente se trocava, no caso eu já vinha de casa trocado. E ele botava vestido, saias e saía caminhando por aí com minhas roupas antigas, tá ligado? (Cristian, 2025)

³⁹ Faixa de tecido utilizada para esconder os seios.

O relacionamento terminou junto com o ensino médio. Os dois perderam contato e, pelo que Cristian sabe, hoje a pessoa com quem namorou naquele período se identifica como uma pessoa trans, não mora mais com os pais. Ele relembra que a última vez que se viram foi em um carnaval. Na ocasião, Cristian já estava namorando seu atual companheiro.

Sobre a família de seu atual companheiro, Cristian revela que o primeiro encontro foi em uma situação difícil e que, para os pais de João, seu namorado, foi um choque descobrir que o filho era bissexual. Ele conta que sua sogra decidiu ir para a terapia para conseguir lidar com a sexualidade do filho, mas que hoje o convívio e a relação deles é muito boa. Um detalhe interessante da história de Cristian é que seu sogro é, também, seu Pai de Santo, e é sobre isso que conversamos a seguir: sobre como um corpo trans é tratado na Umbanda.

*Então, quando eu conheci eles, várias situações aconteceram que indicaram que eu não teria espaço ali, sabe? Que as pessoas nascem com um espírito e esse espírito é feminino ou masculino, e a gente não tem nada que possa fazer. Inclusive, eu já tinha ido em centro de umbanda onde a espiritualidade da pessoa me dizia que meu espírito é feminino e continua ali comigo, que não ia me abandonar. E aí, um dia, numa gira, inclusive ele falou disso. Aí um dia eu pensei: Vou tirar a prova real. Vou perguntar pra uma entidade, já que ninguém tá sabendo me explicar. Aí eu sentei com ele mesmo, com o Sete Laços, que é o boiadeiro dele. Eu perguntei: Eu sou homem ou mulher? Aí ele só veio pra mim, tipo, você tá perguntando porque você tá com alguma dúvida? Falei: Não, é que eu não entendo porque tem gente que fala que eu tenho alma feminina. **Aí ele só me disse que alma não tem gênero. Tipo, não existe alma homem, alma de mulher, alma de homem. Existem almas e as pessoas complicam as coisas demais. Por isso que colocam esses nomes.** (Cristian, 2025)*

Com a resposta da entidade, Cristian fica curioso e começa a pesquisar mais sobre a religião e sobre as questões de gênero.

Até porque a gente pega muito aquela coisa de, tipo assim, a umbanda não é uma religião kardecista necessariamente, sabe? Ela segue muitas vertentes indígenas e, aqui no Brasil, por exemplo, não só aqui no Brasil, mas em outros lugares, homem e

mulher, essa ideologia binária, é uma coisa que, tipo assim, não existe, sabe? Existiam pessoas que nasciam com os dois gêneros e elas eram, muito pelo contrário, tipo, hoje a gente sofre preconceito pra caramba e a gente é ridicularizado, né? Só que, naquela época, nascer com isso, nossa! Já é foda nascer com uma alma só e o cara nasceu com duas, tá ligado? (Cristian, 2025).

Após a conversa com o Sete Laços, Cristian conta que as coisas mudaram dentro do terreiro. As entidades passaram a não errar mais os seus pronomes e a respeitar sua identidade.

Eu falei assim pra ele: Olha, se uma entidade vier falar comigo e errar, eu vou corrigir, porque tu acha que eu corrijo até meu pai, que foi quem me deu a vida, e daí não vou corrigir uma pessoa que eu nem conheço e que tá se achando a boazuda só porque ela tá ali fazendo uma coisa que era pra ser boa e tá fazendo errado. (Cristian, 2025)

Apesar dos conflitos, a presença de Cristian dentro do terreiro fez com que mudanças acontecessem. Ele relata que elas foram e são necessárias para abraçar as diferenças. Que, se o discurso que era feito sobre as questões de gênero não tivesse sido alterado, ele não estaria mais lá. Da mesma maneira que não apoia a ideia de que colocar a ancestralidade negra da religião em um lugar de apenas sofrimento e dor.

Aí que tá, faz toda a diferença, cara,. Toda a diferença. Assim, todo mundo tá ali aprendendo, sabe? Só que isso me fez perceber que muitas vezes a gente fala da religião católica, né? Mas não é só o catolicismo, é qualquer religião, é qualquer religião que se baseia em gente, porque, assim, a partir do momento que eu fui ouvido, não só eu como outras pessoas, a consciência se expandiu, sabe? E isso vai refletir em todo mundo, não só em uma pessoa. Só que, a partir do momento que a consciência de quem está regendo no momento é fechada, isso vai refletir em todo mundo ali e quem não cabe vai embora. (Cristian, 2025)

Cristian afirma não ter dúvidas de que a espiritualidade lhe faz bem, que existe bastante responsabilidade, mas que a casa que frequenta atualmente, por lhe respeitar e acolher sua identidade, tem lhe feito muito bem.

Para encerrar nossa conversa, falamos sobre a sua sexualidade. Cristian se identifica como bissexual. Atualmente namora João, também bissexual. Eles estão juntos desde antes da transição hormonal de Cristian, e um dos pontos que ele destaca são as mudanças que aconteceram na dinâmica do casal a partir da sua hormonização. De acordo com ele, a relação ficou mais leve e hoje percebe que, para além de namorado, João também é seu amigo, com o qual se sente confortável para falar o que sente e se expressar. Cristian encerra sua narrativa contando que, em relação à sua sexualidade e identidade de gênero, sua mãe é tranquila, porém está há um ano e meio sem conversar com seu pai, que não o aceita.

E aqui encerro esse recorte da história de vida de Cristian, narrada por ele.

5.5 Nós fomos os primeiros: quem é José?

José foi o primeiro homem trans com quem eu tive contato, antes mesmo de saber e de entender o que era gênero. Com ele tive trocas sobre os processos burocráticos da transição, sobre as nossas dores e as alegrias de sermos trans. Nosso encontro, reservado para a realização da pesquisa, aconteceu em minha casa por escolha de José, após seu expediente de trabalho, e nossa conversa começou comigo explicando a proposta do trabalho. Em seguida, fiz a pergunta central: **Quem é José?**

Quem é o José? O José é uma pessoa da roça, bem tranquila, mas também não me tira pra louco. Brincalhão, zueiro, mas, como disse, não me tira pra louco que o negócio inverte bem legal. Gosta de tomar uma cachaça. Cachaça não, uma cervejinha. Bem parceiro. No que for, chamou, tá indo. (José, 2025)

José tem 26 anos, afirma que se identifica como um homem trans e reconhece que, desde a infância, se apresenta de maneira masculina, mesmo que tenha demorado para se assumir. Sua apresentação social sempre foi mais masculina.

Se for nas fotos, ou quem recorda de mim, sempre um homenzinho, sempre uma criança mais puxada pro lado masculino. (José, 2025)

Por volta dos 15 ou 16 anos, José começa a entender que era, na realidade, um menino. Aos 18 anos, assume-se enquanto homem trans e, em 2019, passa pela “transição social”⁴⁰ com a retificação da documentação e início da terapia hormonal. Afirma que o processo de assumir sua identidade de gênero foi tranquilo, mas enfrentou desafios no processo burocrático de alteração de nome e sexo em sua documentação.

A troca de papelada, eu ainda tive que passar por psicólogos e psiquiatras, avaliando se é ou não é uma coisa da minha cabeça, que eu não tenho uma doença, no caso. [...] Minha sorte foi que o psicólogo e a psicóloga eram gente boa e realmente viram, tipo, escutaram as minhas histórias, pediram minhas histórias até a minha idade e tudo mais. E viram que realmente eu não era e logo, tipo, na quarta consulta, cada um liberou o laudo, no caso, que eu não sou doente da cabeça e era isso. Quem eu sou e tudo mais, foram boas, mas teve amigos meus que tiveram que passar e que não foi nada fácil. (José, 2025)

Sobre os profissionais que construíram o seu laudo, José afirma que, na época, a escolha era de responsabilidade de quem solicitava a alteração do nome. Os profissionais que atenderam José eram particulares e os custos foram todos pagos com dinheiro próprio, bem como a solicitação dos demais atestados que, até hoje, são solicitados para realizar a retificação. Avaliando com as lentes atuais seu processo de retificação, José se frustra.

⁴⁰ O termo faz referência aos processos sociais que compõem a transição, uma vez que a transição de gênero contempla diversas esferas, entre elas a social.

Cara, na época, o bobalhão que é de 18, 19 anos, foi de boa, mas, hoje em dia, parando, olhando, pensando... Mano, pra que toda essa baboseira pra tu entender que não é só trocar o teu nome, é tua identidade, é um papel e, só pra mudar isso, tu tem que passar um puta preconceito e pagar. Não é o dinheiro, mas é pagar pra fazer tudo, tá ligado? Isso ali foi bucha⁴¹. Pensando nos dias de hoje, foi bucha, mas, naquea época, a única coisa que eu queria saber é trocar meu nome, meu sexo e ser oficialmente reconhecido, mas, de resto, é de boas, bem de boas. (José, 2025)

José afirma que, após a retificação dos seus documentos, a recepção dos outros foi tranquila. Ele passou a ser reconhecido por seu nome entre os amigos e entre os familiares que o respeitavam. Conta que, quando se assumiu enquanto uma pessoa trans, a receptividade da família foi melhor do que quando, anos antes, se assumiu enquanto uma mulher lésbica. Sobre a escolha do nome, José conta que teve uma conversa com sua mãe, sobre as possibilidades, e ficou surpreso ao descobrir que uma das possibilidades de escolha de sua mãe era, também, uma de suas opções.

Ela foi muito de boa. Eu cheguei a conversar com ela e falei: Mãe, se eu tivesse nascido um menino, o sexo e tal, que nome me daria? Ah, não sei, não teria um nome, não tenho um nome na cabeça. Eu tinha feito dois meses de troca de nome e tal e ela: Ah, se tu tivesse nascido menino, eu teria te dado o nome de Rômulo. Eu falei: Mãe, esse era um dos nomes que eu queria pra mim. Por que tu não falou? Ela disse: Sei lá, vergonha, não sei o que mais. Mas agora José combina contigo. Aí ela foi lá e só aceitou. [...] Já são seis, sete anos com a troca de nome. (José, 2025)

Questiono José sobre o processo de escolha de seu nome e ele conta que tinha cinco opções e foi experimentando cada um deles, até que encontrou o que o fazia se sentir melhor.

Cara, eu tinha cinco, né? Pietro foi a primeira tentativa. Não deu certo... Não pegou pra mim. Aí tinha Bernardo. Também não pegou... Aí eu fui pro José e combinou

⁴¹ Gíria gaúcha que significa “difícil”.

com as quatro letras do meu antigo apelido e fechou, não tem. Acho que é a minha cara, pegou, pegou geral e todo mundo respeitou. Eu me acostumei: Ah, o José lá. [...] Só ficou o nome e não tinha mais o que fazer. Quando pegou o nome, literalmente fui e troquei. (José, 2025)

Sobre ser um homem trans no Vale do Taquari, José afirma que existem muitas dificuldades, mas que sua passabilidade possibilita que ele sofra menos.

Olhando, no caso, pra mim, eu sou ainda muito respeitado, tipo, eu sou muito visto com a cara de homem e tudo mais, mas tem vezes que dá os tic-tac⁴² ali, mas eu não tenho com o que reclamar. Mas geral, pra nós homens, mulheres trans, é uma bosta, falta de respeito, não tem empatia, não tem nada, não tem uma educação, todo mundo, assim, caga e anda pra nós porque: Ah, não faz parte. Não é que não faz parte, mas o T tá de bonito ali, porque não tem homem trans, não tem mulher trans, é o sexo de vocês, que vocês nasceram e deu. (José, 2025)

José conta que percebe a transfobia, inclusive, de pessoas cis da comunidade LGB. Relata que, em seu trabalho, já sofreu preconceito de mulheres lésbicas e homens gays, além, claro, de pessoas cis hétero. Conta que, quando as pessoas percebem que ele tem peitos, as ofensas começam a acontecer, e que já cogitou fazer um Boletim de Ocorrência contra um senhor que o desrespeitou chamando-o de “moça” em seu horário de trabalho.

No meu trabalho, tipo, a transfobia, assim, quando eles percebem que eu tenho peitos, muitos ficam olhando, ficam julgando, mas ficam quietos. Mas tem um e outro que abre a boca. Eu falo: Cara, tu quer ficar batendo boca, tentar me bater, isso aqui é tudo vigiado, tudo é câmara, aí se tu tentar alguma coisa pra cima de mim, o B.O vai ser contigo, meu filho, não vai ser comigo. (José, 2025)

Pergunto para José como ele faz para lidar com as violências que sofre em seu cotidiano, se tem acesso à terapia ou a algum tipo de suporte psicológico. Ele afirma que não, que conversa muito com sua mãe sobre as suas vivências.

⁴² José utiliza essa expressão para se referir à algo como “problemas”.

Comenta que não tem dinheiro para custear o tratamento psicológico, mas que seria bom.

Mas eu consigo. Sei lá, já passei poucas e boas. Sei lá, na minha vida, sendo quem eu sou, quem eu fui ou pelo que eu já trago de casa, meu histórico de casa, então, de certo modo, eu sei lidar. Claro, de vez em quando, me atrapalha. Sei lá, dá final de semana, tô lá em cima, tu me conhece, sabe, de vez em quando eu largo na cachaça. Não, na cerveja. (José, 2025)

Atualmente, José afirma que sua relação com sua mãe é o que tem possibilitado um maior autocontrole. Conta que o processo de aceitação entre os dois foi lento, que, até os seus 22 anos, a convivência parecia impossível, mas que, com a decisão de resolverem as coisas, sentaram e conversaram.

A gente botou tudo pra fora. O que me machucava por ela, o que machucava meu nela. E ali, desde os meus 20, 22 anos, o caminho começou a andar. Hoje em dia, a gente consegue conversar. Só o meu problema é a minha irmã, a minha irmã é transfóbica. [...] Ela me respeita, hoje em dia, ela consegue me chamar de José, mas faz o quê? Meio ano que ela respeita meu nome. Sempre respeitou todo mundo que eu levava em casa, mas ela ficava de canto, olhando, mas a gente é de boas. Tô conseguindo meio que quebrar os padrões dela. (José, 2025)

José relata que atualmente não está realizando tratamento hormonal, mas que, quando fazia, utilizava hormônios clandestinos, que comprava com pessoas da academia. Conta que tem interesse em retornar ao uso, mas, desta vez com o acompanhamento médico correto, através do ambulatório especializado da cidade, porém afirma que sua carga de trabalho de segunda a sábado não permite que acesse ao serviço de saúde. Afirma que, por mais que não realizasse a hormonização com acompanhamento médico, por ser bariátrico, acessava serviços como ginecologista e fazia o acompanhamento de vitaminas, para não ter complicações futuras em decorrência da utilização dos hormônios e da cirurgia. Sobre o tratamento ginecológico, José afirma que, por mais incômodo que seja passar por esse profissional, vê o serviço como fundamental para pessoas com útero.

Cara, assim... Não é aquela coisa confortável, mas todo mundo sabe quem tem o corpo feminino vai ter que passar por isso, vai ter que fazer o exame de colo de útero. Então era de boas, porque eu sabia que tinha que passar e tinha que fazer pra ver se não tinha algum problema já pelos hormônios, porque eu já tenho histórico de caso de problema no útero, ainda mais com os hormônios junto. Então eu mantinha, fazia as coisas por fora, que não é o certo. Fazia, mas eu sempre tava dentro do quadrinho me ajeitando. (José, 2025)

As mudanças que a utilização dos hormônios proporcionaram para José fizeram com que ele se sentisse bem consigo mesmo. Dentre elas, a voz, a fisionomia, a diminuição dos seios e a definição do corpo são apontadas como as maiores diferenças. José afirma que as mudanças o fazem feliz.

Uma maravilha poder me ver um pouquinho com a cara um pouquinho mais quadrada, os ombros um pouquinho mais quadrados, diminuiu os peitos. Com certeza a menstruação que parou, agora no caso voltou⁴³, mas só de perder a menstruação foi um alívio pra mim. A pior parte eu acho que é isso. Um corpinho mais quadrado pra ver o corpo masculino e foi isso que me deixou feliz pra caralho. (José, 2025)

Faço uma provocação sobre como José acha que estaria caso não tivesse tido a coragem que teve em 2019, para se assumir e iniciar sua transição.

Sinceramente? Não sei se eu ia estar aqui. Não só pela transição. Eu sei quem eu sou, mas ali aconteceu muita coisa, naqueles anos, só que a transição foi uma coisa que me libertou muito pra eu me conhecer. Eu botei isso pra fora. Eu me conhecer e conhecer o mundo, dar a cara a tapa com as pessoas... Se eu não tivesse me botado pra fora, acho que, naquele tempo, eu não ia estar aqui nos dias de hoje. Ou, se estivesse, eu ainda continuaria sendo a pessoa fechada e carrancuda. [...] E uma coisa que me libertou foi eu me libertar pra conhecer pessoas. Antes eu não matraqueava assim não. (José, 2025)

⁴³ Por estar um período sem fazer o uso dos hormônios, o ciclo menstrual retornou.

José conta que, antes da transição, se isolava em sua casa, no interior. Não via nem convivia com ninguém a não ser sua família. A única pessoa com quem convivia era sua melhor amiga Ana, que o ajudou a se permitir viver sua verdadeira identidade. José afirma que, na roça, realiza todos os trabalhos manuais e braçais, já que é o único homem da casa.

Meu tio olhou uma vez pra mim e falou: Já que tu quer ser o homem, então tu vai ser, vai trabalhar que nem homem. Não tem problema de levar peso, não tem problema de carnear, fazer qualquer coisa. Isso não tem sexo, seja mulher, seja homem, só assumi e fui. Tiro leite, recolho ovos, se tiver, faço pasto... As coisas que vêm do galpão, mesmo, sou eu que faço. Acabou a lenha seca, vou lá pro potreiro, corto uma árvore, pego a motosserra. (José, 2025)

José e um antigo amigo iniciaram sua transição de gênero em uma época que as transmasculinidades não eram discutidas e existiam poucas referências. Ele afirma acreditar que foram um dos primeiros da região a realizar a alteração de nome e sexo no registro civil.

Já tinha, antes, homens e mulheres trans, mas eu acho que, na época, [...] nós trocamos o nome no cartório, no negócio eleitoral, pediam: Como assim? Vocês estão querendo trocar de nome? Até hoje eu conheço homens e mulheres trans mas nunca trocaram de nome. Não sei dizer se eu e ele fomos os primeiros ou que deram a cara a tapa, naquela época, com a troca de nome, porque eu realmente ouvi falar de muito poucas pessoas ou nenhuma pessoa que trocou o nome. (José, 2025)

Sobre a representatividade de homens trans na época em que começou a compreender sua identidade, José afirma que o único homem trans que conhecia era seu amigo e que a referência nacional era Tarso Brandt, não identificando nenhuma referência regional.

O Pedro foi o primeiro cara trans que eu conheci. Os outros caras trans que eu conheço são depois do coletivo, depois da parada. Não tinha conhecido antes. Tinha conhecido as minas, mas os caras, não conhecia. (José, 2025)

Indago sobre como, sem referências, José compreendeu que era uma pessoa trans.

Cara, desde criança, não é só por foto, mas eu era um guri. Claro, o estilo de roupa não tem nada a ver, mas, eu, a minha mãe, eu lembro, era de segunda a domingo, segunda a segunda, era meia do Inter, calção do Inter, blusa do Inter... Era um guri cuspidor. Ganhava boneca, eu destruía, ganhava legging, roupa feminina, nossa! Eu detonava o bagulho, não dava... Agora, me dava uma camiseta de guri, me dava uma bola e uns carrinhos... Eu fazia a festa! Agora, me dava boneca, coitada... Com as bonecas eu infernizava. Eu tirava cabelo, eu pintava na frente das minhas próprias dindas, sei lá. [...] Eles começaram a entender que eu era meio assim e começaram a me dar dinheiro. (José, 2025)

Ele conta que não tem problema, atualmente, em utilizar roupas “femininas”, que fez a primeira comunhão e debutou de vestido. Afirmo ter certeza de quem é e que, se estiver com vontade e bom humor, não vê problema em utilizar peças de roupa que não costumam ser vistas como masculinas.

Sobre a sua sexualidade, José afirma que começou a entender que era diferente quando começou a se interessar por pessoas que nem sempre eram meninos, por volta dos 13 anos de idade. Em um primeiro momento, pensou ser bissexual, depois lésbica, até entender sua identidade de gênero. Atualmente se entende enquanto uma pessoa pansexual.

Eu não tenho rótulos. Eu gosto de pessoas. Tipo, eu gosto de quem tem respeito e educação [...], só que tendo educação, respeito, assim, respeitando quem eu sou, não tem problema se é homem, mulher, se é uma pessoa trans, tá ligado? (José, 2025)

José conta que eu fui um dos primeiros transmasculinos com quem ele teve contato depois de Pedro. Ele lembra que eu fui até ele para perguntar sobre as

questões burocráticas do processo de retificação de nome, há aproximadamente 5 anos. O Instagram e o Facebook foram as plataformas em que nossas primeiras trocas aconteceram.

Para finalizar comento que na época em que ele se assumiu as coisas deveriam ser diferentes e ele relata que passou por diversas situações de preconceito no Vale do Taquari, no início de sua trajetória, a violência policial entre elas. O preconceito atravessou seu corpo com diferentes roupagens, uma vez que os marcadores de sexualidade, gênero e obesidade atravessaram seu corpo em algum momento de sua vida.

“Tu é homem?” Começaram a me bater. Pode bater, eu falei, pode bater. Vai, bate, já que tu é tão homem! No que eu falei isso, acho que pegou no ego dele. Não sei, pegou em alguma coisa e ele parou de me bater, aí claro... Como é que tu vai denunciar um policial? Como é que tu vai comprovar? Fiquei quieto. [...] Nem na polícia, nem no bagulho que é pra te ajudar, tu tá salvo aqui na nossa cidade, principalmente à noite. [...] Cara, já passei poucas e boas, mas, hoje em dia, paro e penso: Não adianta ficar remoendo. Passado é passado. Mas também não passo mais, não fico mais quieto. [...] Na época, o cara não tinha muita noção, não tinha noção do que era ser trans na sociedade. Claro, tu vai estudando, tu vai aprendendo com outras pessoas, aí tu vai te impondo. Na época, eu era burrinho, não sabia de nada, mas, hoje em dia, eu não deixo. Vou atrás e dou um jeito de descobrir, não deixo mais ninguém pisar em mim, não tem mais! É isso, acho que é isso da minha vida como um cara trans, só dá-lhe! (José, 2025)

E aqui encerro esse recorte da história de vida de José, narrada por ele.

6. INFÂNCIAS, GÊNERO E O NÓS: O QUE NOS APROXIMA?

Ao registrar as linhas da vida dos sujeitos da pesquisa, diversos pontos se entrelaçaram nas narrativas. Levando em consideração os objetivos de meu trabalho, construí este capítulo para identificar a maneira com que o gênero e a construção do eu acontecem nas linhas da vida. O capítulo apresenta três

subcapítulos que abordam conceitos transversais percebidos em todas as linhas da vida dos sujeitos: as infâncias, o gênero e o nós. É importante lembrarmos que as aproximações que proponho não têm a pretensão de simplificar nem resumir as experiências, mas identificar pontos em comum nas linhas da vida que podem, ou não, ser resultado dos constructos sociais que fabricam as subjetividades e as resistências.

6.1 Infâncias: o início

Por trás das máscaras da feminilidade e da masculinidade dominantes, por trás da heteronormatividade, se escondem de fato múltiplas formas de resistência e desvio (Preciado, 2022, p.30).

Diversas são as definições para o conceito de infância. De onde eu falo, enquanto pedagogo, a infância pode ser entendida como uma condição que para sempre nos habita, está sempre presente, às vezes, em silêncio e, às vezes, ruidosa, até o momento de nossa morte (Kohan, 2015). A infância não é, ela está. A existência humana é atravessada por sua essência de diversas formas, em diversos tempos e experiências. As infâncias são múltiplas porque são múltiplas as expressões da vida humana. Kohan afirma que a infância pode ser “[...] o reino das possibilidades e da ausência de determinação” (Kohan, 2015, p. 217). Neste primeiro momento, não é essa definição de infância que irei reclamar, mas seria impossível falar do conceito sem me recordar dela nesta perspectiva.

Neste trecho da pesquisa, a infância que se apresenta é a cronológica, a fase da vida que vai do nascimento aos 12 anos de idade, aproximadamente. Durante as conversas com os sujeitos da pesquisa, fui apresentado às suas infâncias, a quem eles foram antes. Suas vivências, embora únicas, compartilham de símbolos, memórias e experiências muito parecidas. É importante, por isso, entendermos que os relatos das linhas da vida vida apresentam fragmentos da memória dos sujeitos e “[...] o que importa ao sujeito é a forma como a coisa foi vivida, ou seja, como determinada vivência pregressa compõe com os fatos e elementos afetivos atuais” (Nogueira, et al, 2017, p. 476). A infância que se apresentou nas linhas da vida é a que marca afetivamente os sujeitos que são atualmente.

Otávio recorda a primeira vez que usou uma peça de roupa masculina, com 4

ou 5 anos de idade, na casa dos primos, após um banho de chuva. Ele relata que costumava andar sem camisa durante a infância, já que seu corpo não apresentava diferenças físicas, somente genitais, se comparado ao dos primos. Otávio afirma lembrar nitidamente da sensação ao vestir a peça de roupa masculina.

Sua memória infantil é atravessada pela experiência e pela compreensão atual de sua identidade de gênero, uma vez que “[...] o passado nunca está nos lugares como passado. Sempre se faz presente, pois a memória parte sempre do presente” (Nogueira, *et al* 2017, p. 477). No presente, Otávio compreende que é atravessado pelo marcador de gênero, porém, quando criança, era apenas uma criança usando uma roupa emprestada. Será?

Butler (1993) afirma que, após a definição do sexo dada pelo poder médico, que transforma a criança (neutra) em menina ou menino, a construção dessas identidades passa pelo domínio de diferentes autoridades em diferentes espaços de tempo, com a formação de uma fronteira e a repetição das normas. A construção das identidades começa pela escolha do nome, que deve ser masculino ou feminino, pela escolha do enxoval, que deve ser adequado ao sexo do bebê, pela construção das narrativas sobre o futuro da criança que ainda não nasceu. Ao longo da infância, os papéis e as performances de gênero vão se reestruturando e apontando a direção que cada sujeito deveria seguir. Ao afirmar que se lembra da sensação de vestir a bermuda do primo, Otávio revela seu primeiro contato com a fronteira de gênero. Há um momento de estranhamento, de revelação e de contentamento por vestir um signo da “masculinidade”.

José revela algo semelhante, ao contar que desde sempre sua performance de gênero esteve mais próxima da masculina do que da feminina. Ele afirma que costumava vestir de segunda a segunda roupas de time de futebol e que se fosse presenteado com roupas femininas presenteava sua irmã com as peças ou as destruía. Relatos como esses são bastante comuns quando nos deparamos com biografias e registros de linhas da vida de pessoas trans. Neto (2021) nos conta algo semelhante:

Minha alforria vinha quando eu ia para a casa da tia Rosa, onde ela deixava eu ser esse menino, sem julgamento. Corria livre pelo quintal, sem camisa, batendo nos baldes e com a vassoura pendurada, brincando de banda. Onde ganhava as roupas do meu primo, que já não lhe serviam, e eu adorava construir a minha identidade com elas (Neto, 2021, p. 75).

Em sua maioria, as experiências infantis que extrapolam a fronteira binária de

gênero são desestimuladas. Porém, mesmo com o estabelecimentos das regras e a tentativa de engessamento dos limites de gênero, existem aqueles que irão romper e transgredir as expectativas (Louro, 2024). Otávio, José e Neto descrevem suas primeiras transgressões da norma binária e da expectativa ciscolonial sobre seus corpos infantis. Favero, Machado e Freitas (2022) dizem que a cisgeneridade pode ser considerada, também, como um ideal de “vida saudável” para as infâncias, construindo as desigualdades e se autodeterminando como o ideal de normalidade e do bem viver. Será que as infâncias dos sujeitos que transgridem os ideais de gênero podem ser consideradas como não saudáveis? O que é ser saudável?

É recorrente que pais, familiares e não raro outros adultos de convívio próximo da criança, na comunidade, na escola, em igrejas e outros espaços de seu convívio, procurem intervir para que esta se torne alguém cuja expressão e identificação de gênero estão de acordo com as normas sociais e práticas culturais de seu contexto social. Não são raros os casos em que ocorrem sanções sociais violentas, tanto simbólica quanto fisicamente, de repreensões verbais a humilhações e punições físicas, frequentemente por parte de pais, irmãos e outros familiares, no próprio âmbito doméstico (Novo, 2021, p. 322).

As linhas da vida dos sujeitos da pesquisa apresentam esse jogo de forças construído entre família e criança, através de comportamentos cerceados, da imposição de vestimentas e da utilização de adereços “femininos”, além do incentivo para que brincassem com brinquedos e brincadeiras “de menina”. Otávio relata que sua mãe o vestia sempre com roupas como “jardineira” e vestidos, além de utilizar adereços em seus cabelos, o que o deixava incomodado. José conta sobre a paixão por roupas de time de futebol que era ignorada por seus padrinhos na hora da compra de roupas para presentear-lo, o que mudou a partir de sua primeira eucaristia, quando perceberam que não adiantava, ele gostava de outras coisas e por isso passaram a lhe presentear com dinheiro.

Crianças que expressam preferências por roupas, brinquedos e comportamentos considerados inadequados para seu gênero provocam inquietação e reação dos adultos ao seu redor, pois desafiam o alinhamento desejado e esperado entre sexo e gênero para a produção de homens e mulheres como duas categorias distintas, opostas e complementares de pessoas. Ao fazê-lo, tensionam também o que se entende e se espera de uma infância “normal”, em que “meninos vestem azul e meninas vestem rosa”, ou seja, onde crianças são **passivamente** socializadas para aprender normas de gênero que seriam apenas a expressão cultural de diferenças pretensamente naturais entre os sexos (Novo, 2021, p. 320).

É aqui que entra a beleza de ser pedagogo e poder estudar as infâncias sob

outras perspectivas. Por ser assim, compreendo que crianças **não** aprendem passivamente! Elas são, *a priori*, sujeitos de direitos que constroem suas preferências e, por vezes, ao demonstrarem seus descontentamentos com as regras impostas, são vistas e julgadas como “problemáticas”, tendo seus comportamentos justificados como naturais ou como condição do ambiente em que estão inseridas (Novo, 2021), e não como puramente o que são: demonstrações de seus desejos e preferências. Cristian relata que, após compreender que era uma pessoa trans, percebeu que, desde criança, tentou se esconder da sociedade através da neutralidade, tentando camuflar quem era para não ser percebido, utilizando roupas largas e que eram confortáveis.

Podemos perceber a maneira com que as preferências de Cristian, enquanto criança, desestabilizaram as expectativas de sua mãe sobre seu futuro. Ao performar a neutralidade, ele foi visto e colocado no lugar de problemático, através da narrativa de sua mãe. Quais são os efeitos, para uma criança, em ouvir que a maneira com que deseja se vestir faz dela alguém sem rumo? Quais são os efeitos, para uma criança, ao ser submetida às amarras ciscoloniais que colocam a sua maneira de ser como pecado, como erro, como não digna de uma infância livre?

Cristian relata que, desde muito cedo, sofre de problemas com sua autoimagem e que só após compreender que era trans passou a relacionar isso à disforia de gênero. Suas questões de autoimagem fizeram com que, até os 12 anos de idade, ele já acumulasse algumas tentativas de suicídio e fosse encaminhado para tratamento psicológico, o qual teve um resultado negativo, quando analisamos sua relação com sua identidade de gênero. Após iniciar sua busca por compreender o que estava acontecendo, em sua pré-adolescência, Cristian começou a se relacionar com um colega de classe e relatou para sua terapeuta como se sentia acerca de seu relacionamento.

É interessante observarmos que a fronteira entre identidade de gênero e sexualidade ainda é muito abstrata e, pela falta de compreensão das distinções entre os dois marcadores sociais, por vezes, acabam acontecendo conflitos como o que ocorreu com Cristian e sua psicóloga, que afirmou que o que Cristian estava sentindo estaria relacionado à sua sexualidade e não com algo diferente, como a identidade de gênero.

Com 14 anos, Cristian solicita a alteração de nome que, com a aprovação da mãe, foi realizada e ele pôde cursar o ensino médio já com seu documento alterado.

Na sala de aula, porém, com o relato de Cristian, é possível perceber que há um estranhamento por parte de alunos e professores após sua alteração de nome. É interessante pensarmos, em um momento posterior, quais são as possibilidades encontradas por esse corpo trans adolescente e as possíveis violências que ele sofre. Será que a adolescência trans passa pelos mesmos processos de controle que a infância?

Ícaro nos apresenta outra perspectiva sobre as performances de gênero. Para ele, “*criança é criança*” (Ícaro, 2025) e, em alguns casos, quando acontecem coisas difíceis durante a infância, compreender as estruturas gendradas ficaria em segundo plano. Esse trecho da história de vida de Ícaro fez com que eu refletisse sobre o processo de compreensão pelo qual eu passei. Eu me entendi enquanto uma pessoa trans só com 20 anos de idade. Após muito tempo sem compreender o porquê dessa demora, foi através da terapia que pude perceber que a criança que fui passou por diversas situações estressantes e traumáticas que fizeram com que minha infância não fosse apenas sobre os processos de descoberta e construção de minha identidade. As situações às quais fui exposto, desde muito cedo, como a insegurança alimentar, um lar disfuncional e o abandono paterno, fizeram com que minha criança estivesse empenhada em manter-se viva e segura, sem tempo para compreender ou para analisar as estruturas nas quais estava inserida.

Tedesco (2022) afirma que a construção da identidade de gênero, na primeira infância, utiliza o sistema sexo/gênero e desejo como referência, através de processos de aproximações e rupturas com as normas por ele estabelecidas. Posteriormente, ao perceber que existe uma influência do outro sobre a maneira de ser e estar em sociedade, o sujeito compreende se sua identidade é ou não legitimada de acordo com as estruturas sociais. Creio que, nos casos de infâncias como a minha e a de Ícaro, a percepção da legitimidade de nossas identidades acontece mais tarde, uma vez que somos cercados por outros medos, inseguranças e questões que adiam esse processo. É imprescindível, porém, compreender que a análise que faço aqui é pontual e leva em consideração as vivências dos sujeitos da pesquisa, não podendo ser utilizada como ferramenta de homogeneização das experiências transmasculinas.

Do ponto de vista teórico que utilizo, à luz dos estudos *queer* e trans, não existe uma origem essencial para as experiências trans. As bases epistemológicas que se encarregam de fazer a análise das questões de gênero entendem o conceito

como um constructo sócio-histórico que é performado culturalmente. O estudo do gênero como uma categoria de análise não pressupõe que exista uma verdade científica para que determinadas experiências aconteçam, mas sim diferentes leituras das estruturas sociais que condicionam e que subjetivam os sujeitos às categorizações. Essa epistemologia tem o objetivo de legitimar e reconhecer as experiências que extrapolam as categorizações cis-heterossexuais.

Eu nasci uma pessoa trans (Otávio, 2025).

Assim como Otávio, eu também compreendo que nasci uma pessoa trans, porém ainda não compreendo a origem e a causalidade das experiências dissidentes de gênero e nem me interesso em compreender. O que busco é o reconhecimento de que elas são reais. Não é mais possível aceitarmos viver em uma sociedade que negue nossa existência, que condicione nossos corpos à margem e que subtraia nossos direitos básicos, como o de uma infância livre das amarras ciscoloniais que depositam seus tentáculos em nossos corpos. Os papéis de gênero, como os compreendemos atualmente, são uma construção recente da sociedade ocidentalizada branco-judaico-cristã (Banke; Tenório, 2022). Na perspectiva de Maria Lugones, “[...] ‘gênero’ não viaja para fora da modernidade colonial. Logo, a resistência à colonialidade do gênero é historicamente complexa” (Lugones, 2014, p. 939). Porém, experiências que transgridem as **normas contemporâneas ocidentais** de gênero sempre estiveram presentes na história do Brasil.

Oliveira (2018) nos apresenta as Cudinas, que são descritas de maneira pejorativa, em 1587, no Tratado Descritivo do Brasil, como pessoas nascidas com pênis que desempenhavam as funções sociais “femininas”, como o cuidado da casa, o casamento com homens e até a simulação do período menstrual. Além das Cudinas, a autora cita Xica Manicongo, que, em 1591, foi denunciada aos tribunais do Santo Ofício por exercer papéis tidos como femininos. Esses dois exemplos apresentados por Oliveira poderiam ser seguidos por diversos registros de outras experiências de “gênero”⁴⁴ registradas em outras sociedades e culturas, como as

⁴⁴ Aqui opto por utilizar aspas uma vez que o conceito de gênero é posterior ao período no qual as experiências aconteceram. Sendo assim, a categoria de análise não pode ser empregada sem correr o risco de cometer juízo de valores. Contudo, por questões de interpretação e melhor compreensão, acredito que a utilização do termo seja a mais adequada.

Hijras, na Índia, as Muxes, no México, as *Two Spirit*, nos Estados Unidos. Ainda é importante citar que Benjamin (1966 *apud* Banke; Tenório, 2022) aponta registros de experiências em tribos nativas brasileiras nas quais pessoas nascidas com vagina exerciam papéis de gênero “masculinos”.⁴⁵

Não busco aqui tecer explicações sobre a origem das experiências lidas atualmente como trans. penso que nossas vivências são tão antigas quanto a própria humanidade. Busco, através desta pesquisa, evidenciar a necessidade da quebra das amarras ciscoloniais que dominam nossos corpos, categorizando e diminuindo nossas existências à um sistema binário de vida. A desconstrução do binário revelaria a interdependência dos pólos masculino x feminino (Louro, 2024) uma vez que a própria ideia de binariedade é uma falácia.

Eu acho que não existe essa coisa de binário, entendeu? Porque somos todos não binários (Ícaro, 2025).

O binarismo, o sistema binário, na realidade, não existe. Lugones (2014) afirma que as pessoas colonizadas não são compreendidas enquanto homens e mulheres, mas enquanto machos e fêmeas. Os corpos colonizados são reduzidos à animalidade e “[a] consequência semântica da colonialidade do gênero é que ‘mulher colonizada’ é uma categoria vazia: nenhuma mulher é colonizada; nenhuma fêmea colonizada é mulher” (Lugones, 2014, p. 939). Sendo assim, compreendo o sistema binário de gênero como uma utopia. Galeano(2005) afirma que a utopia é o que nos faz andar, por isso afirmo que o sistema binário é a utopia cis-heterocolonial que faz com que o cis-heterocolonialismo avance sobre os corpos, construindo categorias de vidas não-vivíveis, marginalizadas e invisibilizadas.

Parece-me fazer sentido, para finalizar este subcapítulo, retomar o conceito de infância que apresentei no início do texto: a infância como um movimento do ser humano, que habita o tempo *aión* (Kohan, 2013), que se movimenta em um espaço que a utopia não pode alcançar: o da experiência. Nos movimentos do brincar, da fantasia, do experimentar, é este espaço que nossas crianças (quem fomos e as que estão aqui) deveriam habitar, sem se preocupar com as estruturas gendradas

⁴⁵ Novamente, relembro a importância de reconhecer essa categorização como uma ferramenta ciscolonial de controle e enquadramento dos corpos, não sendo possível afirmar que as experiências relatadas são de pessoas trans, apenas que extrapolam a compreensão ciscolonial das expectativas de gênero da época.

que enrijecem as vidas e as experiências adultas, sem ser desmotivadas, enquadradas e cerceadas pelas amarras cis-heterocoloniais. E se a infância, como tempo da experiência, é um movimento que nos acompanha durante toda nossa existência, que nós, adultos, possamos permitir que nossa criança experimente livre o mundo, sem que as amarras de gênero impeçam nosso gozo pleno pela vida.

6.1.1 Devir: um horizonte trans

Confesso: sou pessimista. Tenho dificuldade em observar o lado positivo da vida e das coisas, mas, aqui, quero empreender um movimento diferente. Eu quero mostrar a beleza das infâncias e das experiências dissidentes! Não quero que meu texto pareça ao leitor uma tragédia na qual as infâncias são sofridas e que as crianças não têm a autonomia de construir resistências em relação à sua existência no mundo. A construção das normas e a reafirmação de seu papel social leva à ideia da existência de um outro e daquele que vive na fronteira (Butler, 1993), e essa fronteira não deveria ser vista como a condenação daqueles que a habitam, mas como novas possibilidades de habitar o mundo. Para isso, retomo a noção da infância que habita o tempo *aión* para relembrar alguns trechos das linhas da vida dos sujeitos da pesquisa. A infância enquanto um movimento de experiências que não tem limites e amarras. Otávio nos conta dos momentos infantis nos quais brincava livremente, sem os tentáculos do gênero. Sem camisa, só de calcinha ou calção, corria livre, se banhava com a chuva e brincava com o barro. Os prazeres experimentados na infância trans são outros; Poder vestir as roupas que deseja, como o calção masculino de um primo, brincar com a espuma do shampoo formando uma barba no queixo⁴⁶, experimentar uma sensação tão gostosa que a memória ressignifica na vida adulta. Pergunto-me se o que percebemos aí poderia ser um devir-trans: a memória, a sensação de liberdade que atravessa o corpo de Otávio ao recordar a sensação de vestir a primeira peça de roupa masculina. O (re)encontro com seu eu infante que agora pode habitar o mundo da maneira que sempre desejou (mesmo sem compreender o que isso significa): como uma pessoa transmasculina.

⁴⁶ Quando criança, eu costumava brincar com a espuma. Formava uma barba espessa e simulava a retirada dos pelos com a lâmina de barbear que ficava no banheiro. Ainda lembro de desejar desesperadamente poder utilizar a toalha na cintura ao sair do banho, assim como os meninos que via nos filmes, mas era impedido porque precisava cobrir meus seios que cresceram cedo demais.

Para Deleuze (1997), o devir é o movimento minoritário que tem a capacidade de transformar. Ele é vivido através dos encontros com os pares, com os outros, com outras temporalidades, com quem fomos, com nossa transancestralidade. Para Neves e Lacava “O devir é da ordem do desejo, da criação, dos fluxos, da aliança, da cinética dos corpos (Neves; Lacava, 2020)”. O devir-trans, na perspectiva que irei propor, é a manifestação das resistências e do desejo de resistências intimamente vividos pelas pessoas que transgridem as normas de gênero.

Neves e Lacava (2020) partem do devir-mulher quando descrevem sua interpretação do devir-trans. Para eles, as práticas revolucionárias das mulheridades, em relação às amarras de gênero, fazem com que exista uma aproximação entre os dois devires, sendo o primeiro a “mola propulsora” do segundo. Eu concordo em partes. É inegociável o caráter disruptivo adotado pelo devir-mulher nas experiências gendradas, porém o gênero não é tensionado pela primeira vez na vida adulta dos sujeitos. Onde acontecem os primeiros tensionamentos de gênero? Na infância! Nas brincadeiras em que os papéis de gênero não existem ou são reforçados e aprendidos. É na infância que temos os primeiros contatos com as expectativas binárias e que realizamos os primeiros movimentos disruptivos ou de assimilação dos papéis de gênero. Por isso proponho olhar o devir-trans a partir do devir-criança, desse movimento infante. O “Devir-criança é movimento que transcende a dualidade adulto/criança. Entra na zona de vizinhança entre um corpo adulto e um corpo criança e dissolve as formas ao experimentar um plano de imanência de outras vidas possíveis” (Voss; Camozzato; Corrêa, 2021, p. 104). O devir-trans, na mesma medida, é o movimento que transgride as normas e as expectativas de gênero. É um movimento que acontece no encontro com o outro e nos diferentes movimentos de experimentação do gênero.

Cristian relata que, ao compreender-se trans, percebe que, desde criança, tenta romper com as normas gendradas que o cerceiam

E daí, cara, literalmente, eu percebi que, desde que eu sou criança, a minha expressão de gênero sempre foi tentar parecer, tipo, nada, sabe? (Cristian, 2025)

Já adulto, ele toma consciência dos movimentos infantis que escapavam das

estruturas sociais de gênero. Aí está o devir-trans, que também é um resgate daquilo que fomos, o encontro com sua transancestralidade, o eu criança trans que rompia e que segue rompendo com as expectativas projetadas sobre seu corpo.

O devir-trans está presente nos movimentos de resistência que nos atingem ao longo de nossas vidas. José afirma que, desde sempre, em fotos e na memória das pessoas, sua performance de gênero era masculina. A sua recusa em utilizar roupas “femininas”, é um movimento de devir-trans que constrói sua identidade e sua capacidade de resistir ao ciscolonialismo. O devir-trans, assim, pode ser percebido nos movimentos de resistência que não são lineares e que nos atravessam ao longo da vida. Eles podem ou não ser originados na infância, mas, assim como o devir-criança, pulsam vivos em nossas existências. É através das experiências de devir-trans que nos (re)conectamos com nós mesmos, experimentando os papéis de gênero de acordo com o que melhor nos cabe. Por isso proponho entender o devir-trans como um processo ininterrupto de criação e ressignificação das estruturas de gênero, no qual as infâncias, a memória e o corpo se entrelaçam e constroem novas possibilidades de existência.

6.2 O gênero: eu no mundo

A palavra homem, pra mim, ela tem sentidos que, às vezes, eu acho que não se adequam à pessoa que eu sou (Cristian, 2025).

Como nós, pessoas dissidentes, ressignificamos as estruturas de gênero? Quais tecnologias (Preciado, 2022) utilizamos para que nossos corpos sejam construídos de acordo com o que desejamos? Precisamos modificar nossos corpos para que as fronteiras de gênero sejam tensionadas? O presente subcapítulo é a tentativa de compreender de que maneira os sujeitos da pesquisa se constroem dentro da sociedade gendrada, quais experiências com as amarras ciscoloniais já viveram e quais são as suas expectativas sobre o seu próprio corpo trans.

Ribeiro (2023) nos diz que a compreensão de que há algo de diferente em nossas vivências parte da constatação de que não somos mulheres e, se não somos mulheres, o que somos? Otávio afirma que, no início, se assumiu como uma

mulher lésbica, viveu por anos sem compreender o motivo de sempre sentir um incomodo, um vazio, uma vez que afetiva e sexualmente estava satisfeito.

Mas eu não me sentia bem. Sempre um buraco, um vazio. E eu me questionava, na época eu não fazia terapia, eu era bem jovem. E eu sempre me questionava por que eu ainda sinto um vazio, uma sensação... (Otávio, 2025)

A partir do momento em que sentimos esse desconforto de habitar certo lugar social, tencionamos a fronteira entre a matriz binária de gênero e “[...] o modo como meu [nosso] corpo vinha ganhando sentido no mundo, o modo como os múltiplos agenciamentos e as identificações estavam delineando minha [nossa] subjetividade” (Ribeiro, 2023). Mas, se não somos mulheres, o que somos?

De acordo com Banke e Tenório (2022), a popularização das linhas da vida de homens trans e pessoas transmasculinas aconteceu por conta dos vídeos produzidos no Youtube mundialmente. Na tentativa de compreender e nomear o que estavam sentindo, Cristian, Ícaro e Otávio, assim como eu, buscaram na internet, através de plataformas como Facebook, Youtube e Instagram, referências e respostas. E foi através dos vídeos de relato das linhas da vida das pessoas trans que passamos a compreender melhor sobre o assunto e sobre a comunidade.

Otávio e Ícaro afirmam que foi através de canais de youtube de homens e mulheres trans que começaram a compreender melhor suas questões de gênero. Otávio conta que ao assistir os vídeos de pessoas trans se assumindo ele conseguia entender o que eles estavam sentindo e ficava feliz por isso. Ícaro nos conta que foi através de canais no YouTube e no instagram que começou a compreender a necessidade e a importância de nos aceitarmos como somos: corpos trans. Segundo ele foi a partir destes conteúdos que ele compreendeu que nossas existências não precisam ser baseadas nas existências experiências cis, já que **não somos cis**(ainda bem).

Diferente de Otávio e Ícaro, Cristian relata que o que encontrou na internet fez com que ele pensasse em um primeiro momento que as experiências trans fossem, na realidade, uma patologia, algum tipo de dissociação entre corpo e mente, somente mais tarde que ele passou a compreender que sua experiência não está relacionada à isso de maneira nenhuma. José conta um pouco do meu processo de descoberta de minha identidade, ele foi a primeira pessoa trans com

quem conversei e foi através do Instagram que fiz o primeiro contato, foi com ele que compreendi que o que eu estava sentindo era natural e que havia uma possibilidade de existência na qual eu poderia acolher esse sentimento.

Os quatro relatos trazem o papel da internet nos processos de compreensão e construção de si de Otávio, Ícaro, Cristian e do meu, aqui narrado por José. De acordo com Banke e Tenório (2022), até 2010, os discursos sobre os corpos e as vivências transmasculinas eram difíceis de ser encontrados e as características dessas experiências giravam em torno das tecnologias de gênero utilizadas para modificações corporais, sem um aprofundamento do debate. Além disso, “[n]ão havia repertório simbólico para explicar ou expressar nossa subjetividade. Muitos de nós vivíamos sufocados e éramos completamente invisíveis” (Banke; Tenório, 2022, p. 88). Os autores ainda afirmam que a interação entre os sujeitos quase não acontecia e o diálogo entre comunidade de homens e mulheres trans não era recorrente.

Apesar de semelhantes, os quatro relatos se diferenciam no teor das respostas encontradas nas plataformas. Enquanto Otávio e Ícaro encontraram respostas em relatos pessoais de homens e mulheres trans influenciadores, que expunham suas vidas e experiências na internet, auxiliando na autopercepção e aceitação, Cristian se deparou com um texto patologizante sobre a transexualidade. É importante ressaltar que, no momento em que Cristian começa a busca por compreensão de si, ele tinha apenas 12 anos, ou seja, era uma criança. Qual é o peso de ler, aos doze anos, que a sua autopercepção é uma doença, uma dissociação?

José relata um pedaço da minha própria história de vida. Quando comecei a compreender que não era uma mulher e ainda não entendia o que estava acontecendo, busquei referências nos sujeitos que me cercavam territorialmente. A internet serviu como uma ponte entre minha autopercepção e a comunidade LGBTQIAPN+ de meu território. Louro afirma que, “[n]a construção da identidade, a comunidade funciona como o lugar de acolhida e de suporte - uma espécie de Lar” (Louro, 2024, p. 30). Foi na comunidade LGBTQIAPN+ e através dela que tive os primeiros contatos com a população transmasculina da região.

Ribeiro questiona: “Qual é o papel do corpo no reconhecimento e na afirmação da masculinidade?” (Ribeiro, 2023, p. 57). E, assim como nos sujeitos da pesquisa de Ribeiro (2023), Otávio, José, Cristian e Ícaro também relatam uma

maior facilidade de transitar entre as fronteiras de gênero durante a infância, mas, após a puberdade e a compreensão de sua identidade trans, os quatro optam por recorrer às tecnologias de gênero para modificar seus corpos e suas expressões de gênero.

Um dos primeiros momentos de contato com as fronteiras de gênero acontece com as roupas. As linhas da vida narradas por Cristian, Otávio e José relatam a satisfação em poder vestir as roupas que desejavam. Otávio recorda da primeira vez que utilizou roupas masculinas, um calção emprestado de seu primo. José afirma que sua roupa preferida eram camisetas e calções de time.

Durante a infância, será que temos a consciência das significação que as roupas carregam como demarcadores sociais de masculinidade ou feminilidade? O desejo por utilizar roupas “masculinas” Ribeiro(2023) me faz questionar: Será que esse desejo infantil é pelo poder de performar a masculinidade vista nos outros ou uma tentativa de transgressão do poder regulador que as roupas exercem sobre os corpos e a sexualidade femininas? Diferente dos registros anteriores, Cristian apresenta um relato de um momento em que já estava consciente sobre sua dissidência de gênero. Na sua pré-adolescência, sua mãe ofereceu um ensaio fotográfico como forma de comemoração aos seus 15 anos, ele negou a proposta, afirmando que não se sentiria confortável com a situação. Então ela propôs que Cristian usasse um terno para realizar o ensaio.

Ao vestir o terno pela primeira vez, Cristian entra em êxtase, chora de felicidade o que fez com que sua mãe percebesse o quão significativo era para ele este momento e poder utilizar esse tipo de roupa. O reconhecimento de sua mãe, através da validação de seu desejo de utilizar roupas masculinas, fez Cristian experimentar o que podemos entender como euforia de gênero. Butler afirma que “[a]lgumas vezes, uma concepção normativa de gênero pode desfazer nossa personalidade, sabotando nossa capacidade de perseverar em uma vida vivível” (Butler, 2022, p. 11). Ao vestir seu terno, Cristian passa por um ápice da euforia de gênero, experimenta a transgressão da normatividade de gênero, o que me leva a pensar que esse é um dos momentos que possibilitam a sua perseverança por uma vida vivível em um movimento de devir-trans. É, também, a partir desse momento, que a relação dele com a sua mãe passa a ser mais fácil, porque ela compreende que a sua recusa em usar roupas “femininas” tem a raiz em um sentimento muito mais profundo do que apenas gostos estéticos. Butler ainda afirma que,

[s]e parte do que o desejo quer é conquistar reconhecimento, então o gênero, na medida em que é animado pelo desejo, vai querer o mesmo. Mas, se os esquemas de reconhecimento disponíveis são aqueles que “desfazem” a pessoa no momento em que este é concedido ou recusado, então esse reconhecimento se torna um lugar de poder pelo qual o humano é produzido diferencialmente. Isso significa que o desejo, quando implicado em normas sociais, encontra-se amarrado à questão do **poder** e ao problema de quem é ou não qualificável como um ser reconhecidamente humano (Butler, 2022, p. 13 grifo meu).

O que me faz pensar em Ícaro, quando afirma que cortou o cabelo e toma cuidado com as roupas que usa em tentativas de fazer com que as pessoas parem de errar os seus pronomes. Em determinado momento ele opta por cortar seu cabelo bem curto, afirmando que não suportava mais ser confundido na rua, mesmo gostando de sua aparência com cabelos compridos.

O poder ciscolonial sobre os corpos é exercido nas relações e afeta diretamente a maneira com que somos levados a entender o que é certo ou errado, o que podemos ou não fazer. Se somos pessoas transmasculinas, para a ciscolonialidade, precisamos nos aproximar ao máximo da performance, dos trejeitos e dos comportamentos dos homens cis, para que sejamos, assim, minimamente reconhecidos como sujeitos de direitos, como humanos. Mesmo assim, nem sempre nos é garantido esse título. Mas não tem que ser assim. Nossos corpos não estão aqui para seguir a matriz cis-heterocolonial. Nós queremos romper com a lógica binária para que possamos ser, amar e viver da maneira que nos sentimos confortáveis.

Lugones (2024) afirma que as nossas existências (de pessoas dissidentes de gênero e sexualidade) são responsáveis por evidenciar o que os teóricos de gênero afirmam: ele é inventado, cultural e historicamente e se trata de uma categoria instável, ou seja, as fronteiras de gênero que a ciscolonialidade tenta impor aos nossos corpos, como rígidas, a-históricas e imutáveis, são, na realidade, maleáveis e se moldam de acordo com o tempo, com a sociedade, com a cultura e com a experiência individual, coletiva e interseccional de cada sujeito.

Os processos de descoberta da identidade de gênero e de construção de suas transmasculinidades são vistos por todos os sujeitos da pesquisa como movimentos de encontro consigo, como movimentos de autoaceitação e reconhecimento de quem se é. Otávio afirma que tem uma relação muito boa com seu corpo e que o único desejo que tem de alteração é a realização de sua

mastectomia. De acordo com ele, a cirurgia poderia auxiliar em seu bem estar pessoal, afirma que suas escolhas, desde que se assumiu como uma pessoa trans, são pensadas exclusivamente no seu bem estar, sem levar em consideração os desejos ou opiniões dos outros.

Da mesma maneira, Ícaro conta que sua transição é escolher sua felicidade acima de qualquer coisa, para que através dela ele possa encontrar satisfação em seu corpo e por isso tenta não se cobrar muito sobre a maneira com que experimenta as coisas. Ele afirma que é através deste processo que descobre coisas sobre si mesmo constantemente.

Eu não tô querendo imitar alguém. Eu não sou a versão 2.0 de cara cis. Eu sou eu. Pra mim não é questão de imitar ou querer ser parecido, semelhante. Eu quero ser quem eu sou. (Ícaro, 2025)

Ao começar a jornada da transição de gênero, os sujeitos parecem passar por processos de reestruturação de sua própria percepção de si, abdicando das tentativas de se enquadrarem nas amarras ciscoloniais que até então eram impostas sobre seus corpos. Preciado (2022) afirma que

[a] liberdade é um túnel que se cava com as mãos. A liberdade é uma porta de saída. A liberdade - como esse novo nome pelo qual vocês agora me chamam, ou esse rosto vagamente hirsuto que veem diante de si - é algo que se fabrica (Preciado, 2022, p. 23).

É o processo de fabricação de sua liberdade que os sujeitos da pesquisa expressam em suas narrativas. Constroem-se enquanto libertam-se das amarras de gênero cis-heterocoloniais. É através dos movimentos de construção, de apropriação e de reivindicação de sua identidade e da autonomia sobre seus corpos que os sujeitos ressignificam suas existências e experimentam a travessia das fronteiras de gênero, reafirmando o caráter maleável e mutável de tais fronteiras. “Trata-se de uma subversão molecular. Um assalto contra o poder do ego heteropatriarcal, da identidade e do nome. É um processo de descolonização do corpo” (Preciado, 2022, p. 37). É um processo pulsante de vontade de viver, de revolta e de resistência ao sistema opressor ciscolonial.

6.3 O nós: e se eu não for um homem com H?

A pergunta já não é quem somos, mas em que nos transformaremos. (Preciado, 2023, p. 40)

A transição de gênero é um processo, individual e coletivo, construído através de tecnologias de gênero (Preciado, 2022) que nos asseguram novos papéis e performances sociais, rompendo com as normas que legislam sobre nossos corpos. Pensando nisso, Butler afirma que

[...] o “eu” que sou se descobre, ao mesmo tempo, constituído pelas normas e dependente delas, mas também se empenha em viver maneiras que sustentam uma relação crítica e transformativa com elas. Não é algo fácil, porque o “eu” vem a ser, em certa medida, incognoscível, ameaçado pela inviabilidade, pelo vir a ser completamente desfeito, não mais incorporando a norma de maneira a tornar esse “eu” reconhecível de forma plena. [...] Posso sentir que não sou capaz de viver sem alguma reconhecibilidade. Porém, também posso sentir que os termos pelos quais sou reconhecida tornam a vida não-vivível (Butler, 2022, p. 15).

Ou seja, os novos papéis que o “eu” ocupa ao transgredir as normas de gênero acarretam, de certa maneira, a ocupação do espaço de vida não-vivível socialmente, uma vez que as possibilidades de existência dentro da sociedade cis-heterocolonial esperam e exigem performances e expressões de gênero que reconheçam e assimilem o sistema sexo/gênero. Como mecanismo de construção e garantia das amarras coloniais de gênero, a cisgeneridade constrói discursos que seguem os mesmos padrões reguladores apontados por Foucault (1988): o direito, a igreja e a lei civil. Porém, de forma diferente do século XVII, atualmente podem ser adicionados aos poderes reguladores a medicina e as áreas psi, na patologização, a internet e a mídia, na regulação, e propagação de ideais de corpos e experiências.

Após a transição de gênero, nossos corpos são colocados socialmente em um lugar de marginalização, de apagamento e de não possibilidade em função da matriz binária cis-heterossexual colonizadora, que molda os discursos religiosos, morais, legislativos, médicos, das áreas psi, das mídias. Isso faz com que o imaginário social, que é construído sobre as vivências e os corpos trans, veja nossas vidas como sub-humanas, como menos que humanas, como não-vivíveis (Butler, 2022). A partir disso, são construídos os discursos de ódio que fazem, por

exemplo, com que, no Brasil, sejam registrados números absurdos de crimes de ódio contra pessoas trans.

As experiências de vida narradas pelos sujeitos nos mostram que o processo de transição apresenta duas faces: ele possibilita que os sujeitos trans construam suas identidades a partir da transgressão das normas ciscoloniais, aumentando sua autoestima e seu desejo pela vida, mas também traz o enorme peso social da transfobia. Nos relatos, os desconfortos citados são **sempre** em função do preconceito sofrido a partir de terceiros, por parte da família, dos amigos ou de desconhecidos.

Na história de vida de Otávio, o medo de sofrer transfobia foi crucial para que ele adiasse por um tempo sua transição e, só depois de compreender que não conseguiria mais viver sustentando uma identidade que não lhe cabia, ele se assume. Ele ainda afirma que o processo de transição e de assumir sua nova identidade é difícil. Conta que esse sentimento existe por conta do outro, da cisgeneridade. Sua relação consigo mesmo e com a maneira que habita o mundo está muito melhor depois que transicionou. As dificuldades e os empecilhos são causadas pelo preconceito encontrado nas relações com a sociedade cis.

Ícaro, em busca de uma maior aceitação e compreensão social, confessa mudar, por vezes, a maneira como age, como performa e até mesmo suas roupas e corte de cabelo, na tentativa de fazer com que seja reconhecido socialmente por sua identidade transmasculina. Ele relata que, no trabalho, sentiu resistência de seus colegas, que eram pessoas mais velhas, para reconhecerem sua identidade e seus pronomes masculinos. Diz que, por vezes, acabava caindo em performances de gênero que não condiziam com sua identidade para convencer os outros de que ele é merecedor de respeito. Preciado (2022) afirma que, para caber e ser reconhecido no marcador social “homem”, é preciso se diluir dentro da masculinidade hegemônica naturalizada, omitindo para sempre sua dissidência. Esse movimento é percebido na narrativa de Ícaro sobre suas tentativas de ter sua identidade validada.

Em um relato profundo, que expõe as maneiras como a violência transfóbica nos faz recorrer a símbolos da masculinidade cis na tentativa de reconhecimento, Ícaro confessa que, recentemente, depois de ser confundido inúmeras vezes, optou por cortar o cabelo em um corte bem curto, mesmo odiando. Somos levados, pelo medo, pela violência, pelas restrições que nos são impostas, a adequar nossos

corpos de acordo com o que a sociedade cis-hétero entende como norma, de acordo com o que a ciscolonialidade espera de nossos corpos. Retomo a pergunta que fiz anteriormente: **Em um mundo no qual homens de seios e vulva, mulheres de barba e pênis não fossem empurrados para uma minoria marginalizada, no qual procedimentos estéticos e terapêuticos para pessoas trans fossem naturalizados, será que, mesmo assim, sofreríamos com a disforia? Ou ela está relacionada diretamente aos processos de marginalização de nossos corpos, de proibição, de exclusão e de sofrimento aos quais somos constantemente submetidos pela ciscolonialidade?**

Se eu, com meu corpo trans, me recusar a seguir as amarras binárias de gênero inventadas pela ciscolonialidade, “[s]erá que a ‘humanidade’ vai se expandir para me incluir em seu escopo?” (Butler, 2022, p. 13). Será que, em algum momento, as pessoas cis irão compreender que estão tão amarradas aos tentáculos da ciscolonialidade quanto nós, pessoas trans? Butler (2022) ainda afirma que o gênero é uma manifestação do poder social através do qual o binarismo é construído e exigido. A norma, para e a autoridade, só é possível e só se adquire esse *status* porque passa por processos de repetições através dos ritos sociais cotidianos: das performances. Dessa maneira, é possível que ela seja desconstruída, a fim de possibilitar e reconhecer a existência de experiências outras, uma vez que, se a norma é construída cotidianamente, ela também pode ser desconstruída e remodelada para que as existências outras passem a ser reconhecidas como possíveis.

7. A VIDA SEGUE: O RESSOAR DA PESQUISA

A vida segue, os dias passam, nossas existências seguem sendo questionadas... Sinto, e pude demonstrar através do que produzi nesta pesquisa, que temos um caminho muito longo e árduo pela frente... Nossa comunidade ainda

luta para ser respeitada e ter seus direitos humanos fundamentais garantidos. Eu sei, sou pessimista, mas que culpa tenho se o cenário que vislumbro é o de constante ataque aos meus? A pesquisa me deu motivos para abraçar meu lado pessimista, mas ela também foi capaz de despertar a esperança de que é possível sonhar! As (r)existências que pude registrar mostram o poder e a força das vidas transmasculinas do Vale do Taquari. Os processos individuais de transição narrados pelos sujeitos mostram que esses movimentos são pessoais e resultam em um maior desejo pela vida. Os processos são reconhecidos como movimentos de demonstração de [amor](#) próprio e de uma busca por felicidade através das transgressões e da negação do modelo binário. As dificuldades encontradas pelo caminho são, **sempre**, resultados dos processos de marginalização aos quais somos submetidos pelas amarras ciscoloniais de gênero e sexualidade, que cerceiam e tentam aprisionar nossos corpos.

Apesar das tentativas da ciscolonialidade, nossas vidas seguem! “As transmasculinidades têm muito a ensinar, e nós, homens trans e pessoas transmasculinas, fazemos isso com os nossos corpos, nossas performances transgressoras, nossas tecnologias de resistências” (Mahin, 2020, p. 60). Otávio, Ícaro, Cristian e José são a prova viva de que nossos corpos têm direitos e ocupam diversos espaços no Vale do Taquari. Nós não nascemos no corpo errado, não somos defeitos de fábrica, não somos doentes ou aberrações. Somos de carne, osso, sangue e testosterona (em alguns casos)! Somos tão humanos quanto as pessoas cis e as pessoas cis são tão humanas quanto nós. A binariedade que tanto buscam é uma farsa de um sistema que nos oprime e maltrata todos os dias. Mas que fique claro: **Não somos só dor!** Nós somos vida, somos esperança, somos potência, somos arte, somos tudo o que quisermos ser e couber no espaço entre o tempo e a experiência. Que essa pesquisa seja apenas a primeira de muitas sobre as experiências transmasculinas no Vale do Taquari e que nossa comunidade possa, cada vez mais, ser reconhecida e ocupar os espaços que são nossos por [direito](#).⁴⁷

⁴⁷ Link de acesso a Playlist com as experimentações distribuídas ao longo do texto.

Referências

ABRANCHES, Dan. GAVI. **Nem todo ouro**. Espírito Santo. 14 out 2023. (4 min 36 s) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xrs_EX5SVUM Acesso em: 29 out 2024.

ANTAY, **Júrame**. 25 jun 2021. (5 min 13 seg) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MWsty6zfJCI&list=RDGMEM2VCIgaiSqOfVzBAjPJm-ag&start_radio=1&rv=FGQaLp4TLNk Acesso em 18 nov 2025.

ANTRA. Nota da ANTRA sobre cotas e reserva de vagas em universidades destinadas às pessoas trans. 17 dez 2020. Disponível em: <https://antrabrasil.org/2020/12/17/nota-antra-cotas-universidades-pessoas-trans/>. Acesso em: 18 jun 2024.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale; DOS SANTOS BERNARDO, Jóice. CARTOGRAFIA DOS SABERES E HISTÓRIAS DE VIDA: aproximações metodológicas para a pesquisa com 'sujeitos entre mundos', na perspectiva de 'com-versar' lugares e sujeitos. **Revista Observatório**, [S. l.], v. 6, n. 5, p. a11pt, 2020. DOI: 10.20873/uft.2447-4266.2020v6n5a11pt. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/9559>. Acesso em: 10 nov. 2025.

BENEVIDES, Bruna G. **Dossiê: assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2022**. ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) – Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2023. Disponível em: <https://antrabrasil.org/wp-content/uploads/2023/01/dossieantra2023.pdf>. Acesso em: 25 abril 2024.

BENTO, Berenice Alves de Melo. **O que é transexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 2008.

BERNOCH, Sintético. São Paulo, 29 jan. 2021. (1 min 44 s) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t-J29RasN7w&t=7s>. Acesso em: 8 agos. 2024.

BRASIL. Conselho Nacional de Justiça. Provimento nº 73, de 28 de junho de 2018. Dispõe sobre a averbação da alteração do prenome e do gênero nos assentos de nascimento e casamento de pessoa transgênero no Registro Civil das Pessoas Naturais. Diário de Justiça Eletrônico / Conselho Nacional de Justiça, n.º 119, p. 8, 29 jun. 2018. Disponível em: <https://atos.cnj.jus.br/atos/detalhar/262>. Acesso em: 18 nov. 2025.

BRASIL. **Estado do Rio Grande do Sul**. Decreto nº 49.122, de 17 de maio de 2012. Institui a Carteira de Nome Social para Travestis e Transexuais no Estado do Rio Grande do Sul. Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 17 mai. 2012. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/rs/decreto-n-49122-2012-rio-grande-do-sul-institui-a->. Acesso em: 15 maio 2025.

BRITO, Daniel de. Manifesto Transfuturista. *In* PFEIL, Bruno; VICTORIANO, Nathan; PUSTILNICK, Nicolas. **Corpos transitórios**: narrativas transmasculinas. [1.ed.](#) Salvador, BA: Diálogos, 2021. p. 13-15

BUTLER, Judith. **Desfazendo Gênero**. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: Feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BUTLER, Judith. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. Caderno de Leitura, 2018. Disponível em: <https://chaodafeira.com/catalogo/caderno78/> Acesso em 29 nov 2024.

CAIO PRADO,. **Não Recomendado**. São Paulo, nov. 2017. (4 min 51 s) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=GsaR0TQNu_w. Acesso: 9 abril 2024.

CALDEIRA, Arthur. O meio e o abismo. *In* PFEIL, Bruno; VICTORIANO, Nathan; PUSTILNICK, Nicolas. **Corpos transitórios**: narrativas transmasculinas. [1.ed.](#) Salvador, BA: Diálogos, 2021. p.65-74

CHEMIN, Beatris F. Manual da Univates para trabalhos acadêmicos: planejamento, elaboração e apresentação. 5. ed. Lajeado, RS: Univates, 2023. E-book. Disponível em: <https://www.univates.br/editora-univates/publicacao/402> . Acesso em: 25 jun 2024.

CRENSHAW, Kimberle. **A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero**, 2002.p. 7-16 Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4253342/mod_resource/content/1/InterseccionalidadeNaDiscriminacaoDeRacaEGenero_KimberleCrenshaw.pdf. Acesso em: 6 ago 2024.

DOMINGUES, Luís Mahin; RODRIGUEZ, Shay de los Santos. Homens trans envelhecem? Diálogos entre transmasculinidades e envelhecimento. *In* PFEIL, Bruno; VICTORIANO, Nathan; PUSTILNICK, Nicolas. **Corpos transitórios**: narrativas transmasculinas. [1.ed.](#) Salvador, BA: Diálogos, 2021. p. 49-58

DOMINGUES, Luis Mahin. Últimas palavras: escrever para provocar novas educações sobre as formas de viver.*In* PFEIL, Bruno; VICTORIANO, Nathan; PUSTILNICK, Nicolas. **Corpos transitórios**: narrativas transmasculinas. [1.ed.](#) Salvador, BA: Diálogos, 2021. p.59-62

ESCRITAS AO ENTORNO DA CARNE. Produção Sumé Aguiar. Olhares sobre o Agora: Observatório de Favelas, Fundação Heinrich Böll e Fábrica de Imagens. Ceará. 11 jan 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DhbUd1PQcTw>. Acesso em: 1 ago 2024.

FERREIRA, Sérgio Rodrigo da Silva. **Digitalização de si e transmasculinidades**: a constituição de subjetividades gendradas e a produção de saberes no Facebook.

2020. Tese (Doutorado em Comunicação e Culturas contemporâneas) Salvador, 2020. Disponível em:
[https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/37850/1/Tese - Digitalizao de si e Transmasculinidades - FERREIRA_SRS_2020.pdf](https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/37850/1/Tese_-_Digitalizao_de_si_e_Transmasculinidades_-_FERREIRA_SRS_2020.pdf) Acesso em: 20 abril 2024.

FLOR DE MURURÉ, T-**Eu sou Flor**. Pará, nov. 2021. (4 min 21 s) Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=qZCpUMZwFZM>. Acesso em: 4 jun. 2024.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em:
<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf> . Acesso em: 4 jun. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Disponível em:
<https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/10/Pedagogia-do-Oprimido-Paulo-Freire.pdf> Acesso em: 29 ago 2024.

GALI, Felipe. Transgeneridades decoloniais: do nome morto ao nome desencantado. In PFEIL, Bruno; VICTORIANO, Nathan; PUSTILNICK, Nicolas. **Corpos transitórios: narrativas transmasculinas**. 1.ed. Salvador, BA: Diálogos, 2021. p. 151-155

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2015.

GALEANO, Eduardo. In SENADO FEDERAL. Untitled [Documento eletrônico]. Brasília: Senado Federal, s.d. 2005. Disponível em:
<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/60109/noticia.htm?sequence=1>. Acesso em: 18 nov. 2025.

GERHARDT, Ana Paula Feldens. **Teia: centro cultural, educação, economia criativa e empoderamento**. 2020. Monografia (Arquitetura e Urbanismo) Lajeado, 2020. Disponível em:
<https://www.univates.br/bdu/items/e4f4a858-13e8-4d82-b1a1-cbf803401a6f> Acesso em: 28 maio 2024.

GOULART, Vicent Pereira. **O suicídio-homicídio de pessoas trans e a cisheteronormatividade: marginalização e extermínio**. 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) Porto Alegre, 2021. Disponível em:
<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/237486/001139850.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 maio 2024.

HATJE, Luis Felipe. **Trans(formar) o nome: a constituição dos sujeitos transgêneros a partir do nome**. Dissertação (mestrado em Educação em Ciências) Rio Grande, 2018. Disponível em:
<https://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/8454/886de6fb28161d18fc606b1396692199.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 27 dez 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo demográfico 2022**. Panorama do censo. Disponível em: Panorama do Censo 2022 (ibge.gov.br). Acesso em: 02 fev. 2024.

JUNIOR, Paulo Maehler. **Safe Space**: um aplicativo de denúncias e auxílio legislativo para vítimas de violência. 2020. Monografia (Engenharia da Computação) Lajeado, 2020. Disponível em: <https://www.univates.br/bduserver/api/core/bitstreams/4844db06-cb26-4356-bc6c-3b97508f3ef7/content> Acesso em: 13 jun 2024.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p.71-109

KOCH, Jandiro Adriano. **Um baile misturado**: (sobre)vivências LGBT e negras no Vale do Taquari. Lajeado: Univates, 2017.

KOCH, Jandiro Adriano. **Produções discursivas (sobre)vivências LGBTQI no Vale do Taquari (1925 - 1999)**. 2018. (Monografia) História. Lajeado, 2018. Texto não publicado.⁴⁸

KOHAN, Walter O. Visões de Filosofia: infância. Revista ALEA: estudos neolatinos, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1517-106X/172-216> . Acesso em: 05 mai. 2022.

KREUTZ, Marcos Rogério; MACHADO, Neli Teresinha Galarce. **O povoamento do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul**. 1 ed. rev. Lajeado: Editora Univates, 2017. Disponível em: https://www.univates.br/editora-univates/media/publicacoes/223/pdf_223.pdf Acesso em: 5 abr 2025.

LABORATÓRIO DE ARQUEOLOGIA DO MUSEU DE CIÊNCIAS – UNIVATES. **A História do Vale do Taquari: vale do Taquari – uma história de longa duração**. [S.l.]: s.n., 2025. Disponível em: <https://ahistoriadovaledotaquari.com.br/> Acesso em 20 abril 2025.

LINIKER, **Baby95**. Estúdios Navegantes, Pingado Áudio e Brocal por Zé Nigro, Will Bone e Gustavo Ruiz. São Paulo. 2021. (6 min 42 seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CZwZX-QdJ0E> Acesso em 12 nov 2025

LINIKER, **Tiny Desk Brasil**. Anonymous Content Brazil. 2025. (19 min 29 seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mB64XGyZfv8> Acesso em 20 nov 2025.

LINIKER, **Veludo Marrom**. REU ENTERTAINMENT e [PURITANA.CO](https://www.puritana.co). 2024. (7 min 24 seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YFQITN1EiI0> Acesso em: 13 ago 2025.

⁴⁸ O texto foi entregue pelo autor diretamente à mim, para utilização neste trabalho. Caso exista interesse em utilizá-lo como fonte de pesquisa, entre em contato diretamente com o autor por seus contatos disponíveis na Web.

LINN DA QUEBRADA, **Oração**. Arpoador home estúdio. 2019. (5 min 59 s). Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=y5rY2N1XuLI&list=RDEMwf0XC6rY2IzEV3_MmHsAg&start_radio=1 Acesso em: 9 out 2024.

LGBT+60: Corpos que Resistem: João Nery. Produção: Yuri Fernandes. Colabora - Jornalismo Sustentável. Brasil. 17 out. 2018. 1 vídeo (6 min 6 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wABZUUpfTMY>. Acesso em: 12 jun. 2024.

LGBT+60: Corpos que Resistem: Ana Carolina Apocalypse Yuri Fernandes. Colabora - Jornalismo Sustentável. Brasil. 15 jan 2024. 1 vídeo (11 min 18 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6gkOLGNJN6o> . Acesso em: 12 jun. 2024.

LGBT+60: Corpos que Resistem: Denise Taynáh. Produção: Yuri Fernandes. Colabora - Jornalismo Sustentável. Brasil. 15 jan 2024. 1 vídeo (11 min 48 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Jj3Op7h9Gh8&list=PLgNzTb6N6XKpeXgCYXSMXEQVa9wr1x0wi&index=3> . Acesso em: 15 jan. 2025.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 4 ed. 6 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2025.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: um ensaio sobre sexualidade e teoria *Queer*. 3 ed. rev. amp.; 5 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2024.

MAGDINIER, Thomaz A. De ilegal à fraude e de fraude à pirata da (cis)temática. In PFEIL, Bruno; VICTORIANO, Nathan; PUSTILNICK, Nicolas. **Corpos transitórios**: narrativas transmasculinas. 1.ed. Salvador, BA: Diálogos, 2021. p.135-140

MAJUR, **Andarilho**. Uns Produções e Tina Tigre. 2020. (3 min 50 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=83yBqZ5riEo&list=RDEMwf0XC6rY2IzEV3_MmHsAg&index=18 Acesso em: 22 out 2024.

MASCUCETAS, **Nem a sobrelha s2**. Belo Horizonte. 2023(2 min . 43 s) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CcSIbaRoQ5M> Acesso em: 21 nov. 2024.

MASCUCETAS, **Vinte milhões**. Belo Horizonte. 2019(1 min 54 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=SDcjjpuMPp0&list=RDEMoO-79fN7-i1-kc_F9KmBUw&index=1 Acesso em: 21 nov 2024.

MATTOS, Alexandre. **Homens Trans**. 23 dez 2015. (14 min 46 seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p7dbHcMg3fo> Acesso em 23 set 2025.

MAZZARIELLO, Carolina Cordeiro; FERREIRA, Lucas Bulgarelli. "Gênero". In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2015. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/conceito/genero>

NEVES, Thiago Tavares; LACAVAL, Vyullheney Fernandes de Araújo. *Devir-trans: atravessamentos corporais, políticos e artísticos na cultura pop*. TROPÓS: Comunicação, Sociedade e Cultura, v. 9, n. 2, p. 1-23, dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/3972>. Acesso em: 12 nov 2025.

NETO, Pedro Amorim. *Correr*. In PFEIL, Bruno; VICTORIANO, Nathan; PUSTILNICK, Nicolas. **Corpos transitórios: narrativas transmasculinas**. 1.ed. Salvador, BA: Diálogos, 2021. p.75-76

NICK CRUZ, **Sol no Peito**. Rio de Janeiro: Casa do Mato. 2021. (3 min 13 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1Lg-XL9xYkA>. Acesso em: 4 maio 2024.

NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães; BARROS, Vanessa Andrade de; ARAÚJO, Adriana Dias Gomide; PIMENTA, Denise Aparecida Oliveira. O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. **Pesqui. Prát. Psicossociais**, São João del-Rei, v. 12, n. 2, abr./jun. 2017. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000200016. Acesso em: 10 nov. 2025.

NOVO, Arthur Leonardo Costa. “Mãe, Maria *nunca* existiu! Me chama de João?” Uma análise etnográfica das relações de família e medicalização nas experiências de “crianças trans”. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 60, p. 317-349, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/XyDXDZXCxXxYZs7LYNGg75Q/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 ago 2025.

NÚCLEO DE ESTUDOS EM GÊNERO E SEXUALIDADE (NUH-UFMG). **Homens trans: perspectivas e desafios**. NUH-UFMG, 2015. Disponível em: <https://www.nuhufmg.com.br/homens-trans-relatorio2.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2024.

O. GLOBO. Pela primeira vez uma pesquisa do IBGE tenta mapear a orientação sexual dos brasileiros. 26 maio 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2022/05/26/pela-primeira-vez-uma-pesquisa-do-ibge-tenta-mapear-a-orientacao-sexual-dos-brasileiros.ghtml>. Acesso em: 19 ago. 2024.

PASSOS, Eduardo, KASTRUP Virgínia, ESCÓSSIA Liliana (org.) **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PASSOS, Maria Clara Araújo dos. **Pedagogias das travestilidades**. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

PETTER, Bruna. **CAR: centro de acolhimento ressignificar**. 2020. Monografia (Arquitetura e Urbanismo) Lajeado, 2020. Disponível em: <https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/3039/2/2020BrunaPetterTCCII.pdf>. Acesso em: 19 maio 2024.

PFEIL, Bruno Latini; PFEIL, Cello Latini. Da sombra da cisgeneridade a subjetivações transmasculinas. In PFEIL, Bruno; VICTORIANO, Nathan; PUSTILNICK, Nicolas. **Corpos transitórios**: narrativas transmasculinas. [1.ed.](#) Salvador, BA: Diálogos, 2021.p.157-176

PFEIL, Cello Latini (org.) **Observatório Anderson Herzer (OAH)**: relatório das mortes e violências contra as transmasculinidades em 2023 [livro eletrônico]. Curitiba: Instituto Brasileiro de Transmasculinidade - IBRAT, 2024. Disponível em: https://revistaestudostransviades.wordpress.com/wp-content/uploads/2024/09/oah-2023_-1.pdf Acesso em: 21 nov. 2024.

POTYGUARA BARDO, **Você não existe**. Urban TV. 2017. (4 min 33 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t7XSWyHxMxk> Acesso em: 13 out 2024.

PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala**: Relatório para uma academia de psicanalistas. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto Contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie**: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

PREU, Roberto de Oliveira, BRITO, Carolina Franco. Os paradoxos da binaridade e a transexualidade como abertura a novas performatividades. **Revista de Psicologia da UNESP**, 2019. Disponível em: <https://revpsico-unesp.org/index.php/revista/article/view/308/311> Acesso em: 10 ago 2024.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, Edgardo (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 227–278. Disponível em: https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf Acesso em: 18 nov 2025.

RIBEIRO, Andressa de Freitas. **Experiências transmasculinas**: o limiar entre corpo, gênero e desejo na constituição de um sentido de si. Salvador: EDUFBA, 2023.

RODRIGUES, Esteban. **Com mãos atadas e como quem pisa em ovos**. 1 ed. Salvador: Boto-cor-de-rosa livros, arte e café, 2021.

RODRIGUEZ, Shay de los Santos. Uma breve autoetnografia de um corpo transmasculino. In PFEIL, Bruno; VICTORIANO, Nathan; PUSTILNICK, Nicolas. **Corpos transitórios**: narrativas transmasculinas. [1.ed.](#) Salvador, BA: Diálogos, 2021. p.95-110

SAINTT, Julian, MITTZ, Amanda. **Nenhum direito a menos**. 2025. (4 min 28 seg) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FGQaLp4TLNk> Acesso em 10 set

2025.

SCHWARZER, Luís Augusto. **As cores que a mídia pinta: a percepção da população lgbtqia+ do Vale do Taquari/RS sobre suas representações na publicidade brasileira.** Monografia (Publicidade e Propaganda). 2021. Disponível em: <https://www.univates.br/bduserver/api/core/bitstreams/b7991894-efe4-4d9f-bd6f-bfd9ed6f9f2f/content> Acesso em: 10 jun 2024.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721> . Acesso em: 8 out. 2024.

SILVA, Nadini da. **A (r)existência negra na contemporaneidade e a presença de docentes negros em instituições comunitárias de ensino superior – ICES do Rio Grande do Sul.** 2025. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade do Vale do Taquari – Univates, Lajeado/RS, 2025. Disponível em: <https://www.univates.br/bduserver/api/core/bitstreams/78d4cd98-ddb3-4605-8719-e9da177503ba/content>. Acesso em: 19 jan. 2026.

SUDANO. **Padrão que não é seu.** Shikaba Studio: Niterói, 2024(3 min 32 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K0Ab0HihALc> Acesso em: 19 nov. 2024.

TEDESCO, Caio de Souza. **Não se nasce homem, torna-se:** a emergência das transmasculinidades e o espaço biográfico de João Walter Nery (1950-1988). 2022. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS, 2022. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1aV3S5yidIBL8QHkOHQGzHwclPtqQSDHa/view> Acesso em: 10 mar 2024.

THEODORO, Kaique. **Ao sol.** Pelo Mar Produções: Rio de Janeiro, 2017 (3 min 54 seg) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qWweUGivtC4&list=RDEMXQavbkMgHDCFOfTD_kFZAg&start_radio=1 Acesso em: 16 nov 2025.

TRANSGENDER EUROPE, Trans Murder Monitoring Absolute Numbers, Berlim, 2024. Disponível em: <https://transrespect.org/en/map/trans-murder-monitoring/#>. Acesso em: 4 jul. 2024.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes:** uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2015. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade). Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/19685/1/VERGUEIRO%20Viviane%20-%20Por%20inflexoes%20decoloniais%20de%20corpos%20e%20identidades%20de%20Ogenero%20inconformes.pdf> . Acesso em: 19 ago. 2024.

URIAS, **Tanto Faz**. Mataderos. 2022. (3 min) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-H4UKen_ErE&list=RDt7XSWyHxMxk&index=14
Acesso em: 08 out 2024.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do Maculino: dominação das mulheres e homofobia. **Estudos Feministas**, ano 9, n 464, fev. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/WTHZtPmvYdK8xxzF4RT4CzD/?format=pdf&lang=pt>
Acesso em: 23 out 2025.

APÊNDICES

Apêndice 1 - **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**

Estimado participante,

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “E se eu não for homem com ‘h’? Narrativas de si das transmasculinidades no Vale do Taquari/RS” desenvolvida por Tainã de Souza, estudante do mestrado em Ambiente e Desenvolvimento da Universidade do Vale do Taquari - Univates, sob orientação da Professora Dr. Fernanda Storck Pinheiro e Coorientação do Professor Dr. Cândido Bronzoni de Mattos. O **objetivo geral** deste trabalho é: Compreender quais são as narrativas de si de um grupo de pessoas transmasculinas do Vale do Taquari. O convite a sua participação se deve ao objetivo geral do trabalho e aos critérios de inclusão da pesquisa, que são: ter mais de 18 anos, residir em uma cidade do Vale do Taquari, se identificar como uma pessoa transmasculina e fazer parte do coletivo TransFormar. A sua participação é totalmente voluntária e você terá plena liberdade para decidir se quer ou não participar, bem como desistir de sua participação a qualquer momento da pesquisa. No entanto, ela é muito importante para a construção da pesquisa. A sua **confidencialidade e privacidade** estão asseguradas uma vez que não serão apresentados seus dados pessoais na divulgação dos resultados da pesquisa e o material de coleta será acessado apenas pelo pesquisador e seus orientadores. A qualquer momento, durante ou após a realização da pesquisa, você poderá solicitar ao pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa através dos contatos apresentados neste Termo. A **sua participação** consistirá em uma conversa guiada por um pergunta norteadora, a qual será registrada em diário de bordo pelo pesquisador, e também, por meio de gravação de voz, sendo assim, ao assinar este Termo você deve assinalar se autoriza ou não a gravação. O **tempo de duração** da entrevista será de uma a duas horas. As **entrevistas** serão gravadas, transcritas e armazenadas em arquivos digitais, estando disponíveis apenas para o pesquisador e os professores orientadores. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução CNS n° 466/12. Após 5 anos esse material será destruído. Os **benefícios** indiretos de sua participação na pesquisa estão

relacionados com a visibilidade da população transmasculina no Vale do Taquari e com os avanços nas pesquisas desta área de estudos. Os **riscos ou desconfortos** durante a participação da pesquisa, toda pesquisa que envolve a história de vida dos sujeitos pode envolver momentos de desconforto, a presente pesquisa, por abordar diretamente a história de vida de pessoas trans pode gerar gatilhos, sendo assim, caso aconteça, poderá ser solicitado o encerramento da conversa e caso necessário o participante será orientado em como buscar auxílio psicológico via Sistema Único de Saúde. Além disso, o tempo prolongado de duração da pesquisa, pode ser considerado um risco ou desconforto, como maneira de diminuir estes riscos, serão ofertados momentos de pausa durante o encontro. Os resultados da pesquisa serão divulgados em eventos, em forma de artigos e na escrita da dissertação de mestrado. Caso deseje entrar em contato com o pesquisador para saber do andamento da pesquisa ou se tiver alguma dúvida, poderá entrar em contato pessoalmente ou através dos meios digitais como e-mail e Whatsapp. Email: taina.souza4@universo.univates.br / Whatsapp: (51) 997855933.

Este estudo está em conformidade com os preceitos éticos do anonimato, da participação voluntária, da ciência dos objetivos da pesquisa, dos cuidados com a integridade física, psicológica e social dos participantes, de acordo com as determinações da Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde e em conformidade com a Resolução CNS Nº 510 de 2016, sobre pesquisa envolvendo seres humanos.

CONSENTIMENTO: Recebi claras explicações sobre o estudo, todas registradas neste formulário de consentimento. O pesquisador respondeu ou responderá, em qualquer etapa do estudo, a todas as minhas perguntas, até a minha completa satisfação. Portanto, estou de acordo em participar do estudo. Este Formulário de Consentimento Pré-Informado será assinado por mim e arquivado na instituição responsável pela pesquisa. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade do Vale do Taquari - Univates (Coep/Univates), que atende na sala 309 do Prédio 1 do campus Lajeado, localizado na avenida Avelino Tallini, 171, bairro Universitário, CEP 95914-014, Lajeado – RS – Brasil. Fone (51) 3714-7000, ramal 5339. Endereço eletrônico: coep@univates.br.

Assinatura do Pesquisador

Lajeado, ___ de _____ de 2025.

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar

___ Aceito a gravação da conversa ___ Não aceito a gravação da conversa

Assinatura do Participante

Nome do participante: _____

Lajeado, ___ de _____ de 2025.